

CIBEC/INEP



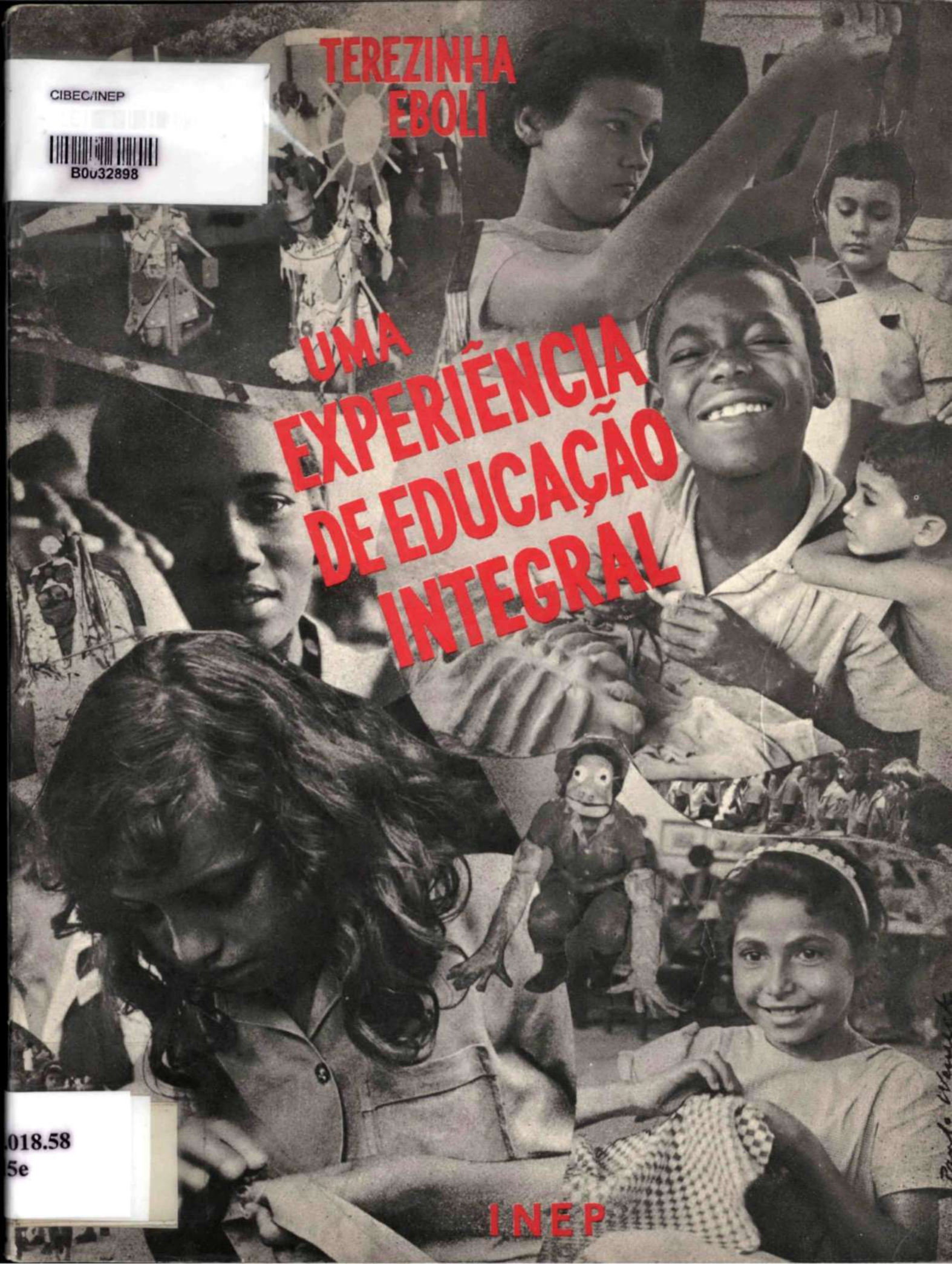
B0032898

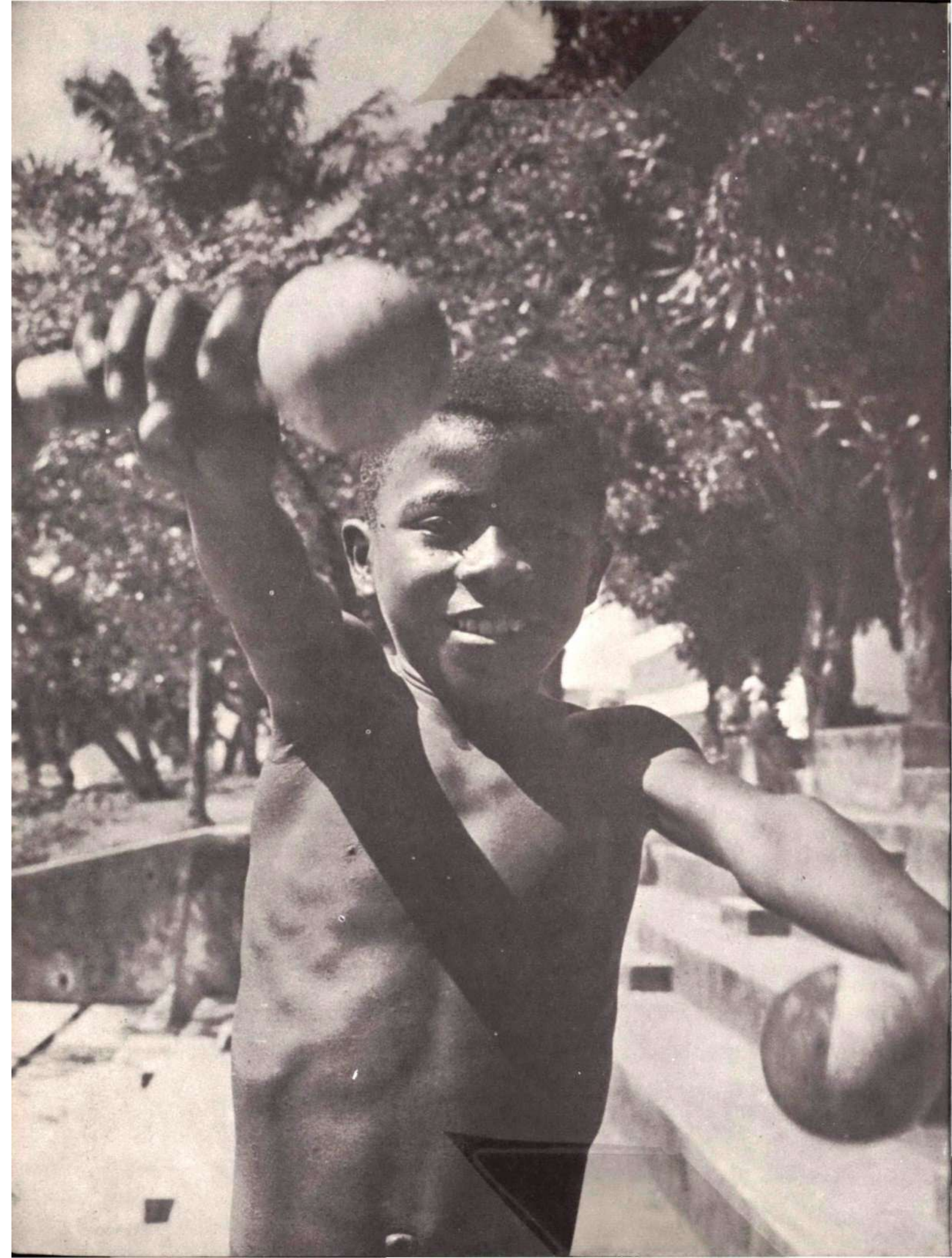
**TEREZINHA
EBOLI**

**UMA
EXPERIÊNCIA
DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL**

018.58
5e

INEP







**Uma experiência
de educação integral**

Obras da Autora

"Uma Escola Diferente" — Editora Nacional — São Paulo — 1969

"Cuentos de niños tristes" — Editora El Hondero — Santiago, Chile — 1953

"Andante tranquilo" (poesia) Edições Távola Redonda — Lisboa — Portugal — 1950

Literatura Infantil:

"Julgamento na Horta" — Prêmio de Literatura Infantil SAPS (2º lugar), 1948 — Edição Irmãos Pongetti.

"Joaninha vai às compras" — Prêmio de Literatura Infantil SAPS (1º lugar), inédito.

"O Pássaro e a feiticeira" — teatro

"João do Algodão" — teatro

"Desculpe amigo, ser tão ingrato" — teatro

"Príncipe Feliz" — adaptação para televisão do conto de Oscar Wilde — teatro

Em Preparo

"As crianças e seus livros". Estudo histórico-crítico de Literatura Infantil.

"Da Infância, do Amor e do Mar" — textos para crianças.

Fotos de HANS MANN, EDMUNDO e cedidas gentilmente pela USAID. Reprodução de fotos autorizadas.

Capa de Paulo Werneck

Composto e impresso nas oficinas do Serviço Gráfico da Fundação IBGE, em Lucas, GB — 3 463.

Uma experiência de educação integral

Centro Educacional Carneiro Ribeiro

MEC - INEP-Bahia

Terezinha Eboli

Prefácio

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro, cuja história e natureza Teresinha Eboli descreve neste livro, é o testemunho da mais eloqüente concretização de uma experiência de educação integral feita no Brasil, reunindo, no propósito do seu idealizador Anísio Teixeira, o ensino da sala de aula com a auto-educação resultante de atividade de que os alunos participam com plena responsabilidade.

Se os seus frutos confirmam as aspirações do fundador e dos que ali deram ou continuam dando parcela preciosa do seu esforço e do seu entusiasmo, bem como os prognósticos dos poucos homens de governo que, compreendendo o alcance da iniciativa, se dispuseram a ajudar a obra, somente o depoimento de professores e antigos alunos pode esclarecer. Os que tive a oportunidade de ouvir me confirmaram a densidade dos aspectos favoráveis inerentes aos trabalhos do CECR que, embora auxiliado técnica e financeiramente pelo INEP, não poderá deixar de merecer do Estado da Bahia, em troca do privilégio de tê-lo em seu território, continuado e substancial apoio de recursos materiais.

O grande mérito do CECR é o de oferecer ambiente à realização da simbiose educador-educando, eis que o ato educativo exige a integração de esforços de um e outro, a reciprocidade de intenções destinadas a um objetivo só: o florescimento e cultivo da realidade individual da criança ou do jovem, o seu amadurecimento consciente, a apreensão do sentido cultural da comunidade dos homens e a demonstração de que o ser humano, sendo naturalmente gregário, está indissolüvelmente relacionado com o universo de realidades exterior.

Com as suas escolas-classe e a escola-parque, compreendendo esta a multiplicidade das práticas educativas (teatro, biblioteca, educação física, pavilhão de trabalho, artes plásticas, jornal, rádio, banco econômico etc), o CECR constitui uma imagem viva em prol dos benefícios da educação integral, ou seja, do processo educativo que considera o educando na inteireza da sua individualidade, desenvolvendo-lhe todos os aspectos da personalidade e

procurando afirmar nele os valores maiores da pessoa humana, como a liberdade com responsabilidade, o pensamento crítico, o senso das artes, a disposição da convivência solidária, o espírito aberto a novas idéias, a capacidade de trabalhar produtivamente.

Reconhecida a validade da notável experiência pedagógica, dever-se-ia incentivar a sua implantação noutras regiões do País até que todos os municípios a tivessem.

As proporções grandiosas do seu continente físico não seriam obrigatoriamente adotadas, mas se construiriam Centros onde a filosofia e os métodos educacionais do CECR fossem aplicados e sempre aperfeiçoados. O importante é a natureza da experiência, pois os mesmos resultados se obteriam numa instituição semelhante e com número de alunos menor, relacionado à população afluyente. O CECR, estando situado no epicentro de uma área demográfica social e economicamente baixa (e a sua localização em bairro de proletários foi proposital), teve de orientar-se no sentido de abrigar milhares de educandos.

A existência do CECR conduz a reflexões em torno da escola para todos, desde que educação integral está diretamente ligada à escola pública. Como assim? Sendo a educação direito impostergável de todos e de cada um individualmente, pois cada um e todos devem participar da obra cultural, somente o Estado tem condições de oferecer a todos escola de currículo completo e dia letivo integral, isto é, escola onde o educando, dispondo de todos os meios e instrumentos de conhecimento, usufruindo condições propícias para empregá-los e vivendo por si mesmo experiências enriquecedoras, descubra as suas virtualidades e penetre no conhecimento da natureza e da humanidade que o rodeiam e o influenciam.

A escola particular, mesmo que tenha interesse na extensão e na fecundidade do currículo, somente é franqueada aos alunos de recursos. Com isso, as desigualdades sociais persistem, pois a verdadeira educação continuará privilégio da minoria.

Ninguém deixa de reconhecer que a própria estrutura política de uma nação não pode repousar sobre um povo ignorante ou de educação deficiente, que a tanto conduz a falta de escolas ou a existência de pseudo-escolas.

"A liberdade somente se pode assegurar mediante ampla distribuição de conhecimento entre o povo" já dizia HORACE MANN, o inolvidável jurista que se tornou educador, ao apresentar o seu 10º Relatório Anual, em 1846, ao Conselho Estadual de Educação do Estado de Massachusetts e no qual discutiu os princípios gerais reguladores do sistema de escolas públicas.

E hoje, fazendo um giro retrospectivo pela história universal, sentimos que a segurança do Estado vincula-se cada vez mais ao conceito e à prática da liberdade. Onde mais houver educação integral, voltada para o Homem, maior

liberdade haverá no seio da Nação, surgindo então a segurança como corolário desse clima. Não pode haver segurança sem liberdade e liberdade sem conhecimento. Portanto, a segurança depende, em última análise, de uma educação completa e livre, em cujo processo se ajudem mutuamente educador e educando, homem e sociedade, governado e governante.

Como então proporcionar o máximo de educação ao indivíduo carente de recursos a não ser na escola pública, a escola que pode realizar a harmonia social pela convivência de alunos de procedência diversa, de costumes e hábitos diferentes, de formação doméstica contraditória, ricos e pobres? A presença de crianças da mais diversa origem social e da mais distinta formação pessoal enseja um fecundo intercâmbio de vivências e sentimentos, enriquecendo a cultura de cada um pela soma de aquisições que reciprocamente se fazem indivíduos pertencentes a grupos sociais diversos. Se a educação integral visa assegurar a cada indivíduo a possibilidade de instruir-se segundo as suas capacidades, permitindo-lhe afastar-se das injunções prejudiciais do meio em que nasceu ou em que vive e entra em contacto com um ambiente mais amplo, é fácil supor que a escola particular, mesmo facultada a todos (por hipótese), não propiciaria aquêlo objetivo, pois a ela afluiriam os mesmos grupos sociais afins, levados pelo sentido natural de preservação de suas peculiaridades. Ao contrário, à escola pública iriam todos os que a quisessem e aquêles que, pós motivos econômicos, não tivessem outra alternativa. É nesse sentido que DEWEY falava da "força assimiladora" das escolas públicas.

Portanto a escola pública é a que, de um modo geral, oferece melhores condições para garantir uma educação integral a todos, pois está menos sujeita ao envolvimento de interesses pessoais dos seus dirigentes.

Por outro lado, a verdadeira escola pública (a escola comum, a escola para todos), somente pode existir plenamente num regime democrático, entendido como tal aquêlo que permite a existência do homem integral, o jogo livre de idéias e de criação artística, as experiências inovadoras em todos os campos do saber e do viver.

O homem deve ser educado não só para viver numa sociedade democrática, mas também para formar tal sociedade. Por isso, a escola (e a pública melhor do que qualquer outra) deve conduzir o indivíduo para a democracia e êste regime deve garantir ao indivíduo o pleno desenvolvimento das suas virtudes.

A sociedade precisa da escola para continuar existindo, pois, apesar da importância fundamental do lar e de outras agências não sistemáticas de educação, a escola é, por excelência, instrumento de atuação educativa da sociedade.

Considerada essa perspectiva de atuação, o CECR vem desenvolvendo eficientemente o seu trabalho, que *exige*, porém, seqüência noutra escala de

valores, a fim de que os egressos do seu "campus", formados de acordo com um sentido de vida, encontrem condições de prosseguir o seu esforço e dar vida às suas capacidades ali despertadas. É importante que haja escolas continuadoras do processo educativo do CECR, com a mesma largueza de vistas pedagógicas.

Dois singulares exemplos da humanidade — GANDHI e GABRIELA MISTRAL — vivendo em quadrantes diferentes do mundo mas com identificação espiritual de propósitos, imaginaram uma escola básica, elementar, da qual o aluno saísse não apenas instruído com soma de conhecimentos de algumas ciências e língua vernácula, mas educado com suficiente provisão de experiências e pensamento reflexivo para poder guiar-se na vida. Uma escola que acompanhasse o progredir da existência e se aproximasse cada vez mais do homem.

O próprio CECR evoluiu, procurando ajustar-se aos novos apelos da vida. Assim como as sociedades evoluem, as escolas também devem adaptar-se às transformações da época em que são chamadas a atuar, não obstante as crises geradas no fenômeno dessa adaptação.

Sobretudo hoje, quando se observam as dificuldades encontradas pela família para proporcionar às crianças, de modo satisfatório, a educação desejada e desejável, confiando em que a escola complete esse dever. E que escola pode desincumbir-se com êxito do árduo e nobilíssimo encargo senão a escola de educação integral, capaz de competir, em termos de substância, com a infinidade de influências e meios não sistemáticos de educação?

O presente livro retrata uma pioneira e valiosa experiência de escola pública de educação integral. Para escrevê-lo, não bastaria a existência da obra, com a riqueza dos seus aspectos. Era importante a sua visão por alguém imbuído do sentido de valorização do homem e de apreço à sociedade, marcante no CECR. Alguém que tivesse presenciado o seu dinamismo e o seu acontecer interno, difícil, belo e nele houvesse colaborado. Alguém de sensibilidade para avaliar a dimensão do trabalho e com entusiasmo para divulgá-lo. Uma professora, educadora e escritora.

Por essas razões e outras mais convidei Teresinha Eboli para dar o testemunho da experiência brasileira realizada no Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

Rio, dezembro de 1969,

Guido Ivan de Carvalho

índice

1 — Antecedentes históricos do Centro Educacional Carneiro Ribeiro	11
2 — Valor da experiência de educação integral	13
3 — Estrutura e Objetivos do CECR	
Visão geral do Centro de Educação Integral	
Planta do CECR	20
4 — Um dia no Centro	22
4.1. — Escolas-classe, como funcionam	22
4.2. — Serviço de Coordenação Pedagógica e Orientação Edu- cacional	27
4.3. — Escola Parque: uma pequena Universidade Infantil	35
a) A cantina — assistência alimentar	35
b) O Pavilhão de Trabalho: artes aplicadas, industriais e plásticas	39
c) Setor Recreativo	55
d) Setor Artístico	58
e) Biblioteca	65
f) Setor Socializante	69
g) Assistência material, médico-odontológica	71
Anexos	77



1. Antecedentes Históricos do Centro Educacional Carneiro Ribeiro

Aquêles que chegam a esta parte da cidade de Salvador — bairros da Liberdade, Caixa D'água, Pero Vaz e Pau Miúdo — onde se localiza o CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO, DO CRINEP¹ da Bahia, órgão do Ministério da Educação e Cultura, não imaginam, por certo, o que era aquela área em 1947. Nela se instalaram, há alguns anos, grupos de família, de baixa condição econômica, em seus casebres de alvenaria, com uma população infantil sem assistência, sem escolas, praticamente abandonada.

O governador da Bahia, na ocasião, Otávio Mangabeira, preocupado com a falta de assistência familiar e social da criança baiana, com a falta absoluta de serviços de saúde e de escolas e o conseqüente abandono da infância, vagando desocupada pelas ruas, incumbiu seu secretário da educação, Prof. Anísio Teixeira, de organizar um plano para reestruturar o sistema vigente.

O mesmo professor, há trinta e dois anos, havia feito a primeira reforma da instrução pública do Estado da Bahia, com a Lei número 1.846, de 14 de agosto de 1925, e o Decreto nº 4.312, de 30 de dezembro do mesmo ano, que aprovou o regulamento do ensino primário e normal. Em 1947, recém-chegado de um trabalho de educação na UNESCO, imbuído de profundas preocupações com a educação de nosso povo, estabeleceu, então, um segundo plano de reforma para o Estado, quando surgiu a Lei Orgânica de Educação e Cultura do da Bahia. Sua intenção era a de refazer o que havia em educação, com a sempre presente intenção democrática da ampliação da escolaridade comum c obrigatoria. Mas, havia tanto a reconstruir que as dificuldades políticas e financeiras o levaram a um plano prioritário: a criação de um centro educação popular em nível primário que funcionaria em tempo integral e como centro de demonstração para a instalação de outros semelhantes, no futuro, por toda a cidade de Salvador. Programou-se só para a capital 9 centros, que não chegaram a ser construídos. Aquela populosa área, em cujos bairros residiam agrupamentos pobres, havendo, aproximadamente, 8 mil crianças em idade escolar, apresentava as condições necessárias para implantação da grande experiência que o educador programara.

Bem mais tarde, em 1955, com o título "Um monumento na obscuridade", em reportagem publicada no *Diário da Bahia*, um jornalista constata este aspecto: "Nesse primeiro contato que tivemos com aquêles estabelecimento de ensino (Setor de Traba-

¹ Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

lho da Escola Parque já funcionando, há quase um mês), podemos observar a ordem, o asseio, o respeito, a perfeita noção do cumprimento do dever daquelas Crianças, cada qual mais compenetrada da importância que representa seu próprio trabalho, num contraste vivo com aquelas outras crianças que, ali bem próximo, vivem entregues à mais completa e prejudicial vadiagem."

Os projetos para a construção do CECR foram encomendados ao escritório de arquitetura de Paulo de Assis Ribeiro, que contou com a colaboração dos arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte. O plano de funcionamento apresentado foi considerado, na época — e ainda o é até nossos dias — excelente modelo de organização e, principalmente, corajoso, arrojado, para o sistema rotineiro e acanhado do País. Com essa bandeira de vanguarda, iniciou o grupo de trabalho, não a construção de uma escola, mas de um conjunto de prédios em que viria funcionar a mais completa demonstração de educação integral, em nível primário, da América Latina, idealizada por Anísio Teixeira.

Do projeto de construção do Centro, em linhas gerais, constavam:

- a) *Quatro Escolas-classe* de nível primário para mil alunos cada, com funcionamento em dois turnos;
- b) *Uma Escola-parque*, com sete pavilhões, destinados às chamadas práticas educativas, onde os mesmos alunos completavam sua educação, em horário diverso, de maneira a oferecer àqueles meninos o dia completo de permanência em ambiente educativo.

Havia, ainda, um plano de manter, numa residência apropriada, 5% dos meninos considerados sem lar. Essa residência foi a única parte do projeto que não se construiu.



2. Valor da Experiência de Educação Integral

Em 1950, a 21 de outubro, inaugurou-se parcialmente o Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Três escolas-classe entraram em funcionamento, em três grandes prédios, construídos em amplas áreas arborizadas, situadas em três bairros da Liberdade.

Merece transcrição aqui o discurso que o professor Anísio Teixeira pronunciou na ocasião e que constitui o documento básico do CECR. Está nele a própria filosofia do Centro; nele encontramos as diretrizes e metas a seguir na repetição da experiência, seja com menos ou mais meninos.

'Senhor Governador:

Este é o começo de um esforço pela recuperação, entre nós, da escola pública primária.

Três pavilhões — três grupos escolares — vão ser hoje inaugurados por V. Ex^a, partes integrantes de um Centro Popular de Educação, a que houve por bem V. Ex^a de designar Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em homenagem ao grande educador baiano.

A construção desses grupos obedece a um plano de educação para a cidade da Bahia em que se visa restaurar a escola primária, cuja estrutura e cujos objetivos se perderam nas idas e vindas de nossa evolução nacional.

Quando digo isto. Sr. Governador, não estou a aduzir um julgamento, mas a trazer um testemunho. Há 25 anos, era eu o diretor de instrução do Estado, em governo que, como o de hoje, parecia inaugurar

uma era de reconstrução para a Bahia. As escolas primárias passaram, então, por um surto de renovação e de incremento, mas o que é digno de nota era o seu funcionamento integral, com os cursos em dois turnos, e o programa, para a época, tão rico quanto possível.

Já se podia apreciar o começo, entretanto, de uma deterioração que se veio agravar enormemente nos 25 anos decorridos até hoje. Foi, com efeito, nessa época que começou a lavar, como idéia aceitável, o princípio de que, se não tínhamos recursos para dar a todos a educação primária essencial, deveríamos simplificá-la até o máximo, até a pura e simples alfabetização e generalizá-la ao maior número. A idéia tinha a sedução de todas as simplificações. Em meio como o nosso produziu verdadeiro arrebatamento. São Paulo deu início ao que se chamou de democratização do ensino primário. Resistiram à idéia muitos educadores. Resisriu a Bahia antes de 30. Resistiu o Rio, ainda depois da revolução. Mas a simplificação teve forças para congestionar as escolas primárias com os turnos sucessivos de alunos, reduzindo a educação primária não só aos três anos escolares de Washington Luís, mas aos três anos de "meios-dias", ou seja, ano e meio, até no grande São Paulo, aos três anos de "terços de dia", o que equivale realmente a um ano de vida escolar. Ao lado dessa simplificação na quantidade, seguiram-se, como não podia deixar de ser, todas as demais simplificações de qualidade. O resultado foi, por um lado, a quase destruição da instituição, por outro, a redução dos efeitos da escola à alfabetização improvisada e, sob vários aspectos, contraproducentes, de que estamos a colher, nos adultos de hoje, exatamente, os que começaram a sofrer os processos simplificadores da escola, a seara de confusão e demagogia.

Bem sei que não é só a escola primária fantasma, que esse regime criou, a causa do tipo de mentalidade existente em nosso País, mas é triste saber que, além de todas as outras causas de nossa singular incongruência nacional, existe esta que não é das menores, a própria escola, a qual, instituída para formar essa mentalidade, ajuda, pelo contrário, a sua deformação.

Os brasileiros, depois de 1930, são todos filhos da improvisação educacional, que não só liquidou a

escola primária, como invadiu os arraiais do ensino secundário e superior e estendeu pelo País uma rede de ginásios e universidades cuja falta de padrões e de seriedade atingiria as raias do ridículo, se não víssemos em época tão crítica e tão trágica, que aos nossos olhos, cheios de apreensão e de susto, já não têm vigor para o risco ou a sátira.

É contra essa tendência à simplificação destrutiva que se levanta êste Centro Popular de Educação. Desejamos dar, de novo, à escola primária, seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, ciências físicas e sociais, artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização — essa civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive.

Tudo isso soa como algo de estapafúrdio e de visionário. Na realidade, estapafúrdios e visionários são os que julgam que se pode hoje formar uma nação pelo modo por que estamos destruindo a nossa.

Todos sentimos os perigos de desagregação em que estamos imersos. Essa desagregação não é uma opinião, mas um fato; um fato, por assim dizer, físico, ou, pelo menos, de física social. Com efeito, muito da desagregação corrente provém da velocidade das transformações por que estamos passando. A própria aceleração do tempo de processo social produz os deslocamentos, confusões e subversões a que todos assistimos e a que temos de remediar. O remédio, porém, não é fácil, antes duro, áspero e difícil. A tentação do paliativo ou da panacéia, por isto mesmo, inevitável. E há os que, parece, estão convencidos da inevitabilidade da desagregação, pois de outro modo não se explica aceitarem tão tranqüilamente o paliativo que, no máximo, produzirá aquêlê retardamento indispensável para lhes ser poupado assistir, individualmente, à deblacle final. Pertenço, não sei se feliz ou infelizmente, ao grupo que acredita poder-se dar remédio eficaz à nossa crise, que é um

aspecto da grande crise em que se acha *tôda* a humanidade.

Se uma sociedade, como a brasileira, em que se encontram ingredientes tão incendiáveis, como os de suas desigualdades e iniquidades sociais, entra em mudança e agitação acelerada, sacudida por movimentos e forças econômicas e sociais que não podemos controlar, está claro que a mais elementar prudência nos manda ver e examinar as molas e instituições em que se funda esta sociedade, para reforçá-las ou melhorá-las a fim de que suas estruturas não se rompam ao impacto produzido pela rapidez da transformação social.

Essas instituições fundamentais são o Estado, a Igreja, a Família e a Escola. De todas elas não parece controvertido afirmar que a mais deliberada, a mais intencional, a mais dirigível é a escola. Teremos, assim, de procurar, mais diretamente, atuar nessa instituição básica que, de certo modo, entre nós, deverá suprir as deficiências das demais instituições, todas elas em estado de defensiva e incapazes de atender, com segurança e eficácia, a seus objetivos.

Ora, se assim é, a escola tem de ganhar uma inevitável ênfase, pois se transforma na instituição primária e fundamental da sociedade em transformação, e em transformação, queiramos ou não, precipitada.

Por isso é que êste Centro de Educação Popular tem as pretensões que sublinhei. É custoso e caro porque são custosos e caros os objetivos a que visa. Não se pode fazer educação barata como não se pode fazer guerra barata. Se é a nossa defesa que estamos construindo, seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para a sobrevivência. Mas aí, exatamente, é que se ergue a grande dúvida nacional. Pode a educação garantir-nos a sobrevivência? Acredito que responderão todos afirmativamente a essa pergunta. Basta que reflitamos sôbre a inviabilidade da criatura humana ineducável. Nenhum de nós discute que o anormal débil mental só pode sobreviver com o auxílio externo, não lhe sendo possível produzir, nem sequer nutrir-se sozinho. Ora, o educável ineducado repete o caso do ineducável? Não. Todos sabemos que sem educação não há sobrevivência possível. A questão é sôbre a escola e não a educação. É sôbre a escola que o ceticismo nacional asses-

ta os seus tiros tão certos e eficazes. O brasileiro não acredita que a escola eduque. E não acredita, porque a escola, que possui até hoje, efetivamente não educou.

Veja-se, pois, em que círculo vicioso se meteu a Nação. Improvisa escolas de todo jeito porque não acredita em escolas senão como formalidade social e, para preencher formalidade, de nada mais se precisa do que funcionários que conheçam as fórmulas — e porque só tem escolas improvisadas e inadequadas não acredita que escolas possam ser as formadoras eficientes de uma ordem social. Ouviu dizer, está claro, que a Alemanha foi feita pelo mestre-escola, ouviu dizer que o Japão era uma nação medieval nos fins do século passado e se transformou em uma nação altamente industrializada; ouve falar em todo o progresso ocidental dos últimos duzentos anos, sobrelevando espetacularmente o dos Estados Unidos, filho todo êle da ciência e das escolas; ouve falar que a Rússia se transformou em vinte anos e para isto fêz da escola um instrumento de poder incalculável; mas tudo isto lhe parece longe ou remoto. Em volta de si, vê escolas improvisadas ou desorganizadas, sem vigor nem seriedade, alinhavando programas e distribuindo, de qualquer modo, diplomas mais ou menos honoríficos. Como acreditar em escolas? Tem razão o povo brasileiro. E para que não tenha razão seria preciso que reconstruíssemos as escolas. É êste esforço que se está procurando aqui começar, Senhor Governador. Todo mundo sabe o que é educação. Qualquer pai ou qualquer mãe pode vir dizer-nos que coisa difícil e precária é educar. Em nossas casas, todos estamos vendo como, dia a dia, fica mais difícil exercer influência educativa sôbre os nossos filhos, arrebatados, como nós próprios, na voragem de mudanças, mutações e transformações sociais sem conta. Estas dificuldades se alargam, chegam à Igreja. Chegam ao Estado e todos se sentem diminuídos em suas forças e em suas respectivas autoridades. Só o educador profissional, preparado para o mister, com o tempo e sossego, em uma instituição especial, como a escola, poderá arcar com a tremenda responsabilidade do momento e da época. Mas, está claro, essa instituição tem que contar com meios à altura das dificuldades crescentes de sua função.

Daí esta escola, êste Centro aparentemente visionário. Não é visionário, é modesto. O começo que hoje inauguramos é modestíssimo: representa apenas um terço do que virá a ser o Centro completo. Custará, não apenas os sete mil contos que custaram estes três grupos escolares, porém, alguns 15.000 mais. Além disso, será um centro apenas para 4.000 das 40.000 crianças que teremos, no mínimo, de abrigar nas escolas públicas desta nossa cidade. Deveremos possuir, e já não só êste, como mais nove centros iguais a êste. Tudo isso pode parecer absurdo, entretanto, muito mais absurdo será marcharmos para o caos, para a desagregação e para o desaparecimento. E de nada menos estamos ameaçados. Os que estão, como cassandras, a anunciar e esperar a catástrofe e a subversão, irão fazer as escolas que deixamos de fazer para a vitória do seu regime. Se o nosso, o democrático, deve sobreviver, deveremos aparelhá-lo com o sistema educativo forte e eficaz que lhe pode dar essa sobrevivência. A inauguração, que hoje aqui se faz, alimenta essa esperança e essa ambição. Bem sei que a ambição é desmedida, mas que medida tem a sobrevivência democrática?

Uma palavra ainda sôbre a organização do que estamos a chamar de Centro de Educação Popular, organização em que apoiamos a nossa confiança em seu êxito.

Recordo-me que a construção dêste Centro resultou de uma ordem de V. Ex^a, certa vez em que se examinava o problema da chamada infância abandonada. Tive, então, oportunidade de ponderar que, entre nós, quase tôda a infância, com exceção de filhos de famílias abastadas, podia ser considerada abandonada. Pois, com efeito, se tinham pais, não tinham lares em que pudessem ser educados e se, aparentemente tinham escolas, na realidade não as tinham, pois as mesmas haviam passado a simples casas em que as crianças eram recebidas por sessões de poucas horas, para um ensino deficiente e improvisado. No mínimo, as crianças brasileiras, que logram frequentar escolas, estão abandonadas em metade do dia. E êste abandono é o bastante para desfazer o que, por acaso, tenha feito a escola na sua sessão matinal ou vespertina. Para remediar isso, sempre me pareceu que devíamos voltar à escola de tempo integral.

Tracejei, então, o plano dêste Centro que V. Ex^a ordenou fosse imediatamente iniciado. A escola primária seria dividida em dois setores: o da instrução, propriamente dita, ou seja, da antiga escola de letras, e o da educação, propriamente dita, ou seja da escola ativa. No setor instrução, manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino da leitura, escrita e aritmética e mais ciências físicas e sociais, e no setor educação — as atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual, as artes industriais e a educação física. A escola seria construída em pavilhões, num conjunto de edifícios que melhor se ajustassem a suas diversas funções. Para economia tornava-se indispensável que se fixasse um número máximo para a matrícula de cada centro. Pareceu-nos que 4.000 seria esse número, acima do qual não seria possível a manipulação administrativa.

Fixada, assim, a população escolar a ser atendida em cada centro, localizamos quatro pavilhões, como êste, para as escolas que chamamos de escolas-classe, isto é, escolas de ensino de letras e ciências, e um conjunto de edifícios centrais que designamos de escola-parque, onde se distribuiriam as outras funções do centro, isto é, as atividades sociais e artísticas, as atividades de trabalho e as atividades de educação física. A Escola-Classe aqui está: é um conjunto de 12 salas, planejada para o funcionamento melhor que fôr possível do ensino de letras e ciências, com dependências para administração e áreas de estar. É uma escola parcial e para funcionar em turnos. Mas virá integrá-la a Escola-Parque. A criança fará um turno na Escola-Classe e um segundo turno na Escola-Parque. Nesta escola, além de locais para suas funções específicas, temos mais a biblioteca infantil, os dormitórios para 200 das 4.000 crianças atendidas pelo Centro, os serviços gerais e de alimentação. Além da reforma da escola, temos o acréscimo desse serviço de assistência, que se impõe, dadas as condições sociais. A criança, pois, terá um regime de semi-internato, recebendo educação e assistência alimentar. Cinco por cento dentre elas receberão mais o internato. Serão as crianças chamadas propriamente de abandonadas, sem pai nem mãe, que passarão a ser não as hóspedes infelizes de triste orfanato, mas as

residentes da Escola-Parque, às quais competirá a honra de hospedar as suas colegas, bem como a alegria de frequentar, com elas, as Escolas-Classe.

Não poderei entrar aqui em detalhes do funcionamento, um tanto complexo, do Centro, nem das dificuldades naturais da constituição do seu numeroso e variado corpo docente. Consintam-me, entretanto, uma observação. A maior dificuldade da educação primária, que, por sua natureza, é uma educação universal, é a de obter um professor primário que possa atender a todos os requisitos de cultura e aptidão para um ensino tão vasto e tão diversificado. A organização do ensino primário em centro desta complexidade vem, de certo modo, facilitar a tarefa, sobretudo aumentada da escola elementar. Teremos os professores primários comuns para as escolas-classe e para a escola-parque, os professores primários especializados de música, de dança, de atividades dramáticas, de artes industriais, de desenho, de biblioteca, de educação física, recreação e jogos. Em vez de um pequenino gênio para tudo, muitos professores diferenciados em dotes e aptidões para a realização da tarefa sem dúvida extraordinária de formar e educar a infância nos seus aspectos fundamentais de cultura intelectual, social, artística e vocacional.

A escola primária terá, em seu conjunto, algo que lembre uma pequenina universidade infantil. Mas, de nada menos, repito, precisamos em nossa época, para ficarmos à altura das imposições que o progresso técnico e científico nos está a impor. Queramos ou não, vamo-nos transformar de uma sociedade primitiva em uma sociedade moderna e técnica. Os habitantes dêste bairro da Liberdade deixam um estágio anterior aos tempos bíblicos de agricultura e vida primitiva para emergir em pleno barato do século vinte. Ou organizamos para eles instituições capazes de lhes preparar os filhos para o nosso tempo, ou a sua intrusão na ordem atual terá o caráter das intrusões geológicas que subvertem e desagregam a ordem existente. O problema da educação é, por excelência, o problema de ordem e de paz no País. Daí, as linhas aparentemente exageradas em que o estamos planejando."



Em 1961 estava o Centro quase concluído e assim constituído:

a) Três escolas-classe, em funcionamento desde 1950.

b) A Escola-Parque, numa área arborizada de 42.000 m² com os seguintes setores: 1) pavilhão de trabalho; 2) setor socializante; 3) pavilhão de educação física, jogos e recreação; 4) biblioteca; 5) setor administrativo geral e almoxarifado; 6) o teatro de arena ao ar livre, mais tarde se construindo o último setor, o 7) artístico.

Sòmente na Escola-Parque há 6.203 m² de área construída para educação em nível primário, algo inédito, pela sua extensão e alcance na história da educação brasileira. É uma obra realmente invulgar, a primeira, talvez, que se constrói, com tais características.

Examinando a documentação que o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) colocou à disposição da autora para êste livro, ao lado das cifras do custeio da obra que, construída em nove longos anos, não prejudicou a distribuição de verba que o Instituto fazia aos outros Estados, salta-nos aos olhos atônitos a correspondência, os telegramas, os depoimentos e, afinal, tôda uma história que fica obscura nos arquivos da repartição pública: a do esforço que dispendeu um grupo de brasileiros: arquitetos, operários, educadores, engenheiros, funcionários, para chegar à concretização da obra.

No mesmo *Diário da Bahia*, o mais antigo e conceituado jornal de Salvador, em 1955, publicou-se reportagem séria sôbre a melhoria da rede escolar do Estado, que reafirma as dificuldades com que foi erguido êste Centro, um contraste vivo com os galpões improvisados, com os velhos casarões ou mesquinhos instalações escolares existentes no País: "As dificuldades financeiras que o Estado enfrentava, não permitiram o prosseguimento da obra. Como a ossatura de um animal pré-histórico, ali jazia o arcabouço do "setor de trabalho", à espera de recursos para a conclusão dos serviços. Veio, então, o MEC, através do INEP em socorro do Estado, firmando com êste, na data de 26 de agosto de 1952, convênio no valor de cinco milhões e quinhentos mil cruzeiros, depois suplementados, em épocas diversas, em mais de um



milhão, duzentos e sessenta e nove mil, sessenta e seis cruzeiros e quarenta centavos, sem se falar no fornecimento, naquele ano, de todo o equipamento, maquinaria e mobiliário, no valor aproximado de dois milhões de cruzeiros."

Tendo sido nomeado diretor do INEP em 1952 — fato que o próprio Prof. Anísio Teixeira chamou de "coincidência", foi possível então o prosseguimento e término da obra em 1962, quando entrou em funcionamento o setor artístico, com o teatro cuja capacidade é para cinco mil pessoas aproximadamente.

É uma experiência inédita de educação realizada sem auxílio ou assistência técnica estrangeira de qualquer espécie. "Tudo se fez com a prata de casa", como disse seu criador, por ocasião da III Conferência Nacional de Educação, na própria Escola-Parque, em 1967. O corpo docente é constituído de professores baianos, alguns com aperfeiçoamento nos cursos do INEP, no Rio de Janeiro, além de artistas e artesãos qualificados. A direção geral do Centro é exercida por professora formada em curso pedagógico de escola normal de Salvador e que apresenta qualidades pessoais, não só de conhecimentos da criança brasileira das diversas classes, como de cultura ambiente, da vida e de suas exigências.

Convênio de colaboração e assistência técnica entre a Secretaria de Educação da Bahia e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, assinado em 1957, contribuiu de modo considerável para o prosseguimento e manutenção da experiência, que, afinal, pelo número de meninos que atende atualmente, 3.770, tornou-se uma escola econômica para o País. Em 1966,

foi calculado em média o custo de um aluno do CECR: NCr\$ 25,00 mensais, custo esse bem inferior às mensalidades cobradas pelos jardins de infância particulares.

É, afinal, um custo mínimo, considerando-se a assistência que o aluno recebe, a educação integral, em tempo integral, com professorado especializado, em ambiente adequado. Atendendo a grande número de alunos, reduz ponderavelmente o custo *per capita*.

Um Centro de Educação primária como este exige instalações adequadas, formação especializada de seus professores e abundante material, além de condições para uma educação de qualidade, indispensáveis também a outras escolas, como as de Medicina, de técnicas profissionais etc.¹

E, só pelo fato de uma escola pretender erguer o povo de seu estágio semi-feudal para torná-lo um grupo significativo de pessoas atuantes, numa sociedade democrática; só pelo caráter de laboratório de treinamento do magistério, pela experimentação e demonstração de seu método de trabalho, o modelo para a construção da educação primária brasileira, seria razoável seu alto custo, se fosse o caso.

Justifica-se que seja alto o custo de uma escola primária quando ela representa a reforma da educação, que de sua expressão mais simples de duas horas líquidas de classe de alienada teoria se transforme, em verdadeiras comunidades, com suas múltiplas atividades, num conjunto de edificações que ofereçam aos alunos oportunidade de estudo, de trabalho, de recreação, de arte, de socialização que os levarão a se tornar cidadãos responsáveis e integrados no plano de desenvolvimento de seu país.

¹ Em funcionamento de 1950 a 1969, com dezenove anos de vida, o Centro ainda não é definitivamente aceito como solução para a nossa educação primária.

3. Estrutura e Objetivos do Centro de Educação Integral

Em 1964, a obra foi dada como terminada com a construção da Escola-classe 4, apesar de faltar construir-se a residência destinada a 5% do total das crianças, reconhecidamente abandonadas, que deveriam aí viver como se fosse a sua própria casa.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro tem 4 Escolas-Classe e uma Escola-Parque, num total de 11 prédios, e ocupa grande área do bairro da Liberdade. Esta escola está localizada no meio das outras unidades, num raio aproximado de 1,5 km.

Objetivos gerais do CECR:

- a) dar aos alunos a oportunidade de maior integração na comunidade escolar, ao realizar atividades que os levam à comunicação com todos os colegas ou com a maioria deles;
- b) torná-los conscientes de seus direitos e deveres, preparando-os para atuar como simples cidadãos ou líderes, mas sempre como agentes do progresso social e econômico;
- c) desenvolver nos alunos a autonomia, a iniciativa, a responsabilidade, a cooperação, a honestidade, o respeito a si mesmo e aos outros.

As *Escolas-Classe* são grandes prédios, amplos e modernos, freqüentados atualmente por 3.770 alunos, localizadas, respectivamente: Escola-classe 1, na Liberdade; Escola-classe 2, no Pero Vaz; Escola-classe 3, na rua Marquês de Maricá, e Escola-classe 4, na rua Saldanha Marinho, Caixa D'água. Nesta última, em 1964, passou a funcionar o ginásio, instalado em 1962, preferencialmente num dos pavilhões da Escola-

Parque, a fim de estender-se por mais quatro anos a ação educativa do CECR sobre os alunos maiores.

Estas escolas contam com 12 salas de aula cada uma, áreas cobertas, gabinetes médico e dentário, instalações para administração, jardins, hortas e áreas livres. Nelas permanecem os alunos quatro horas, em aprendizagem escolar das chamadas matérias de ensino: linguagem, aritmética, ciências e estudos sociais. Após o horário de classe, os alunos da manhã encaminham-se para a Escola-Parque (e desta para as classes, no horário desconstruído) onde permanecem mais quatro horas, completando seu tempo integral de educação com as atividades dos diversos setores. A diretoria, vice-diretoria, professores e serventuários destas escolas são designados e mantidos pelo Estado, com gratificação do INEP.

A *Escola-Parque*, localizada à rua Saldanha Marinho, 134, no bairro da Caixa D'água, o segundo setor do CECR, ocupa uma área de 42.292 m², arborizada e gramada. Consta de sete pavilhões de arquitetura moderna, à base de arcos que permitem perfeita iluminação natural. Merece referência especial a decoração do pavilhão em que se acha instalado o Setor de Trabalho, no qual podem ser apreciados três grandes e belíssimos painéis dos artistas Maria Célia Amado, Mário Cravo e Caribe; e dois afrescos de Carlos Magano e Genner Augusto.

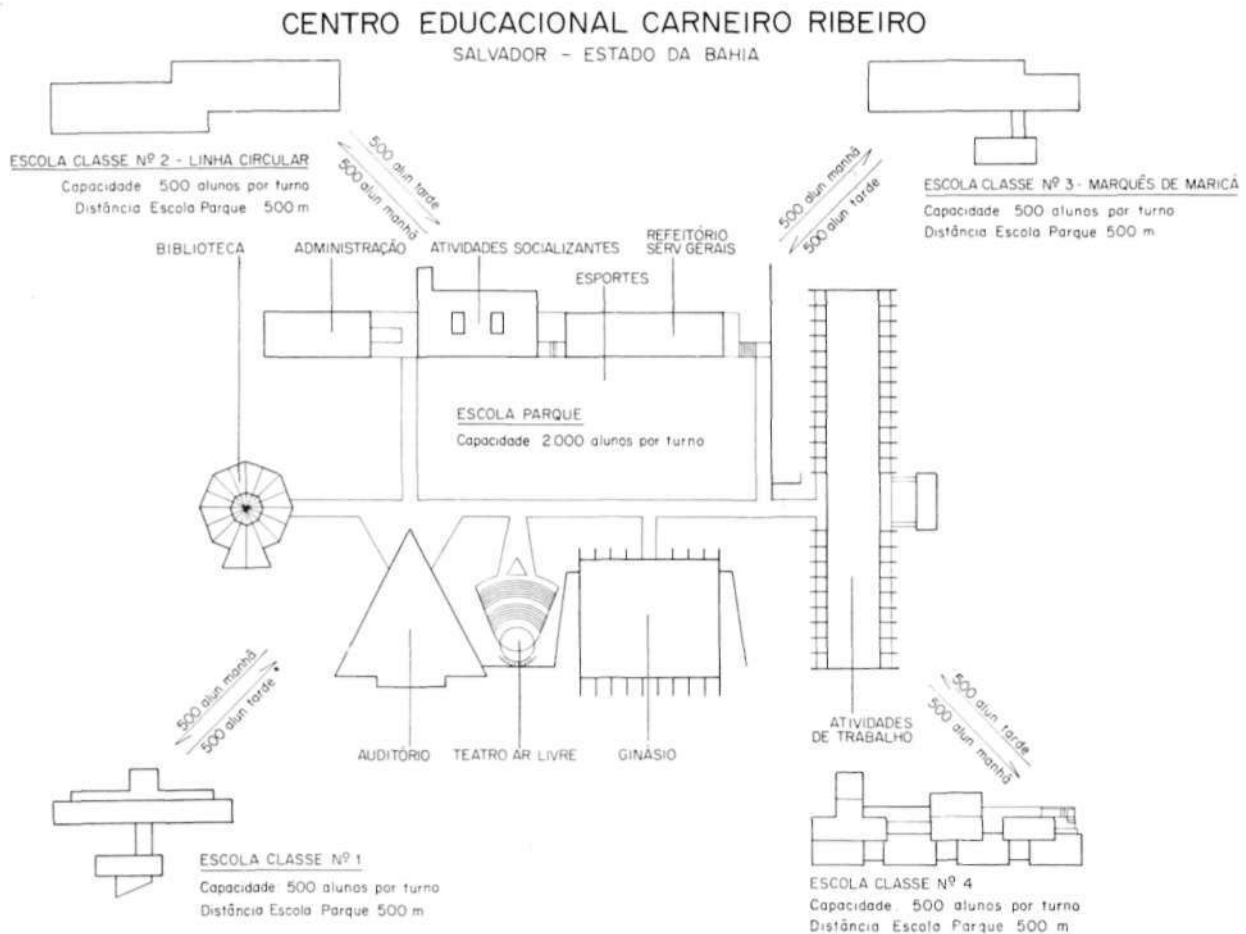
A função da Escola-Parque é importantíssima no conjunto desse sistema educacional para alcançar-se o objetivo da obra que é a educação integral de jovens da classe popular. Nela os alunos são agrupados não apenas pela idade, mas por suas preferências, e distribuídos em turmas de 20 a 30 no máximo, pelos diversos setores, todos em funcionamento para realizar as seguintes atividades:

- 1 — *Setor de trabalho*: artes aplicadas, industriais e plásticas.
- 2 — *Setor de Educação Física e Recreação*: jogos, recreação, ginástica etc.
- 3 — *Setor Socializante*: grêmios, jornal, rádio-escola, banco e loja.
- 4 — *Setor Artístico*: música instrumental, canto, dança, teatro.
- 5 — *Setor de Extensão Cultural e Biblioteca*: leitura, estudo, pesquisa, etc.

- Completam o CECR, na Escola-Parque ainda:
- 6 — Direção e Administração Geral do CECR; Currículo, Supervisão e Orientação Educativa.
 - 7 — Assistência médico-odontológica aos alunos.
 - 8 — Assistência Alimentar.

A direção geral do CECR é exercida pela professora Carmen Spínola Teixeira, pelas diretoras e subdiretoras das Escolas-Classe, assistentes adminis-

trativos e técnicos nos diversos setores da Escola-Parque. O corpo docente é formado de professores do magistério baiano, recrutados em Salvador e no interior e que em sua maioria realizaram cursos de aperfeiçoamento no Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia, no Curso de Artes Industriais no SENAI do Rio de Janeiro, na Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Belo Horizonte e em bolsas nos Estados Unidos da América do Norte.



4. Um dia no Centro

4.1. — Escolas-classe, como funcionam

Num completo entrosamento com a Escola-Parque, as quatro escolas primárias do CECR, chamadas "escolas-classe", funcionam regularmente em dois turnos, contando com a assistência do Setor do Currículo e Supervisão, do Setor Médico-dentário, recebendo ainda os alunos fardamento, material didático, merenda e medicamentos necessários.

As *Escolas-Classe 1, 2 e 3* atendem a crianças de 7 a 13 anos, em grupos organizados pela idade cronológica: Turma A: de 7, 8 anos; Turma B: 8, 9 anos; Turma C: 10 anos; Turma D: 11 anos e Turma E: 12 e 13 anos. Procura-se constituir a classe de alunos com interesses comuns, próprios de cada idade, em total oposição às conhecidas e artificiais classes homogêneas que só tomam em consideração a capacidade mental do aluno e os resultados de exames.

A experiência levada a efeito no CECR, nas escolas-classe, não é inteiramente nova na Bahia, tendo sido realizada na extinta "Escola de Aplicação" ¹ do CRINEP, durante os anos de 1956 a 1962. Consiste na "desgradação escolar" em que se visa:

a) abolir a "repetência" de conseqüências tão funestas para o aluno, a família, a comunidade e para

o Estado, do ponto de vista psicológico, social e econômico, e estabelecer a promoção automática;

b) situar o aluno dentro de seu grupo etário, evitando-se situações de constrangimento, inibição, desânimo, desistência de estudo ou falsa superioridade;

c) garantir ao aluno matriculado a permanência na Escola durante 7 anos a que tem direito, qualquer que seja seu aproveitamento, de acordo com suas possibilidades;

d) regularizar a matrícula, com o início da frequência escolar aos 7-8 anos e término aos 13.

A orientação das Escolas-Classe 1, 2 e 3 está confiada a um grupo de 11 supervisores, permanecendo 3 em cada uma das escolas e 2 na sede do CECR. Do total das classes em cada escola, três são consideradas experimentais ou integradas, com a intenção de entrosamento do trabalho de classe com o realizado na Escola-Parque.

Em entrevista pessoal com a direção do Centro, obtivemos, numa síntese, a filosofia educacional que norteia a renovação do ensino elementar naquele Centro:

— Qual o programa adotado nas Escolas-Classe?

— Não há, nas Escolas-Classe, um programa único, nem bitola única a determinar promoções ou reprovações. Há o ensino diversificado, o trabalho em grupos — nos 3 ou 5 em que a classe se divide — o estudo dirigido, a cooperação dos alunos mais desembaraçados, que se encaminham para a autonomia da aprendizagem e ao exercício da liderança. O grupo de professoras que dirige o Setor de Currículo e Supervisão está trabalhando num programa para o CECR, todo êle desenvolvido através de "centros de interesse" ou "unidades de trabalho". ² Será um currículo de conteúdo essencial para atender às necessidades exigidas pela filosofia de educação do CECR.

— "Em que consiste a renovação do currículo escolar propriamente, nas escolas do CECR?"

¹ *Uma Escola Diferente*, Terezinha Êboli, Companhia Editora Nacional, 1969.

- Vide: — Unidade de Trabalho. Pág. 29.

— Em todas as áreas do currículo proposto, o aluno deve tratar de conteúdos que o estimulem intelectualmente, que tenham significado para sua vida, que se relacionem com o que já lhe é familiar ou que possam ser usados na solução de problemas. Conteúdo que tem pouco significado para as crianças ou que represente uma ginástica mental (por exemplo, memorizar as capitais de todos os Estados), não tem lugar no currículo moderno. Um currículo escolar que dependa em grande parte de uma rotina de memória e recordação de fatos não estimula a curiosidade intelectual e a criatividade da criança. A aprendizagem é muito mais eficiente quando o aluno é um ativo participante na descoberta do conhecimento. Temos registrado, como exemplo, grande êxito com a matemática moderna, nas escolas-classe. As classes experimentais são organizadas pela iniciativa dos próprios alunos; há grande variedade de atividades nelas: correios, clubes, jornal, biblioteca, banco, lojas, rádio-escola etc. Nelas foram substituídas as aulas teóricas pela introdução das *Unidades de Trabalho* nas quais se usa a prática de atividade em grupo, as pesquisas, em vez de memorização de pontos; as excursões onde o aluno vê e observa e não apenas tem notícia teórica;

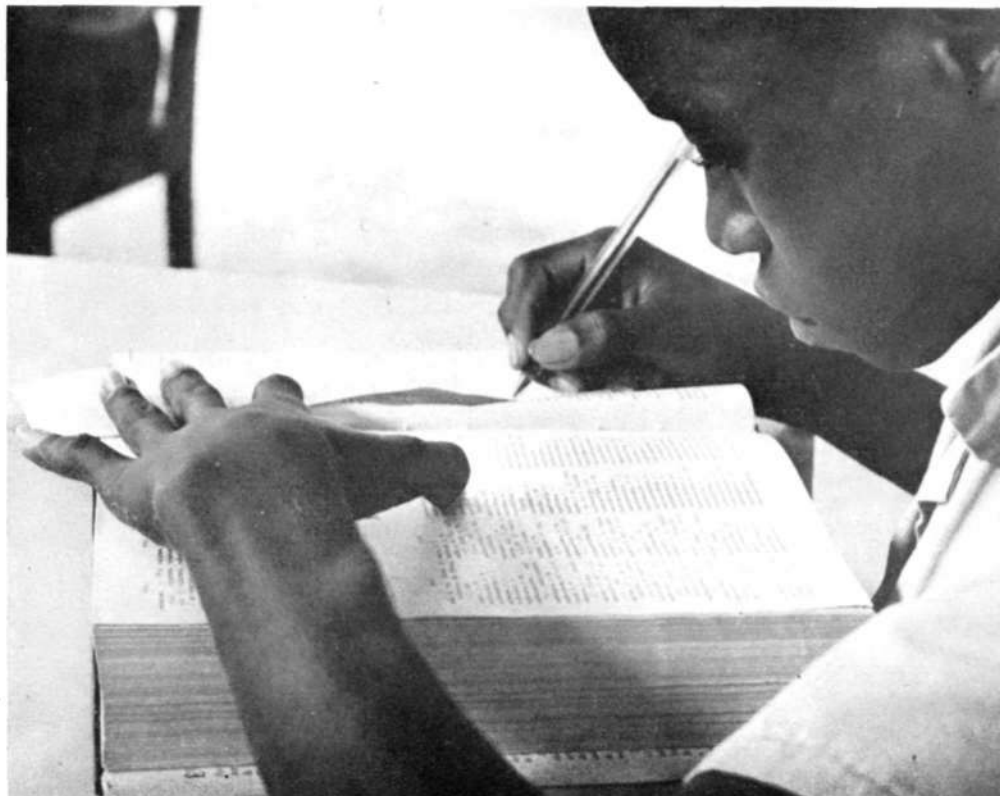
as entrevistas onde êle pergunta, investiga e tira conclusões; a habilidade de consultar dicionários, enciclopédias e livros, índices, catálogos, revistas etc.

— "Poderia dar-nos alguns exemplos dessas Unidades de Trabalho?"

— Nas turmas A, por exemplo, as crianças estudaram, em 1968: "Como são as nossas casas", "A água e sua utilidade", "Os elementos". Nas turmas C, "Atrações turísticas da comunidade", "Governo, comércio e indústria da comunidade", "A eletricidade e sua utilidade". Nas turmas E: "A vida na Região Norte". Nas turmas D: "Aratu, futuro da Bahia" etc.

— "Como são alfabetizadas as crianças do CECR?"

— Os professores das turmas A, isto é, dos alunos analfabetos, orientados pelas supervisoras do Setor de Currículo e Supervisão, adotam dois métodos de alfabetização: o fônico, de Iracema Meireles (Cassinha Feliz e o de contos, de Maria Yvone de Araújo (Meninos Travessos). A maioria é alfabetizada pelo método fônico. Tem sido verificada a maturidade destes alunos, para a aprendizagem de aritmética, leitura e escrita, através dos testes Abe de Lourenço Filho, Kern ou pelo teste estandardizado de Zazo.



— "Que outras atividades desenvolvem as escolas-classe além das curriculares?"

— Escotismo, Associação de Pais e Professores, Catecismo, clubes, excursões, campanhas para melhoria do aprendizado.

— "Como é controlado o progresso do aluno para sua promoção automática?"

— Na verificação do progresso do aluno, além do conceito do professor decorrente de suas observações, são usados trabalhos, testes, provas organizadas pelo Setor de Currículo e Supervisão. Conforme o resultado dessas verificações, organizam-se cursos intensivos de recuperação para os deficientes, com muito bom resultado como o que se fez em 1967, nas férias juninas, para 200 alunos das turmas D e E das três escolas-classe, que apresentavam deficiência em linguagem e matemática. Os alunos de 11, 12 e 13 anos que apresentarem, de acordo com a indicação das professoras e a prévia verificação de maturidade, conhecimento e atitude correspondente a uma educação primária satisfatória, candidatam-se ao exame de conclusão de curso primário e matrícula na Escola-classe 4, na 1ª série complementar. Mesmo aqueles que não apresentem o "satisfatório" resultado exigido, têm uma oportunidade de freqüentar a Escola-classe 4, como "aluno extra". Quando atingem 15 anos, a idade regulamentar, qualquer que seja o nível alcançado, não podendo continuar na escola, são encaminhados às escolas noturnas, infelizmente, em número muito reduzido no Estado.

O currículo adotado nas 5ª e 6ª séries primárias é formado de:

1) *Disciplinas obrigatórias* (Escolas-classe):

Português, Matemática, Estudos Sociais, Ciências, Francês e Religião.

2) *Práticas Educativas* (Escola-Parque):

Artes Industriais, Atividades Socializantes, Educação Física, Atividades Artísticas e Atividades Culturais — Biblioteca.

— "Quantas e de que tipo são as estagiárias, ou bolsistas que freqüentam o CECR, atualmente?"

— São 75 estagiárias, 52 com ginásio incompleto e 23 com o curso de regente, do Curso de Re-

gentes para o Ensino Primário, promovido pelo INEP, em colaboração com a UNICEF e UNESCO. Os bolsistas são procedentes dos municípios baianos com maior carência de professores para o exercício do magistério primário. O CECR já promoveu outros cursos para divulgar seus processos de ensino. Já tivemos bolsistas na área recreativa, no setor de artes industriais etc.

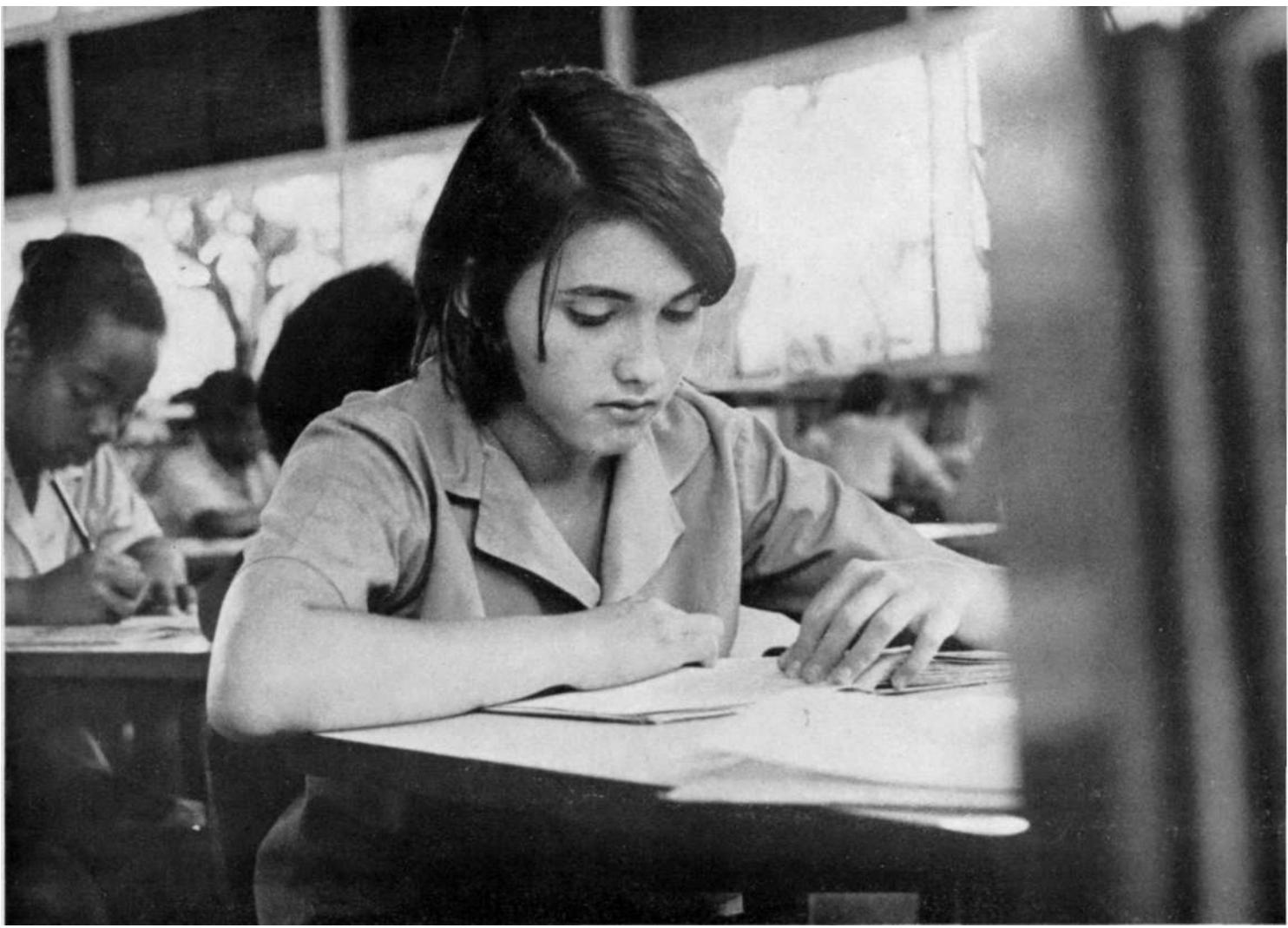
Na *ESCOLA-CLASSE 4*, funcionam: a Educação Complementar (correspondente a 1ª e 2ª séries ginasiais), e a educação ginásial (3ª e 4ª séries ginasiais) de preferência para os alunos que cursaram o primário no CECR.

A Educação Complementar é a ampliação e o melhoramento do ensino primário adaptado às necessidades atuais. Considerando que a maioria dos que freqüentam o CECR se encaminha para as atividades de trabalho, sua direção resolveu alongar o período de escolaridade comum obrigatória, introduzindo no currículo do complementar atividades e disciplinas tradicionalmente integradas ao curso secundário; há uma combinação de atividades práticas de trabalhos de iniciação profissional e artesanato com as disciplinas teóricas.

As duas séries complementares têm como sede a Escola-Classe 4 para o aprendizado das disciplinas e os setores da Escola-Parque, tal como as outras crianças do Centro, para as práticas educativas, tendo seu curso também em tempo integral.

Atendendo a adolescentes de 13 e 14 anos, procura dar-lhes oportunidade de preparar-se melhor para a vida e integrar-se socialmente através do conhecimento mais completo do meio em que vivem, bem como dos seus direitos e deveres na comunidade; da formação de atitudes e hábitos de convivência social, de gosto artístico e de vida sadia; da iniciação técnica, de acordo com seus interesses e aptidões que lhes facilite futuras escolhas de uma atividade profissional.

O currículo é flexível e seus programas, embora mais adiantados que os do curso primário tradicional, são executados em classes do estilo do curso primário e por reduzido número de professores de nível médio e de professores primários que já tenham participado de experiências com a 6ª série primária.



São ministradas as seguintes disciplinas e práticas educativas nas séries complementares:

Disciplinas:

Português, Matemática, Iniciação à Ciência, Geografia, História, Estudos Sócio-econômicos baianos, Organização Social e Política Brasileira, Higiene (para meninos) e Higiene e Puericultura (para meninas).

Práticas Educativas:

Educação Física, Artes Industriais e Domésticas, Atividades Comerciais, Atividades Artísticas e Extensão cultural.

A escola complementar do CECR está vinculada ao 1º ciclo do ensino médio e suas duas séries são equivalentes às duas primeiras séries do ginásio.

As práticas educativas, sejam artes industriais ou atividades comerciais, o aluno poderá realizar na comunidade, apresentando à Escola comprovante mensal de frequência e aproveitamento na respectiva atividade.

O *GINÁSIO DO CECR* tem como objetivo dar continuidade à formação dos alunos deste Centro, a qual, iniciada em nível primário, prossegue em nível complementar e conclui-se com a 3ª e 4ª séries ginasial visando a maior integração do aluno na comunidade a que pertence. Funciona em regime de externato noturno, no horário das 19 às 22 horas e aos sábados das 13 às 17 horas.

O currículo da 3ª e 4ª séries do Ginásio do CECR é constituído das seguintes disciplinas e práticas educativas:

Disciplinas:

Português, Matemática, Geografia, História, Organização Social e Política Brasileira, Ciências Físicas e Biológicas, Desenho, Noções de Comércio e Inglês.

Práticas Educativas:

Educação Física, Extensão cultural, Religião e Educação Artística.

Estando seu regimento interno de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Ginásio é orientado pela direção e coordenação pedagógica que, através dos planos de cursos dos diversos

professores, procuram levar o aluno a uma formação brasileira e à integração social pelo estudo de nossa língua, nossa história, nossa literatura, nossa civilização e pelos estudos matemáticos e científicos indispensáveis à cultura média atual.

Funciona ainda no Ginásio: o Serviço de Orientação Pedagógica (SOE), confiado a pessoal especializado em curso de orientação educacional; os conselhos de classe ou pedagógicos, constituídos por professores, os conselheiros de série e turma, por alunos, e o Grêmio Estudantil.

Ao lado do currículo da 3ª e 4ª séries ginasiais, constituído de 9 disciplinas e 3 práticas educativas, existem, ainda, as chamadas atividades complementares. São atividades relacionadas: a) com programas de estudo de uma ou mais disciplinas; b) com a vida social, artística e recreativa dos alunos e da comunidade; c) com atividades vocacionais.

Essas atividades são organizadas em forma de clubes, tais como: clube de ciência, de literatura, de línguas estrangeiras, de arte musical, de artes domésticas, de enfermagem de urgência, de jornalismo etc.

O Serviço de Orientação Educacional é um órgão de atendimento individual ou em grupo, que, através da orientação dos alunos, dos pais ou professores, procura solucionar os problemas que surgem na escola. Procura resolver casos de disciplina ou desajustamento do aluno; captar a confiança dos pais, esclarecer o professor, enfim, imprimir tranquilidade no ambiente escolar para evitar a aplicação das penalidades previstas no regulamento. É um órgão de grande importância no CECR.

— "Numa síntese, em que o CECR poderá contribuir para a melhoria do ensino primário no País?"

— Na indicação de alguns dos caminhos que adotamos. Em linhas gerais: fazer um melhor uso das coisas que sabemos sobre as crianças; fazer da sala de aula um laboratório para a vida democrática; melhorar o ambiente da classe; prover materiais eficientes de aprendizagem, desenvolver melhores procedimentos para o trabalho com os pais; empregar mais adequadamente as conclusões de pesquisas sobre o ensino das matérias escolares; e desenvolver um programa de avaliação do progresso do aluno e procurar manter a escola em harmonia com a vida da sociedade, que rapidamente se vem modificando.

4.2. — Serviço de Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional

O Setor de Currículo e Supervisão do Centro, encarregado da orientação pedagógica e educacional das três escolas de nível primário, Escolas-Classe 1, 2 e 3, procura realizar um trabalho consciencioso. Sob a responsabilidade de uma pequena equipe de professoras primárias, com cursos de aperfeiçoamento e especialização, seu trabalho consiste em dirigir o ensino através dos departamentos de supervisão, estudo, experimentação, biblioteca e elaboração do currículo, que recebe, por sua vez, orientação da diretora geral do CECR.

Através da supervisão, essa equipe coordena o trabalho de assistência e orientação às classes; visita as classes em horários regulares e sistemáticos, registrando em diários, para posterior debate em reunião de grupo, as observações e problemas surgidos. Através do departamento de estudo, organiza cursos para corrigir as deficiências, dinamizar ou renovar os métodos de trabalho das professoras de classe; distribui apostilas e bibliografia. A biblioteca circulante dêste Setor, especialmente criada para fornecer livros didáticos modernos ao professorado do CECR, revistas e outras publicações educativas, funciona sob a denominação de Centro de Currículo. O grupo que se dedica a experimentação e elaboração do currículo, desenvolve a aplicação de testes e medidas de avaliação, experiências gerais, que são tentativas de mudança para melhoria do ensino.

Em entrevista com a professora que desde 1963 vem dirigindo o Setor, considerado da maior importância pela direção geral no seu plano de melhoria da qualidade do ensino primário, obtivemos as seguintes informações:

— Para chegar a dirigir um Setor de Currículo e Supervisão de um Centro de Educação como êste, que formação foi necessária?

— Diploma de professora primária inicialmente, a grande experiência de trabalho experimental da

extinta Escola de Aplicação do CRPE, verdadeiro laboratório de idéias e ações educativas integradas, participação como bolsista dos cursos do antigo PABAAE (Programa de Aperfeiçoamento Brasileiro-Americano do Ensino Elementar), onde adquiri todo o conhecimento acerca de currículo e supervisão e, por fim, aprimoramento nos U.S.A. também como bolsista, nas mesmas áreas.

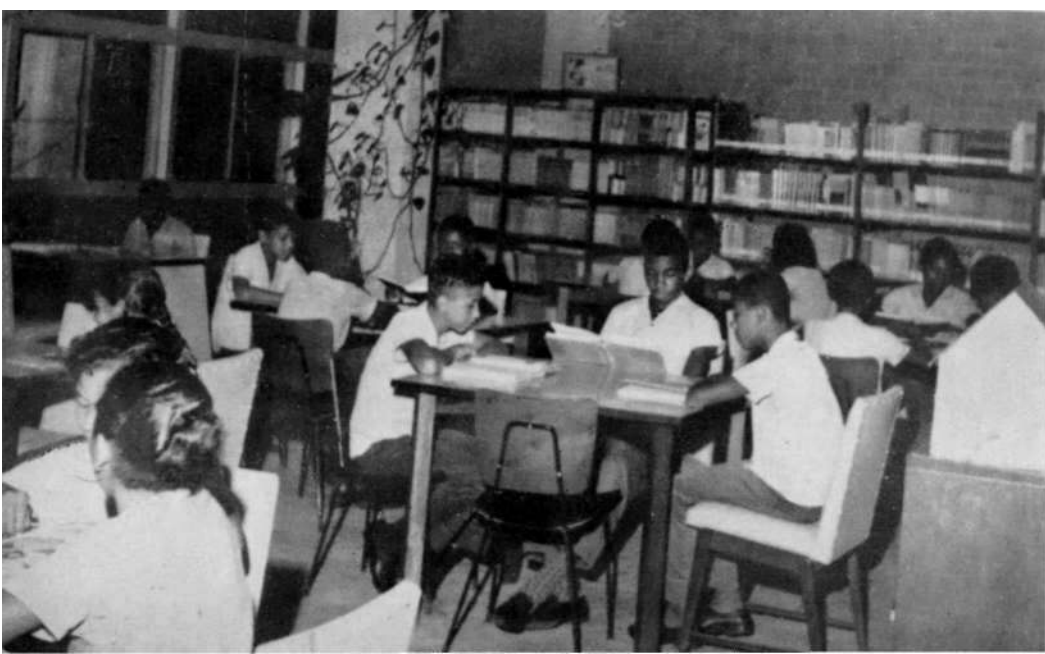
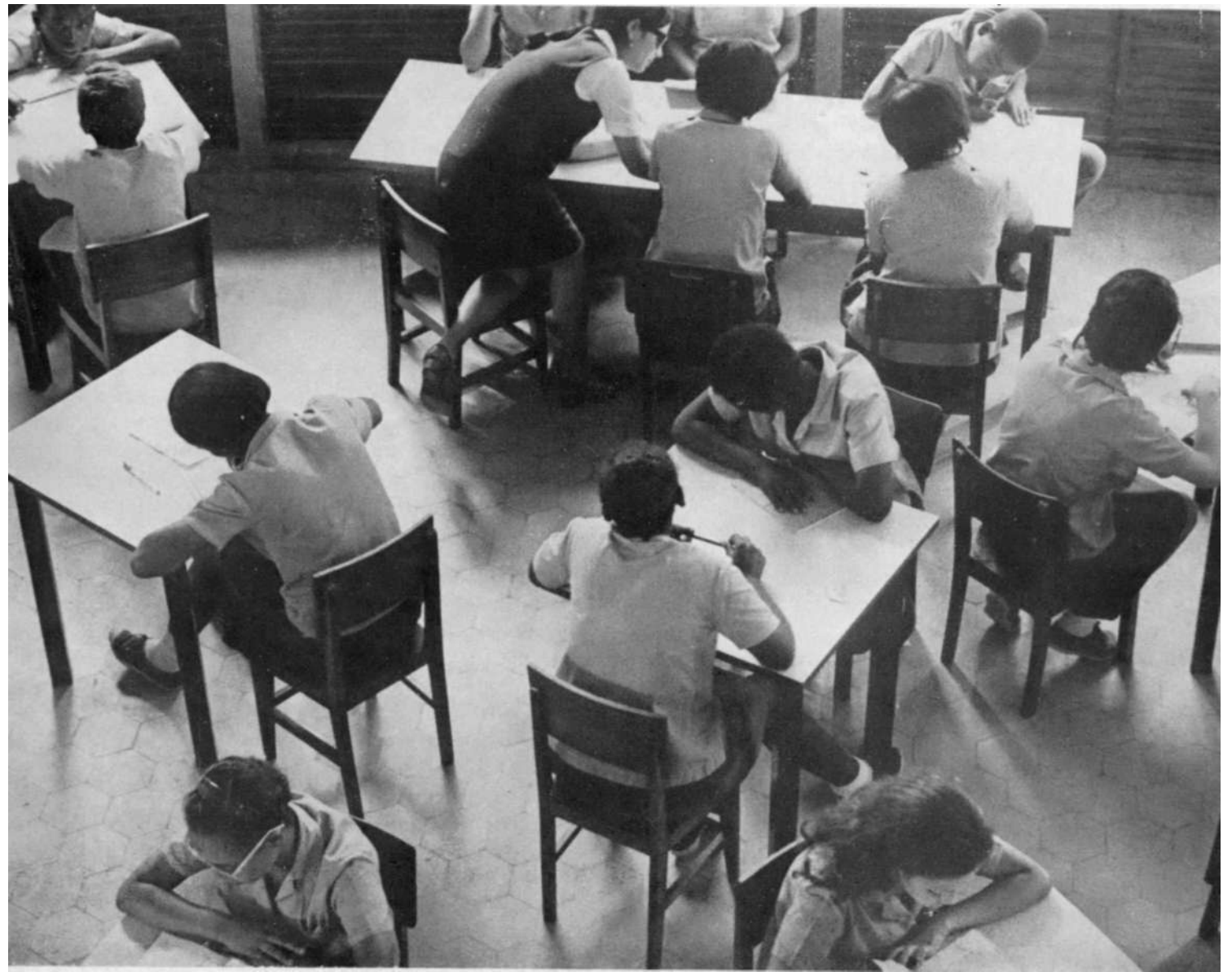
Atualmente estou cursando a Faculdade de Educação da Universidade da Bahia, à noite.

— Que objetivos pretende atingir seu trabalho nas Escolas-Classe?

— Nosso trabalho, meu e da minha equipe, pretende experimentar, em cada classe, meios de levá-la a uma aprendizagem real; mudar as práticas de ensino gradualmente, e depois de bem seguras do novo processo que experimentamos, incorporar em nosso padrão de ensino cada nova idéia que tenhamos testado com sucesso; enfim procurar avaliar, continuamente, os meios usados e os resultados obtidos no ensino.

— E, como pretendem atingir esses objetivos, isto é, na prática, como se desenvolve o trabalho?

— Seleccionamos nove professoras de classe que se dispuseram a fazer a experiência das "Unidades de trabalho". Em geral, procuramos aquelas que revelaram paciência, persistência e bom humor indispensáveis a um trabalho de caráter experimental, como também amor às crianças e bom entrosamento com o grupo. E então, com a assistência diária da equipe de orientação, iniciamos em nove classes, denominadas "classes integradas", a nova experiência, visando, na medida do possível, a associação das atividades de classe com as de trabalho e as atividades sociais. Além do trabalho direto nas classes, o plano envolve atualização de procedimentos de ensino, através de estudos, debates, palestras, cursos, bem como a elaboração do currículo experimental para o Centro — no próprio Setor. É preciso registrar que todas as classes das escolas recebem assistência permanente do Setor e que as escolhidas para a experiência recebem assistência diferente por serem de experimentação.



— Como é que o aluno trabalha numa "classe-experimental" do CECR?

— Procurarei dar um exemplo para melhor compreensão de uma "Unidade de Trabalho" que lhe vou oferecer.¹ Por exemplo: os alunos do grupo B estão estudando a "Vida numa Fazenda", na sala de aula; no setor de trabalho estão fazendo desenhos de animais e bordando um mural com motivos campestres. No teatro, terão ocasião de estudar fábulas para levar à cena, em dramatizações. Na Biblioteca estudam, pesquisam assuntos relativos a animais, cultivo de terras, alimentos, saúde, hábitos e costumes do interior, previamente planejados com os professores. No setor Recreativo há inúmeros jogos relacionados com a vida dos animais, em suma, procura-se estabelecer um entrosamento enquanto perdura o interesse do aluno.

— E a equipe anda satisfeita com os resultados do trabalho?

— Sim e não. Sim, porque: esforçamo-nos para ser atendidas e o conseguimos, pela maioria das colegas que lecionam no CECR; porque temos conseguido a substituição da aula teórica pela unidade de trabalho na qual se usa a prática de trabalho de grupo; a prática de pesquisas, em vez de memorização de pontos, através da qual o aluno assimila, não decora; a prática de excursão, onde o aluno vê e observa e não apenas tem notícia; a prática da entrevista, onde ele pergunta, investiga, tira conclusões. Sim, também, porque o ensino é feito em função do levantamento

de problemas sugerido pelo aluno, não do plano imposto pelo professor; porque avaliamos nossos alunos com frequência e os que se apresentam deficientes, conseguimos recuperar nos cursos de complementação; sim ainda, porque temos conseguido dar assistência aos professores através de reuniões, aulas, visitas às classes, distribuindo livros e apostilas, e que estamos com boa parte do nosso currículo já pronto e mimeografado. Para terminar, digo-lhe que não, porque não fomos suficientemente capazes de convencer algumas professoras que continuam usando técnicas e tratamentos superados; não, porque encontramos, ainda, enraizada em alguns professores a falsa idéia de que trabalhar com uma classe supostamente homogênea é mais eficiente, em vez de pensar que cada aluno é um indivíduo e revela necessidades diferentes. . .

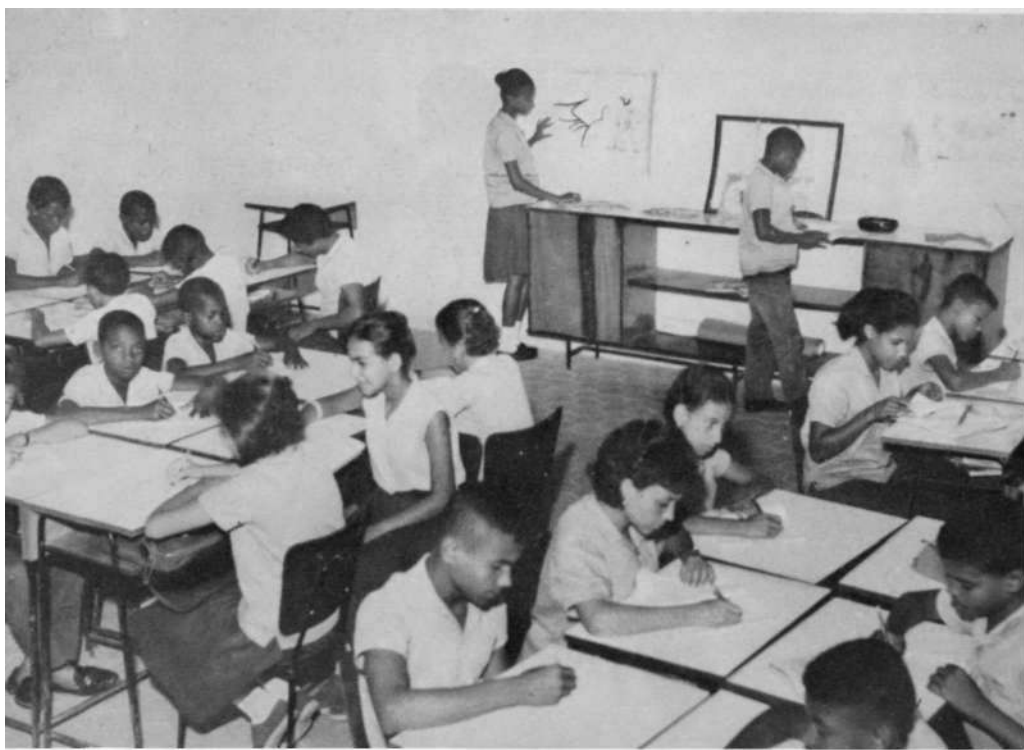
Exemplo de uma "Unidade de Trabalho", como meio de ensino das classes experimentais, levada a efeito na turma D da Escola-Classe 1, em 1967:

"POR QUE A CIDADE DE BRASÍLIA FOI CONSTRUÍDA NA REGIÃO CENTRO-OESTE?"

I — *Justificativa:*

O estudo da presente unidade surgiu do interesse dos alunos pelos festejos comemorativos do aniversário de Brasília.

¹ As "Unidades de Trabalho" são realizadas e mimeografadas para os professores e documentação do Setor.



II — *Esquema do conteúdo:*

- A — Brasil Central — aspecto físico — bacias fluviais — vias de comunicação — Principais cidades da Região Centro-Oeste — principais acidentes físicos. — Produção: reino vegetal, animal e mineral. Vias de comunicação. Clima. População. Tipos regionais. Brasília, sua divisão em Zona Urbana, Cidades satélites, Zona Rural.
- B — O governo de Juscelino Kubitschek, concentração de autoridade federal e poderes estaduais.
- C — O Presidente Costa e Silva.
 - 1 — PODER LEGISLATIVO: Congresso Nacional — Senadores, deputados e vereadores.
 - 2 — PODER EXECUTIVO: Presidente da República; Conselho de Ministro; Govêrno do Estado; Prefeitos-Secretários.
 - 3 — PODER JUDICIÁRIO: Supremo Tribunal Federal, Tribunal Estadual e juizes.
- D — Os índios do Centro-Oeste, vida e costumes. Rondon. Serviço de Proteção aos índios. Tribos: Tupi, Jê, Nuaruaque, Carajá, Bororó etc.

III — *Objetivos:*

Aquisição de conhecimentos, atitudes, habilidades.

A — *Conhecimentos generalizados:*

Esperamos que a criança adquira os seguintes conhecimentos

O nome da capital do Brasil — Brasília.

Brasília está dividida em 3 partes: urbana, cidades satélites e zona rural.

Zona Urbana é a parte mais movimentada da cidade, onde estão localizados os melhores prédios.

Cidades satélites — são chamadas as cidades localizadas nos arredores de Brasília.

São 4 as cidades satélites: Taguatinga, Sobradinho, Planaltina e Gama.

Cada cidade satélite é governada por um sub-prefeito.

O subprefeito dessas cidades é nomeado pelo prefeito de Brasília.

As cidades satélites possuem escolas, assistência médica, água canalizada, correio, telégrafo, transporte etc.

As cidades satélites contam com meios de diversão: cinema, clubes recreativos etc.

As cidades satélites estão ligadas a Brasília por amplas e modernas estradas de rodagem.

Taguatinga é a cidade satélite de maior desenvolvimento.

Zona Rural — são lugares mais afastados de Brasília, onde estão situados os sítios e granjas.

A Zona Rural é conhecida também com o nome de Cinturão Verde.

Os moradores da Zona Rural dedicam-se à agricultura e avicultura.

A cidade de Brasília, as cidades satélites e a zona rural formam o Distrito Federal.

Distrito Federal é uma área à parte de qualquer Estado, escolhida e destinada pela União para a organização e funcionamento do governo do País.

O solo de Brasília é revestido de campos naturais e alguns cerrados com matas escassas.

A idéia de mudança da capital do Brasil para o interior data de muitos anos.

O nome de Brasília foi sugerido pelo Patriarca José Bonifácio de Andrada e Silva.

No Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira foram dados os primeiros passos para a construção de Brasília.

Contribuíram na construção de Brasília muitas pessoas, distinguindo-se na direção da arquitetura Oscar Niemeyer e no urbanismo Lúcio Costa e os candangos.

A 1ª missa de Brasília foi celebrada por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, no dia 3 de maio de 1957.

As primeiras construções de Brasília foram: Catetinho, Palácio da Alvorada, Ministérios, Superquadras.

O primeiro núcleo provisório de Brasília foi a cidade livre.

A cidade livre prestou relevantes serviços à construção de Brasília.

No dia 21 de abril de 1960, Brasília foi oficialmente inaugurada como a capital do Brasil.

O Distrito Federal fica situado no Planalto Central em terras que antigamente pertenciam ao Estado de Goiás.

Brasília fica situada na Região Centro-Oeste do Brasil.

A Região Centro-Oeste fica situada na parte centro ocidental do Brasil.

A Região Centro-Oeste compreende os Estados de Mato Grosso e Goiás e o Distrito Federal.

O tipo de vegetação desta região é muito variada, predominando as grandes florestas ao norte.

O relevo é constituído principalmente de planaltos aplainados. Há uma grande planície: o Pantanal.

Grandes rios amazônicos e platinos, vegetação de cerrados em grandes extensões, matas geralmente nos vales mais úmidos são características dessa região.

O clima da Região Centro-Oeste apresenta-se tropical típico.

As principais cidades são: Goiânia, Anápolis, Corumbá, Campo Grande, Porto Nacional, Pirenópolis etc.

A população da Região Centro-Oeste é de 3.066.866 habitantes aproximadamente.

As principais produções desta Região: arroz, café, borracha, mate, milho, babaçu, cana-de-açúcar, madeira de construção, gado bovino, suíno, equino, muar; minerais: ouro, diamante, cristal de rocha, níquel, mármore, manganês.

Vias de comunicação: estrada de rodagem, vias férreas, navegação fluvial, navegação aérea.

Na Região Centro-Oeste confrontam-se as maiores bacias fluviais brasileiras: Amazonas e Platina.

À Bacia Amazônica pertencem os rios: Xingu, Tapajós, Tocantins e seu afluente Araguaia, que vai formar a ilha de Bananal.

À Bacia Platina pertencem os rios Paraíba, Paraguai e Paraná.

Os principais portos fluviais são: Corumbá, no rio Paraguai e Murtinho.

Na região Centro-Oeste encontramos os seguintes tipos regionais: vaqueiro, garimpeiro, faisgador, agricultor, boiadeiro, castanheiro, seringueiro.

B — *Atitudes*

Ao desenvolver êste trabalho queremos conduzir o aluno a formar atitudes de:

Interesse pela história da cidade de Brasília.

Interesse em estudar a Região Centro-Oeste.

Admiração pelo trabalho dos que construíram Brasília.

Valorização do trabalho do homem de acordo com o meio em que vive, procurando melhorar suas condições de vida.

Respeito pelas autoridades do País.

C — *Habilidades*

Desejamos que os alunos desenvolvam habilidades de:

Consultar fontes de informação.

Localizar Brasília no mapa.

Localizar a Região Centro-Oeste no mapa do Brasil.

Confeccionar e desenhar material relacionado ao assunto.

Reconhecer nos mapas os acidentes geográficos da Região.

Sumariar idéias.

Relatar oralmente e por escrito as informações colhidas.

Usar dicionários.

Saber encontrar o material necessário ao trabalho.

Repartir com os colegas o material de que precisa.

D — *Atividades previstas*

Pesquisas (livros, revistas, jornais), entrevistas, construção e uso de material auxiliar audiovisual, observação dirigida e discussão.

E — *Seleção e preparo de material*

Livros, gravuras, revistas, rélias, mapas, mural, material tridimensional, desenhos, álbuns e cartazes.

Unidade em ação:

I — *Iniciação*

A — Esta unidade de trabalho foi iniciada a 24-4-1967, com um arranjo da sala de aula que constou de: mapa do Brasil e da Região Centro-Oeste, gravuras, fotografias, reportagens, diversas revistas, bateia, rélias, livros de vários autores, dicionários e no quadro de giz escrito um acróstico

sobre Brasília; ficando a sala de aula bem sugestiva, focalizando Brasília e a Região Centro-Oeste em todos os seus aspectos.

B — Levantamento de perguntas feitas pela classe:

Onde está situada Brasília?

Como surgiu Brasília?

Quem fundou a cidade de Brasília?

Como está dividida a cidade de Brasília?

Em que lugar está situado o Palácio da Alvorada?

Quais as casas bancárias existentes em Brasília?

O que Juscelino Kubitschek era quando Brasília foi construída?

O que Costa e Silva faz em Brasília?

Quais os Estados que formam a Região Centro-Oeste?

Quais os meios de comunicação existentes lá?

Quem sugeriu a idéia do nome de Brasília?

Qual o clima da cidade de Brasília e de toda Região Centro-Oeste?

Na Região Centro-Oeste há realmente florestas?

Existe Escola como a nossa em Brasília?

Qual a superfície e população de Brasília?

Quantos anos tem Brasília?

Como se chama a pessoa que nasce em Brasília?

O que significa aquele objeto? (bateia)

O que quer dizer garimpeiro?

Quem trabalha com a bateia?

De onde se tira a borracha?

Em que parte do Brasil se encontra a seringueira?

Para que serve a borracha?

Quem é o seringueiro?

Quais as produções da Região Centro-Oeste?

Quais os rios encontrados na Região Centro-Oeste?

Há índigenas na cidade de Brasília?

Quais as armas que os índios de Goiás ainda usam?

Quais as tribos indígenas existentes na Região Centro-Oeste?

Por que os índios usam ornamentos na boca?

Quais os usos e costumes desses índios?

Qual a habitação dos índios de Goiás?

Qual a língua falada pelos índios?

Há serviço de proteção ou ajuda aos índios?

Os índios existentes na Região Centro-Oeste ainda são antropófagos?

Qual a alimentação dos índios e de todos os habitantes da Região Centro-Oeste?

Como e quando surgiu a idéia de mudar a capital do Brasil para Brasília?

II — *Desenvolvimento*

A — Agrupamento e organização de perguntas.

B — Atividades sugeridas pelas crianças.

Pesquisas, discussões, entrevistas, confecção de material, trabalho de grupo, relatório, leitura de revistas, boletins, jornais e confecção de mapas.

III — *Atividades executadas*

A — Pesquisas:

Livros sobre Brasília.

Procurando nos jornais artigos sobre Brasília e Região Centro-Oeste.

Lendo revistas, folhetos, guias turísticos relacionados ao assunto.

B — Organização de cartazes

Cada grupo confeccionou um cartaz dentro das questões planejadas.

C — Discutiram as informações colhidas.

D — Escreveram relatório das pesquisas realizadas.

E — Leram livros, consultando dicionário, reportagens relacionados ao assunto.

IV — *Atividades correlatas*

A — LÍNGUA PÁTRIA

1 — Linguagem escrita:

Composição — Brasília, sua fundação.

Cartas de convite, de agradecimento, de pedidos, de felicitações.

Ditado de trechos referentes ao tema.

Relatórios.

Resumos.

Cartões.

2 — Linguagem oral:

Ler e ouvir trechos referentes à Região Centro-Oeste.

Discutir notícias de revistas, jornais sobre Brasília e toda a região Centro-Oeste.

Coleta de dados de vários livros, dentro do assunto a estudar.

Retenção mental do sentido de um trecho para expô-lo oralmente.

Informações sobre determinado assunto.

3 — Gramática:

Aplicar ocasionalmente.

B — ARITMÉTICA

Resolver problemas com relação a produções, população, superfície da Região Centro-Oeste.

Os símbolos da Matemática Moderna.
Propriedades da adição.
Soma, subtração, multiplicação.
Conjunto, subconjunto, igualdade de conjuntos.
Sistema monetário brasileiro — o cruzeiro novo, relação com o atual.
Geometria — Ângulos.

C — CIÊNCIAS

1 — Vegetais:

Origem, clima e terrenos próprios, utilidade, centro de maior produção.

Cana-de-açúcar.

Coco babaçu.

Erva-mate.

Fumo.

Café.

Mandioca.

Batata.

Cereais.

Borracha.

Madeiras de construção.

2 — Animais:

Mamíferos, característicos físicos.

Classificação.

Utilidade.

Indústrias derivadas: charque, couro, chifre etc.

3 — Minerais:

Ouro, diamante, níquel, cristal de rocha, mármore, manganês.

4 — Higiene:

Formação de bons hábitos de higiene.

Compreender os prejuízos que trazem ao organismo o uso do fumo e do álcool.

D — ARTES

1 — Desenho.

2 — Poesia para leitura e crítica.

V — Apresentação

Realizada através de uma exposição de trabalhos e entrevista com a professora, que transmitiu informações suficientes das questões elaboradas pela classe e que alcançaram os objetivos necessários previstos. Em seguida, foi lido pelos coordenadores dos grupos o relatório das atividades da Unidade de Trabalho.

VI — Avaliação

A avaliação acompanhou todo o desenvolvimento da Unidade através de:

Desenhos, composições, exercícios e teste final para medir os conhecimentos adquiridos.

A verificação e mensuração da aprendizagem no Centro se faz, de preferência, através de trabalhos de equipe, exercícios, lições orais e provas objetivas. Na ficha adotada são registradas: a avaliação feita pela própria equipe, quando é o caso, e a realizada pelos professores. São considerados os seguintes aspectos da atitude do aluno: interesse, pontualidade, cooperação, contribuição individual, responsabilidade, senso de organização, comportamento, honestidade, participação ativa e delicadeza.

4.3 — Escola-Parque: Pequena Universidade Infantil

Um muro branco e simples, como de qualquer casa, separa o mundo da Escola-Parque do mundo cá de fora. Quem passa pela rua Saldanha Marinho, no bairro popular da Caixa D'água, não imagina que atrás daquele desprezioso portão existe uma escola que, em seu conjunto, lembra "uma pequena universidade infantil". Só penetrando nela e aí permanecendo algum tempo é que se poderá compreender sua significação para aqueles meninos alegres e desinibidos que se movimentam de um setor para outro, com seus uniformes azuis!

Às 7,30 horas da manhã, os ônibus do CECR penetram na área de estacionamento da Escola-Parque e os professores descem em seus uniformes azul-marinhos, dirigindo-se ao setor administrativo para a batida do ponto e em seguida misturarem-se com os alunos, encaminhando-se para os diversos pavilhões. Não há formalismo, não há rigidez na disciplina. Em poucos minutos, aquela onda humana é absorvida pelos setores onde inicia suas atividades. Os ruídos das serras elétricas, das máquinas de costura, os martelos batendo solas, metal ou madeira, no setor de trabalho; a melodia do piano, da banda de música, do canto coral que se eleva do setor artístico; os apitos de jogos, a marcação sistemática de ginástica no setor recreativo, ou a hora da ida à cantina, onde os vasilhames enormes completam a sinfonia com seu barulho característico, tudo se nos afigura como um grande painel de vida e educação. Algo assim como um desafio ao marasmo do ambiente de tantas escolas.

Em reportagem publicada no jornal *A Tarde*, de Salvador, a 20 de maio de 1967, sob o título "A obra monumental que o Brasil desconhece", assim se expressou a jornalista Aríete Bueno:

"Por que estamos usando desta linguagem superlativa com relação ao CECR? Porque acabamos de conhecê-lo. E no caminho de volta

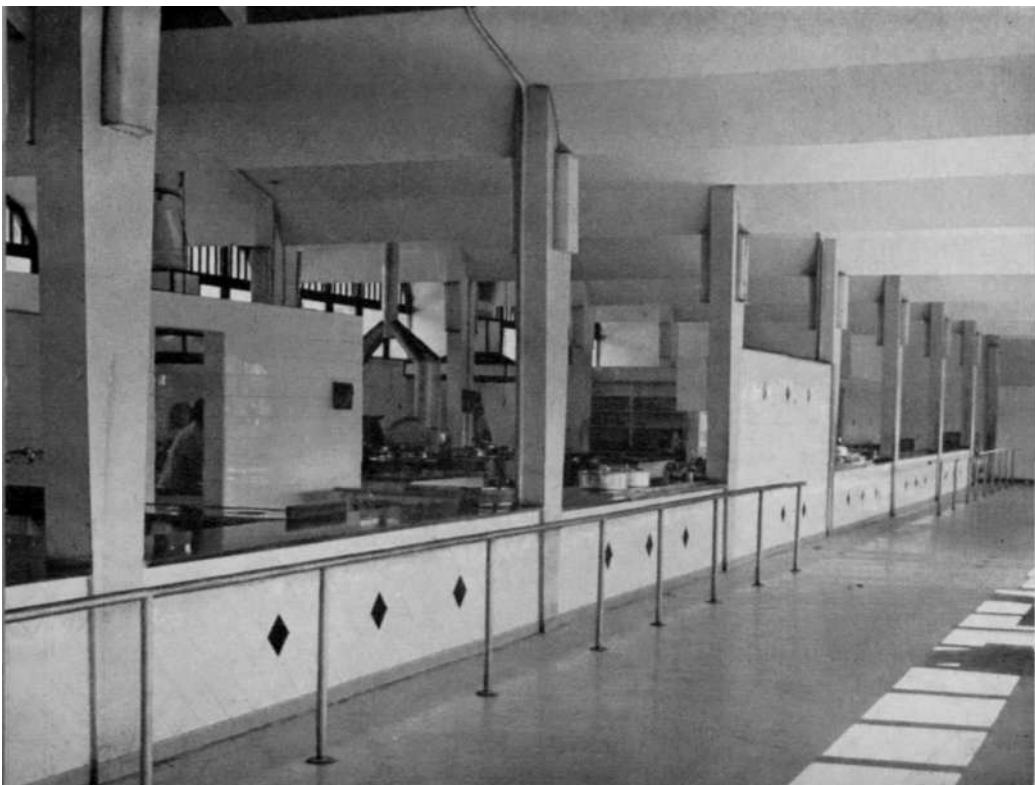
viemos debatendo-nos entre duas emoções contraditórias: um enorme orgulho verde-amarelo por ter constatado de quanto somos capazes, quando realmente nos dispomos a fazer as coisas bem feitas; e certa melancolia, também verde-amarela, por ver quanto somos idiotamente cegos, abandonando a uma obscuridade incompreensível as obras máximas. Ficamos um pouco envergonhados até ao saber que o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, focalizado em reportagens por diversas revistas estrangeiras, conhecido e divulgado na O.N.U. e objeto de visita de técnicos em educação de diversos países, é quase completamente desconhecido, não só em todo o Brasil, mas até aqui na Bahia."

O pior não será tanto a falta de reconhecimento público pela obra, mas a ausência de recursos financeiros que, dia a dia, nos orçamentos se vão reduzindo, o que poderá levar à extinção total da obra, que tem sobrevivido pelo esforço da equipe abnegada que a dirige e de alguns administradores que fazem milagres com o reduzido orçamento.

a) A Cantina — Assistência Alimentar

Num livro sobre educação, muitos perguntarão, por que, em primeiro lugar, a cantina? A assistência alimentar de uma escola brasileira ainda é um dos grandes atrativos para a população que chega em busca de matrícula. Um pequeno pão é abençoado por uma mãe de aluno pobre, com quinze filhos para alimentar, quanto mais uma merenda completa e um almoço-lanche, como o do CECR, que, até 1963, era constituído de sopa de legumes ou sanduíches de pão e carne, ovos ou peixes!

Teoricamente sabemos que não é atribuição da escola alimentar a criança. Mas, se a infância chega à sua sala de aula, de trabalho ou de recreação, com o estômago vazio, como é o caso da maioria dos alunos das escolas públicas, que fazer senão alimentá-los, para que se ponham em condições de participar das atividades do dia escolar?





Aquêle imenso grupo de meninos desnutridos, anêmicos, corroídos pela verminose, dentes cariados, não aprenderiam nada, nem ao menos se beneficiariam do convívio dos colegas. Por isso foi instalada uma cantina espetacular. Usamos o adjetivo mesmo no sentido cinematográfico; só o cardápio não continuou, a partir de 1964, com o colorido desejado. Em 1967, constava do relatório geral da Escola:

"No corrente ano forneceu-se, apenas, às 10 e às 15 horas, a merenda preparada com leite e farinhas fornecidas pelo Serviço de Merenda Escolar. Suspendeu-se a distribuição do almoço-lanche, constituído de sopa de legumes e sanduíches de pão com carne, ovos ou peixes, em virtude de falta de verba suficiente para liquidação de débitos de 66 relativos a gêneros alimentícios."

Num grande pavilhão envidraçado, medindo 1.200 m², instalou-se em 1962 a cantina completa: *dois grandes fogões* para gás liquêfeito, tipo reforçado, medindo 1,40 m de comprimento por 1,30 m de largura, dotado de quatro grelhas de ferro com queimadores de alto rendimento; *duas "coifas"*, apanhafumaça, para exaustão dos gases e vapores graxos exalados dos fogões, medindo 1,60 m x 1,50 m com 0,85 m de altura; *dois caldeirões* a gás, com capacidade de 100 litros cada um, ambos em aço inoxidável; *dois caldeirões* a gás, com capacidade para 200 litros, idênticos aos anteriores; *duas frigideiras elétricas*, de forma cilíndrica, tendo 600 mm de diâmetro por 130 mm de altura, com capacidade para 30 litros; *uma máquina de moer carne, elétrica*, com capacidade horária para 120 kg de carne, medindo cerca de 0,80 m de comprimento por 0,37 m de largura e 0,48 m de altura. Acompanham a máquina: duas navalhas, dois discos e um pilão de madeira, para fazer a entrada da carne até o caracol que a conduzirá aos discos e à navalha; *uma máquina elétrica de descascar batatas*, com capacidade horária para 150 kg de batata, medindo externamente 0,77 m de altura por 0,42 m de diâmetro; *dois cortadores elétricos de frios*, destinados ao corte de carnes quentes ou frias, queijos, presunto ou verduras, frutas e outros produtos congêneres; *duas máquinas de lavar copos*, de 1,25 mm de espessura, medindo externamente 1,04 m de comprimento por 0,45 m de largura e 0,90 m de altura,

com duas cubas laterais maiores e uma central, menor; *dois ferveedores de leite*, com capacidade para 200 litros; *dois ferveedores de leite*, com capacidade, cada, de 100 litros; *dois espremedores de frutas*, elétricos, tipo comercial, de funcionamento prático e higiênico, com aproveitamento integral dos sucos das frutas; *quatro bombas para leite e sucos* utilizadas na distribuição de líquidos, de acionamento manual; *dois balcões* para preparo de carnes e cereais, em chapa de aço inoxidável, tipo padrão americano, medindo 2,80 m x 0,70 m; *um balcão* para preparo de massas, com 2,80 m x 0,70 m, idêntico ao descrito acima; *quatro balcões de apoio*, de chapa de aço inoxidável tipo americano; *dois balcões térmicos* de distribuição de alimentos, medindo 3 m, dotados de dois recipientes onde são colocadas as panelas que contêm os alimentos, com controle eletrônico de nível, fazendo parte do conjunto quatro painéis especiais de alumínio; *dois balcões estufa elétrica*, para a conservação da temperatura dos alimentos quentes a serem servidos; *dois balcões de apoio*, para preparo de alimento, em forma de "L", medindo 2,00 m x 0,60 m + 1,80 m x 0,60 m; *dois balcões para preparo de carne*, com 2,15 m x 0,65 m com cubas e quatro torneiras de aço inoxidável; *dois balcões de copa para lavagem*, em forma de "L", medindo 1,60 m x 0,50 m x 1,20 m x 0,70 m; *dois balcões de apoio das copas, de leite e frutas*, medindo 2,15 m x 0,65 m; *um cepo de carne*, em madeira de lei, medindo aproximadamente 0,60 m de diâmetro por 0,75 m de altura; *três batedeiras elétricas de massa*, dotadas de recipiente de aço inoxidável, com capacidade para 20 litros, sendo equipadas com um batedor de massas leves, um batedor tipo espátula e um batedor para massas densas; *dois carros para recolhimento e transporte* de detritos, com capacidade de cerca de 100 litros, em forma cilíndrica vertical, com 0,64 m de altura e 0,47 m de diâmetro, todo em aço inoxidável, com duas alças com punho tular; o carro possui três rodízios giratórios para facilitar a locomoção; *dois carros de transporte de copos ou canecos*, com rodas móveis, medindo 0,85 m de comprimento por 0,65 m de largura e 0,80 m de altura; *dois armários para guardar copos ou canecos e um armário para guardar pão*.

Com semelhante montagem, a cantina da Escola-Parque pretendia continuar a atender a quatro mil alunos e todo o grupo de professores, estagiárias ou bolsistas, funcionários, visitantes, não apenas com uma refeição de leite e farinha, é evidente.

Todo o equipamento custou, em 1962, a importância de Cr\$ 6.356.098,70.

Quando aquela avalanche de meninos se acerca dos balcões para receber sua merenda programada por dietistas, não há tempo para se pensar senão na satisfação do apetite que, em nossa criança do povo, é secular. Há preferências, naturalmente, e os pães — quando os há — não sobram, o que não acontece com o leite em pó (que agências estrangeiras costumam distribuir nos países subdesenvolvidos), que se torna enjoativo, mesmo quando é enriquecido com farinhas, canjica, arroz ou qualquer outro cereal.

b) O Pavilhão de Trabalho: Artes Aplicadas, Industriais e Plásticas

Numa extensão de 4.000 m² de área construída, o pavilhão envidraçado, semelhante a um grande hangar de aviões, onde os alunos desenvolvem as atividades de artes aplicadas, industriais e plásticas, nos causa, na primeira visita, um impacto e uma emoção de surpresa. Tal como observou a jornalista Yvone Jean, em sua reportagem publicada na revista *Leitura*, de janeiro de 1958: "Ao penetrarmos no Centro, ao chegarmos a uma espécie de passarela, dominando o centro de um imenso galpão de uns 100 metros de comprimento, de onde vislumbramos centenas de crianças muito ativas, cada um soltou um "oh!" espantado, encantado, admirado, pois esta não era uma escola parecida com qualquer outra. A claridade, a luminosidade, os coloridos e a música que se tocava, nos colocavam num mundo diferente. Descemos, observamos, conversamos. Como explicar as múltiplas atividades de crianças que recebem educação integral — metade do dia na classe, metade na Escola-Parque? Havia crianças-alfaiates, sapateiros, marceneiros, tecelões, pintores, artesãos, manipulando o sisal, o couro, e tudo o mais. Oh! conhecemos muitas escolas que

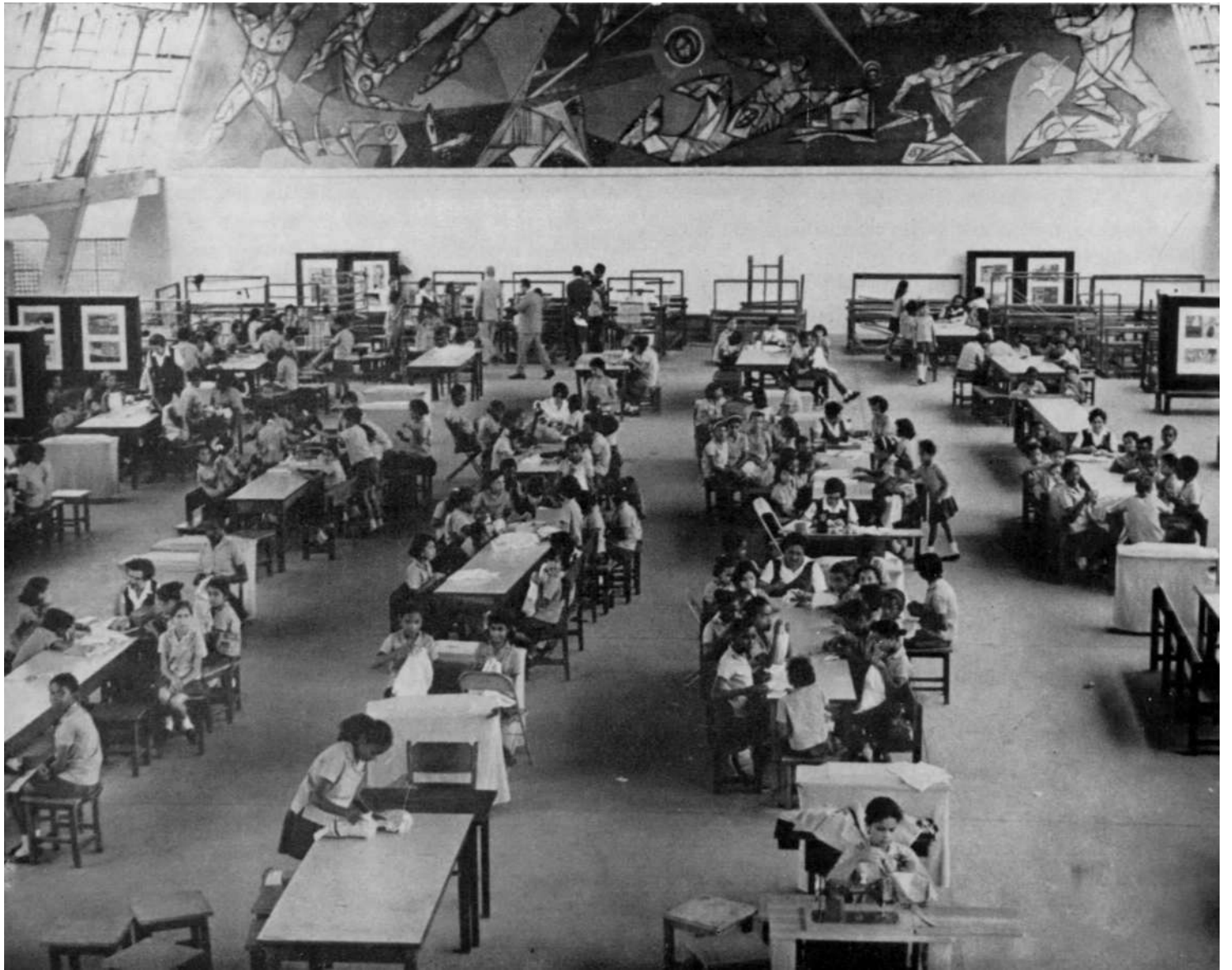
ensinam aos alunos o aproveitamento de palha e a tecelagem. O que era diferente era o ambiente no qual se moviam estes meninos e meninas que olhavam os visitantes nos olhos, sem complexos, com olhar claro e seguro e com alegria. O que era novo era o conjunto de ferramentas elétricas, de apetrechos". . .

Para se penetrar no Pavilhão de Trabalho, sobe-se uma rampa e chega-se ao primeiro andar: ampla área central elevada, destinada à administração do setor, com armários, arquivos, mesas e máquinas de dactilografia, alto-falante, radiola que irradia música por todo o setor, nos horários de trabalho. Nesse local fica o grupo responsável pelas anotações de frequência, conceitos sobre o rendimento dos alunos, vigilância geral etc. Em toda a largura dessa área, não há paredes dos dois lados, o que permite ver as duas alas do pavilhão, no andar térreo: a da direita destinada às técnicas de interesse das meninas e a da esquerda, de meninos. Em cada ala, em toda a extensão da parede do fundo, há um mural da autoria de Mário Cravo e Caribe, obras de arte que decoram o local.

Freqüentam o Setor de Trabalho os alunos de nove a quatorze anos que escolhem as técnicas de seu interesse, no ato da inscrição em turmas; o *desenho* é atividade que todos os alunos realizam, pois é fundamental para as outras técnicas, desempenhando, tanto para as meninas como para os meninos, papel de relevante importância. Registra-se especialmente seu entrosamento com a técnica de tapeçaria (um dos pontos altos do trabalho criador desses meninos) bordados diversos, e na confecção de cartazes, máscaras, pinturas de trajes e cenários para o teatro, bem como na preparação de convites, avisos, murais, programas de comemorações e divulgação do movimento dos outros setores.

As técnicas em que se ocupam os alunos são as seguintes: cartonagem, encadernação, ou simples recuperação de livros, artefatos de couro, de metal, de madeira, modelagem, cerâmica, cestaria, alfaiataria, corte e costura, bordados diversos, confecção de bonecas e bichos, tapeçaria e tecelagem.

As turmas estão separadas na grande área por armários colocados entre os grupos. Ao redor de mesas retangulares, agrupam-se dezesseis a vinte crianças de cada turma, sentadas em seus tamboretos de



madeira, ocupadas em seus afazeres. Cada uma realiza suas atividades, troca idéias e sugestões com os colegas, mantendo com eles convívio geralmente amistoso, o que lhe permite a grande aprendizagem de trabalho em grupo, da ajuda recíproca, do controle dos impulsos agressivos, enfim, de formação de boas amizades. Em seus grupos, trabalhando, o aluno forma o hábito da cooperação, do respeito mútuo, chegando ao entendimento do valor da divisão das tarefas e da coordenação dos esforços. O professor observa, orienta, esclarece, ajuda, estimula, ensina, em trato cordial com os meninos, sem nenhuma imposição coercitiva. E a disciplina resulta flexível, decorrente do próprio trabalho e dos próprios alunos.

Este setor da Escola-Parque visa, principalmente, educar o aluno pelo trabalho para o trabalho. A manipulação de variado material, das ferramentas e das máquinas, a satisfação com que realiza suas atividades, leva-o a adquirir atitudes, hábitos e ideais relativos ao trabalho. Que amplitude de aprendizagens lhes oferece a situação de julgamento de sugestões, escolha de uma delas e, por fim, a execução do trabalho escolhido! Pelo trabalho, o mais simples arteção está sabiamente ensinando os meninos a pensar, a prever, a ter paciência e tenacidade, a ser responsável e exato.

Não existe, assim, a preocupação de se ensinar determinado trabalho, mas, fundamentalmente, de oferecer oportunidade para se aprender a trabalhar. Os grupos de meninos, que por ali passam, adquirem, no mínimo, habilidade em *uma técnica*; mas, seguramente, levam algo muito mais importante: o gosto e o amor pelo trabalho. Para isso a escola oferece técnicas variadas, enriquecidas constantemente nas alternativas do aprendizado, com sentido educativo, de formação da personalidade e não com característica ou cunho profissional. O trabalho revela, assim, para estes alunos um sentido bem diferente da concepção errônea de tributo ou castigo; mais do que disciplinador da sociedade, é ele próprio, em toda sua amplitude, razão e objetivo da vida humana.

Enumeramos, a seguir, os processos utilizados pelas diversas técnicas de trabalho do Setor, seus objetivos e a variada coleção de objetos criados pela imaginação dos alunos do CECR; o material de consumo e o instrumento utilizado em cada técnica:





Desenho:

Processo e materiais usados na técnica:

Desenho com lápis cera: lápis cera, papel branco, anilina, guache. *Recortes e colagem:* papel de recorte, papel de cor neutra, cola e tesouras. *Impressões com folhas e ramos:* papel vegetal, rolo, tinta de impressão, folhas, flores ou apenas ramos. *Técnica de água sanitária:* papel de cor escura ou branca, anilina, água sanitária, palitos, pincéis. *Desenho de bico de pena em papel úmido:* papel canson, nanquim, caneta, pena, água. *Carimbo de batata:* batata doce ou inglesa, tinta de carimbos, anilina, papel branco, preto e de cores. *Xilogravura:* madeira (pinho, peroba rosa, genipapo do norte), goivas, goichivites, lixa fina, tinta de impressão, rolo, papel, jornal, papel canson. *De-*

senho livre: papel de todos os tipos, lápis em cores e tipos diferentes, pincéis de vários números, nanquim, anilina, guache etc. *Estamparia:* tintas laváveis, dissolventes, emulsão, pincéis, tela de nylon e tecidos.

Objetivos do ensino do *Desenho* na Escola-Parque:

Gerais: desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da capacidade artística e do espírito de observação; familiarização do aluno com os diversos materiais utilizados; conhecimento dos diversos processos adotados no desenho.

Específicos: Provocar experiências através do desenho; desenvolver a sensibilidade e a imaginação para a composição; exercício do emprego das cores; levar à composição direta e indireta das áreas coloridas, oferecendo também maiores recursos no exercício da composição pelas possibilidades de movimentação ou descolamento das formas recortadas até o



encontro do arranjo final (recortes); exercício da distribuição harmônica das formas; conduzir à descoberta da beleza das estruturas que regem a organização vegetal, ampliando assim a percepção dos elementos normais da natureza; aguçar a curiosidade pela pesquisa do material e obtenção de um desenho bem integrado nas superfícies; levar a sentir o efeito da aplicação de variadas cores; desenvolver a habilidade manual através da estilização e distribuição das formas, ajudando-a desse modo no domínio das artes gráficas e decorativas; levar à depuração e síntese da linha, ao exercício e ao equilíbrio do jogo das massas, preparando a criança para a compreensão das técnicas mais complexas de artes gráficas e decorativas; desenvolver a espontaneidade e o espírito criador com o uso livre do material; despertar o gosto e a habilidade para a decoração de tecidos variados.

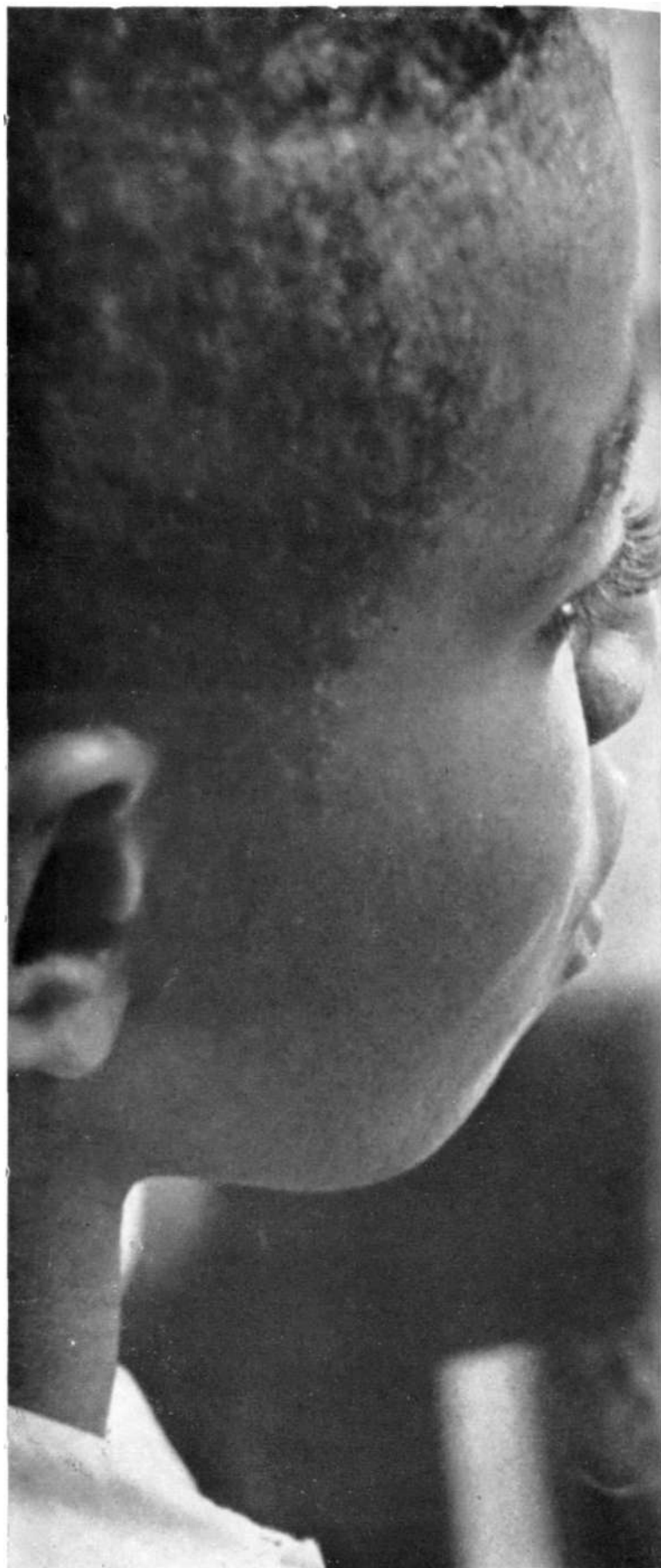
Modelagem e Cerâmica

Objetivos: despertar o gosto pelas artes plásticas; desenvolver a habilidade manual; formar hábitos de higiene; dar conhecimento de formas, dimensões dos objetos; desenvolver a observação e concorrer para o equilíbrio emocional.

Tipos de trabalhos: peças de forma variada e moderna — cinzeiros, pratos, xícaras, vasos, jarros, máscaras, cabeças etc. Os alunos aprendem também a trabalhar em torno, a empregar o decapê de prata mexicana, a utilizar o fogareiro e o forno elétrico.

Material de consumo: barro, gesso, tintas de cerâmica, tintas industriais, tinta guache, papel de jornal, de bobina e cartolina, carvão vegetal, vaselina, óleo de linhaça e cola animal.

Material instrumental: vasilha para conservar barro, baldes, peneiras finas, peneiras grossas, espátulas, compasso grande, compasso pequeno de ponta seca, alicate de bico chato, raspadeiras, colheres de pedreiro, laços pequenos, desbastadores requenos, suportes de madeira, tesouras, facas de corte redondo, pincéis de pêlo de marta, pincéis pequenos, tijelas grandes, tijelas pequenas, rolos de madeira, esponjas, macêtes, bomba para pulverizar tinta, alguns metros de matéria plástica, ladrilhos de cimento, fogareiro e forno.





Escultura em Madeira

Essa técnica introduzida recentemente na Escola-Parque por uma professora de arte, acha-se em fase experimental. Tratando-se de criança, o processo utilizado é da própria professora que o descreve: "Houve necessidade, para se chegar à escultura da madeira, de dar às crianças outros materiais para trabalhar e se chegar, por uma seqüência, a esculpir na madeira o objeto desejado. Por exemplo: notei que os meninos tinham dificuldade inicial de entalhar o pedaço de madeira e ir tirando, aprofundando, esculpindo propriamente. Tentei uma inovação: dei-lhes o sabão para mostrar a diferença entre escultura e modelagem — se tirassem a mais no sabão, dava-se um jeito — mas na madeira não. Do trabalho feito no sabão, passaram para o gesso calcinado, em substituição à pedra talco, que andou em falta no comércio. O gesso calcinado transformado em tijolos seriam posteriormente esculpidos. Então: do sabão ao gesso, e dêste à madeira. Quanto à madeira, há também uma seqüência; entre os diversos tipos, de acordo com sua maleabilidade, os meninos trabalham com: "mulungu", "umburana", "jaqueira" e, por fim, com o "jacarandá". Usamos como instrumento de trabalho: as faquinhas, formões, goivas e para acabamento raspadeiras e lixas."

Tipos de trabalhos: espátulas com cabos trabalhados; esculturas de totens, máscaras, animais, flores etc.

Nas esculturas em gesso é aplicado o decapê de marfim, de bronze e prata mexicana.

Cartonagem e Encadernação

Objetivos específicos da técnica: noção prática de medidas métricas, com o desenvolvimento do senso da exatidão; exercitar a criança no uso dos instrumentos, para obtenção de trabalhos perfeitos com medidas determinadas; familiarizar o aluno com o material e instrumentos utilizados; despertar o senso de responsabilidade e zelo pelo material da técnica; desenvolver habilidades técnicas nas diversas operações do trabalho.

Tipos de trabalhos realizados pelos alunos: pastas, cestinhas de papel, caixas de costura, caixas de

variadas formas e tamanhos, cadernos, fichados, capas de álbuns. Registra-se nessa técnica a fabricação de papéis de fantasia marmorizado de grande beleza.

Material de consumo: papel de diversos tipos, cartolina, papelão, percalina, fazendas para forro e acolchoamento, couro, tintas, cola e linha.

Material instrumental: dobradeira, régua de aço, esquadros de aço, esquadros de galalite, lápis fâber nº 2, compasso para cortar discos de papelão, compasso de ponta seca, compasso como fixador, torquês, martelo de pena 0,300 g, martelo de pena 0,200 g, martelo de bola tamanho médio, macête, formão 12 mm, grossa combinada, lima, lamparina, régua de madeira de 0,50 m, transferidor para quadro negro, *preparadores*, agulhas nº 1, tesouras médias, tesoura para papelão, serrote de costa, faca redonda, chanfradeira, burnidor, modelador para o couro e percaline, goiva de 20 mm, vazador de 2, 3, 4 e 6 mm, pincel para sola, pincel para grude, pincel para tinta, tigela pequena de louça ou pirex, panela para grude, peneira de arame fino, colher de pau, caldeirão para cola, tabuleiro para marmorizar de 0,80 x 0,55 m, vidro de 4 mm (450 x 50), espátula de madeira, pranchelas, arame, graminho, modelador de lombada, bastão torneado, grampos C n° 3, prensa de madeira, chave de prensa, prensa de ferro, guilhotina, furador, broca de 1, 2, 3 e 4 mm, esmeril pequeno, pedra de afiar, alicate de bico redondo, arco de pua, fogareiro elétrico, metro articulado, régua T, lixas de ferro e finas.

É digno de registro o trabalho que alguns meninos desenvolvem nessa técnica: o de recuperação de livros usados na biblioteca, que representa valiosa colaboração dos alunos na conservação do acervo da biblioteca, ao mesmo tempo em que estimula maior cuidado de todos os alunos no uso dos livros.

Metal

Objetivos: adquirir conhecimentos necessários à técnica; conhecer a matéria-prima utilizada, sua origem, característica e propriedades; habituar o aluno ao trabalho, usando de modo adequado ferramentas e material.

Tipos de trabalhos realizados pelos alunos: armações de metal, pés de filtro, cantoneiras, floreiras, porta-revistas, conjunto de abajures, cinzeiros, candeeiros, figuras decorativas etc.

Material de consumo: vergalhões de diversos números, folhas de zinco, cobre, arame e lata.

Material instrumental: chaves de fenda de 6", 8", 4", alicate (bico chato) de 6", alicate (bico redondo) 6", alicates universais, alicate de dupla força, alicate de corte lateral, arcos de serra para metal, tesouras para chapa, calibrador para parafusos, máquinas de furar, esquadros de aço, martelos de bola (de 200, 300 e 400 g), metro articulado, riscadores de chapa, trilhadeiras, limas bastardas chatas 8" e 10", limas murça 8" e 10", punções, bigorna de 10 kg, bigornas de 25 kg, cadinho de grafite, escovas de aço para lima, forjas, ferros de soldar, elétrico e simples, esmeril elétrico, máquina de furar elétrica com mandril de 1/2", tenazes, tesourão para chapa, soldador elétrico de 30 amp, 1 tarraxa, maçarico, maceite de 1 kg, tranchas planas, tranchas curvas, chave inglesa de 10", calibrador para arame e abridores de lata.

Couro (Sapataria e outras confecções)

Objetivos: formar hábitos de trabalho, tornando o aluno cada vez mais útil a si e à sociedade; exercitar no manejo do material instrumental; adquirir conhecimentos requeridos nessa técnica; habituar o aluno no conhecimento do material e seu emprego.

Tipos de trabalhos realizados pelos alunos: bolsas, sacolas, pastas, porta-revistas, capas para livros, carteirinhas, cintos e pulseiras.

Deve-se registrar aqui o desenvolvimento da técnica de Sapataria pelos meninos que constituíram grupo à parte na ala masculina, na confecção de variados tipos de sapatos, desde a sandália aberta até o sapato escolar, fechado.

Material de consumo: couro de diversas cores e tipos: fazendas para forro, fitilhos, linhas, papelão, cola, tachas, arebitos, trincos.

Material instrumental: facas, sovelas, tesouras médias, tesourão, régua de metal, fita métrica, es-

quadros de metal, alicates, jogos de vazadores nº 2, 3, 4, 5, etc. Alicates vazadores, dobradeiras, traçadores de osso, trinchetas, grosas, espátulas, marchetadores de aço, martelos, modeladores, pedra mármore (pedaços de 20 cm), pirógrafo, jogos de marchetadores de enfeite, grifos de 3 dentes, grifos de 1 dente, pedras de amolar e de afiar, fôrmas para sapatos, máquina de couro e de pregar colchetes de pressão, agulhas.

Macieira

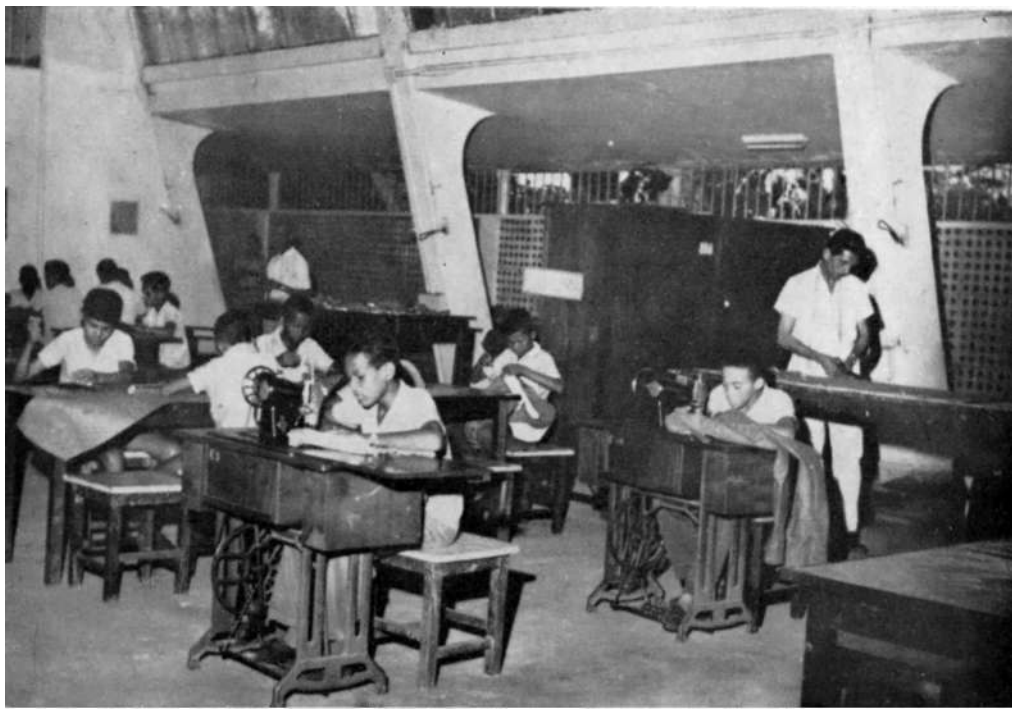
Os objetos do ensino da técnica de trabalho em madeira são os mesmos do ensino da técnica do couro.

A aprendizagem vai do recorte simples em serras "tico-tico" à utilização de serra elétrica em pequenos móveis.

Tipos de trabalhos: mobiliário miniatura, caminhões, carros e casas de brinquedo, porta-jóia com incrustações de jacarandá, cabides, papeleiras etc. Repararam também os móveis da própria escola e confeccionam pequenos tamboretos, cadeiras, balanços.

Material de consumo: compensados de 4 a 6 mm, tábuas de pinho de 1/2 polegada, de 3/4 e de 1"; cola, tinta, verniz, alvaiade, pregos e lixas.

Material instrumental: bancos de marceneiro, de professor, plainas nº 4, martelos de pena de 150, 200, 300 e 400 g, máquina de furar manual (capacidade máxima 1/4), esquadros de aço (tamanho médio), martelos de unha de 200 g, graminho para encaixe, arco de pua (com jogo de pua), compassos 7" ponta seca, compassos de 10" (ponta seca), jogos de verrumas, grampos de C de 3", 4", 5", 6", 7", 10" de boca, grosas meia cana de 8" e 10", suta, limas meia cana de 8" e 10", chaves de parafusos de 4", 5", 6", 8", limatões redondos, 4", 6", 8", 10" bastardo, arco de serra tico-tico (de preferência Eclipse F.S.70), serrotões de costa de 12", serrotões de traçar 2", 1 nível-limas de murça triangular 4", torquês de 6", alicate de corte frontal 7", alicate de corte lateral 7", metros articulados, coleiros, punção para marcar, para furar, canivetes médios, formões de 1", 3/4", 5/8", 1/4", 1/8", raspadeiras espátulas de 1", 1/2" e 2", serrotes de ponta, travadeira, fogareiro elétrico, pedras de



afiar, caixa de corte, máquina de furar elétrica (capacidade máxima 1/4"), máquina tico-tico nº 1, motor de 1/4 HP, torno tamanho médio.

Alfaiataria (meninos). Corte e Costura (meninas)

Objetivos: Despertar interesse para as confecções, habilitar os alunos na confecção do seu próprio vestuário; ensinar o aproveitamento econômico do material.

Na técnica de alfaiataria os meninos confeccionam: calças curtas e compridas, blusões, calções para recreação, shortes, aventais de trabalho e camisas. Em corte e costura as meninas produzem grande variedade de vestidos, jogos para recém-nascidos, camisinhas, blusões, jardineiras, aventais, saias, shortes, conjuntos, baby-doll, camisolas, túnicas para recreação, casacos, trajes para representação no setor artístico, jogos de cama e mesa para serem bordados.

Material de consumo: fazendas de múltiplas variedades e cores, idem linhas, rendas, bicos, botões, colchetes de pressão.

Material instrumental permanente: máquinas de costura, fitas métricas, dedais, régua de 1,00 m, 0,50 m e 0,30 m, ferro de gomas, tábua de passar a ferro, papel de bobina, lápis fáber preto, lápis bicolor, carretilha, croquis, cadernos, agulhas, cartas de alfinetes, giz de alfaiates, borracha e mesa de corte.

Bordados Diversos

Objetivo: desenvolver a habilidade manual, o gosto artístico relativo aos artigos de cama, mesa e uso pessoal.

Há grande variedade de trabalhos bordados pelas meninas, desde os lencinhos individuais, "lingerie", saias, blusas, aos jogos de cama e mesa. Tipos de "pontos" aprendidos: bordado branco, matiz, ponto de cruz, norueguês e croché.

Material de consumo: tecidos variados, linhos e cambraias de diversas cores.

Material instrumental: tesouras médias e pequenas, máquinas, bastidores de vários tamanhos, fita métrica, régua de 1 m, papel para risco, cartas de alfinetes, lápis, dedais, agulhas.

Confecção de Brinquedos Flexíveis

Objetivo: aplicação de técnicas diversas (corte, bordado e croché) em trabalhos de interesse infantil.

Tipos: bonecas de todos os tipos, da bruxinha de pano e de meia, à bonequinha elegante; polichinelo, ursos, cachorros, patos, coelhos, girafas, gatos e burrinhos.

Material de consumo: meias de algodão, tecidos diversos de seda, algodão, feltro, linhas variadas, fitas e botões.

Material permanente: tesouras médias e pequenas, máquinas de costura, agulhas, estiletos de madeira, cartas de alfinetes, dedal, caderno de desenho, lápis e borracha.

Tapeçaria

Objetivo: desenvolvimento da habilidade manual, formação de hábitos de trabalho em grupo, desenvolvimento do gosto artístico.

Os tapetes dos alunos da Escola-Parque são considerados por alguns críticos de arte que tiveram ocasião de vê-los, trabalhos de nível de criação artística, bastante elevado. Estiveram em exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ocasião em que sua diretora, Lina Bardi, personalidade de renome nos meios artísticos internacionais, desejou comprá-los para o acervo da instituição. Entretanto, nunca se pretendeu vender a tapeçaria dos alunos, pois, segundo Genaro de Carvalho, o tapeceiro baiano, "aqueles tapetes não têm preço, são um patrimônio do Centro; nunca mais se irá conseguir novamente aqueles desenhos..."

Alguns estão espalhados pelo mundo como lembrança a visitantes ilustres, da mais variada estampa



de flores exóticas, barcos no mar, jarros, bolas, listas, florestas, crianças, velhas igrejas, ruas, ladeiras e casario antigo da Bahia.

Material de consumo: talagarça, etamine, lona, lãs, fios, linhas etc.

Material instrumental: agulhas de tamanhos diversos; agulhas de croché e de tricô, agulhas sem ponta, dedais, fitas métricas, régua, caixas de lápis de côr, lápis preto, papel de risco, papel vegetal, caixas de alfinetes, fita durex, esquadros tamanho médio.

No momento, o ponto empregado é o "gobelin".

Tecelagem e Cestaria

Objetivos: estimular o interesse econômico pelo uso de fibras nacionais e aproveitamento de fios diversos; despertar a atenção e observação nas minúcias das operações do trabalho.

Material de consumo: fibras variadas, sisal, piaçava, ráfia, vime, palha, madeirite, linhas de tipos e cores diversos e tintas industriais.

Equipamento da sala de aula de tecelagem de pedal: teares com bancos e sarrafos, mesas grandes, armários para material, de consumo, ferramentas; urdideira, roca, ensoladeira, pacetas, lançadeiras, tesouras, régua, fitas métricas, quadro-negro quadriculado, baldes para tintura de fibras, caixa de lápis de côr, papel quadriculado e papel bobina.

Tipos de tecelagem: tapetinhos, esteiras de praia e ornamentais, sacolas, isoladores de pratos e copos, jogo americano, tecidos para abajur, chalé, caminho de mesa e toalhas decorativas.

Tipos de cestaria: cestas de feitos e tamanhos diversos.

Bijuteria:

Foi introduzida recentemente, como técnica de interesse das meninas, a bijuteria, com aproveita-

mento de sementes típicas, contas, miçangas, sobras de couro e plástico. As alunas fabricam seus próprios brincos, colares, anéis, broches, acompanhando sempre a influência da moda, no momento.

É material muito vendável nas exposições de fim de ano, devido à originalidade da bijuteria e de seu excelente acabamento.

Flores:

Há também grande interesse das meninas pela técnica de confecção de flores, em plástico ou tecido.

O material confeccionado pelos alunos no Setor de Trabalho é vendido, no decorrer do ano, na "lojinha" que funciona sob a responsabilidade também dos alunos, no Setor Socializante. No final de cada ano, a volumosa produção de trabalhos é vendida na exposição geral e o lucro depositado nas cadernetas individuais dos alunos, do "banco econômico" do CECR, de acordo com a venda de seus trabalhos.

Apesar da grande produção das técnicas, o objetivo visado não é o da quantidade, mas o de obter uma produção que resulte de situações educativas, isto é, situações em que o aluno, orientado pelo mestre: 1) sugira e aceite projetos de trabalho e participe de sua elaboração; 2) realize com exatidão todas as suas fases, mantendo-se sempre em atividade; 3) julgue o resultado obtido; 4) em consequência, aprenda real e integralmente, adquirindo conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à vida.

Para a avaliação do aproveitamento do aluno no Setor de Trabalho são observados os seguintes aspectos: Colabora êle no planejamento do trabalho? Compreende bem as instruções? Participa ativamente das várias fases do trabalho? Aproveita bem o tempo? Começa logo a trabalhar? Trabalha até encerrar o horário? É digno de confiança e assume responsabilidade? Está desenvolvendo autocrítica e senso crítico? Procura descobrir e corrigir erros? Trabalha bem em grupo? Trabalha bem independentemente? Aceita



bem as decisões do grupo? É cortês e respeita os direitos dos outros?

Observando de perto uma criança em seu trabalho

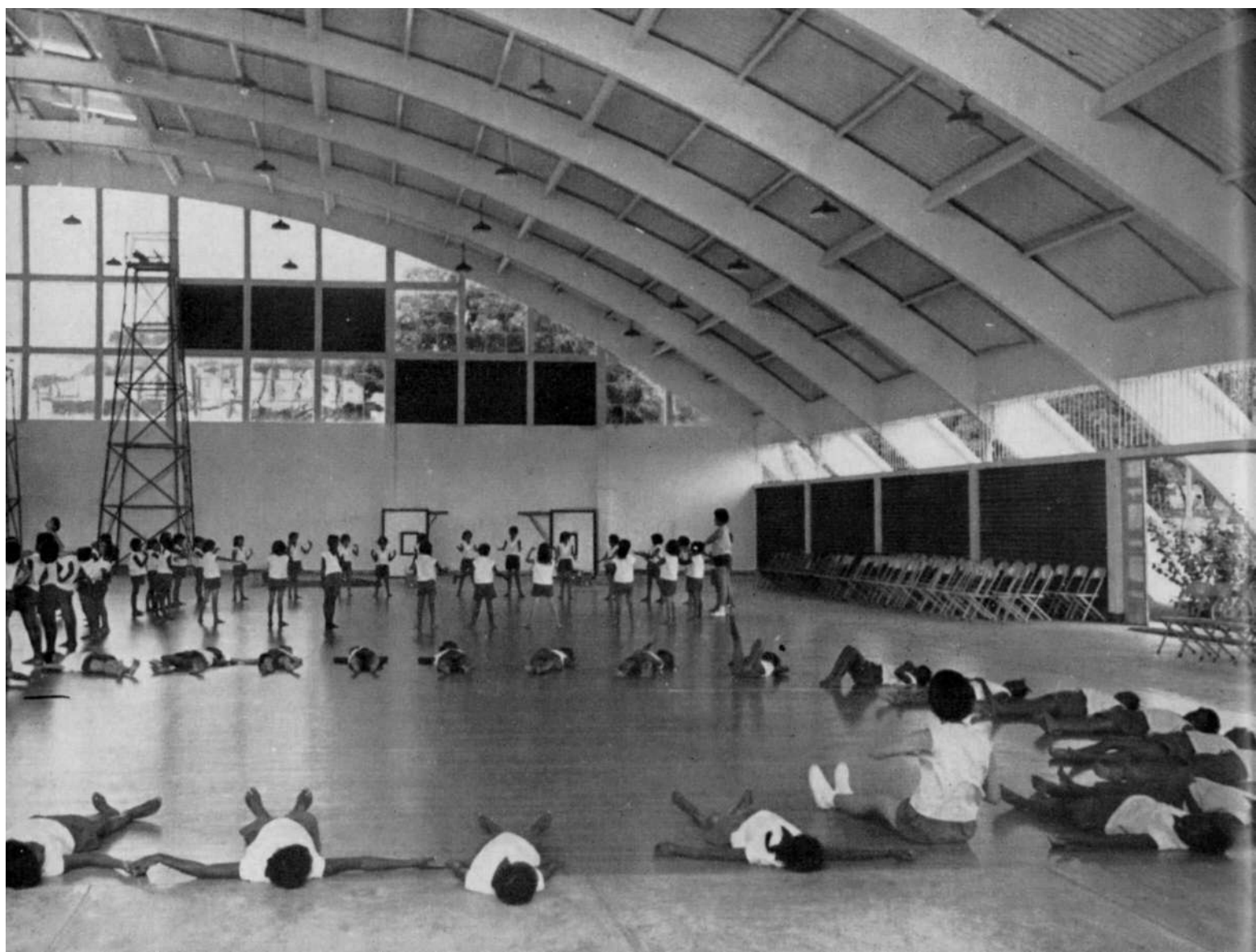
Dos relatórios de estagiárias, bolsistas que estiveram em cursos de aperfeiçoamento do CECR, retiramos esses trechos que consideramos verdadeiros testemunhos do processo educativo que ali se efetua:

"No Setor de Trabalho pude observar detalhadamente duas técnicas: uma na ala das meninas e outra na ala dos meninos. A primeira foi a técnica de fazer bonecas de pano. Achei lindíssimas as bonecas. E gostei imensamente da professora. Seus gestos calmos, suas mãos seguras, seu olhar crítico, tudo isso funciona muito bem junto às crianças. Tentei observar essa técnica em todos os seus passos para poder depois descobrir o que ela desenvolve na criança. Por isso segue agora uma pequena descrição.

A professora corta o molde da boneca numa meia de algodão. As meninas alinhavam e costuram na máquina. Depois de rechearem a boneca com algodão, fazem suas meias. Estas são costuradas na própria boneca com pontos bem juntos, pequenos e firmes, feitos à mão. Seguem-se os sapatos, de feltro, a maioria deles. O próximo passo é o rosto da boneca que é elaborado com todos os detalhes. A seguir, as meninas cortam a lã para os cabelos. O último passo é o vestido. A professora corta o molde, as meninas costuram à mão, bordam ou fazem aplicações. São elas que escolhem a expressão do rosto da boneca, seu penteado e modelo do vestido, se querem boneca clara ou escura, boneca ou boneco. Elaboram a boneca segundo sua escolha, quase que inteiramente sozinhas, porém submetendo cada passo à observação e orientação da professora. Olhando toda esta sequência de atividades e escolhas, podemos verificar o seguinte: essa técnica desenvolve, além da habilidade manual, que se poderá tornar uma profissão mais tarde, a iniciativa própria, força, decisão e responsabilidade perante essa decisão; se a menina quiser

mudar a boneca, pode, mas terá que desmanchá-la e fazê-la de novo; neste sentido aumenta a perseverança, a capacidade de concentração e oportunidade de equilíbrio por ser muito motivador. Desenvolve o sentimento decorativo, a percepção de relação entre forma, tamanho e cores. Finalmente, é uma técnica que integra muito bem diversas funções psicológicas, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

A outra técnica que observei foi a cerâmica. Começarei também com uma pequena descrição: as crianças, inicialmente, batem o barro e amassam. Se forem trabalhar com massa estendida, estiram o barro e cortam o formato que lhes parece certo, sempre com a orientação da professora. Se não forem trabalhar com massa estendida, fazem "cobrinhas" que enrolam sobre uma base, sempre cuidando bem para que seja bem ligada uma à outra. Depois disso, nos dois casos, o da massa estendida e o das "cobrinhas", modelam a peça, trabalhando-a com os dedos. Finalmente alisam bem cada aresta da peça com o auxílio de pequenas espátulas de madeira. É talvez o trabalho mais demorado e que exige cuidado de todo o processo. Depois de lisa, a peça será queimada. Poderá ser pintada ou não. Os meninos escolherão também o que quiserem fazer; a forma, o tamanho, é escolha deles. Essa técnica desenvolve em primeiro plano a imaginação e a criatividade. Além disso é um ótimo instrumento de descarga emocional. O que a criança tiver de agressividade, ou simplesmente de energia suplementar, para ser posta para fora, êle o fará na hora de bater o barro e de amassá-lo. As próximas etapas desenvolvem a percepção das relações entre formas, proporções, e também de cores. Também nessa técnica a criança tem a oportunidade de desenvolver a decisão, a responsabilidade, a concentração e a perseverança. É menos difícil amassar uma peça de barro mole e modelá-la novamente, mas é sempre um esforço para a criança, e um esforço muito positivo nesse caso." (Trecho do relatório de Elizabeth Bauch, psicóloga paulista.)



c) O Setor Recreativo ou de Educação Física

O setor recreativo ou de educação física é constituído de um campo gramado de esportes, retangular, estendendo-se no centro da Escola, em toda a sua extensão; um pavilhão de atividades físicas, ginástica propriamente, com 2.775 m², com as mesmas características arquitetônicas do setor de trabalho; campo de basquete, voleibol, em área coberta; 120 banheiros com ducha, pequena cantina para os professores; 4 salas para guardar o material específico do setor; e sala de reunião para a coordenação.

O funcionamento deste setor, com professores especializados, se faz em três horários e nos dois turnos letivos, de segunda a sexta-feira, e no primeiro turno do sábado. Cada turma que o frequenta, em duas aulas semanais, em dias alternados, faz rodízio com as que frequentam os outros setores.

A qualquer hora do dia em que se chegue aí, podemos assistir a grupos de crianças, com seus professores, vestidos com uniformes de ginástica, praticando variados tipos de exercício físico. No pavilhão, ou nas áreas ao ar livre, a infância ferve em movimento: marchas, galopes, saltos, arremessos, jogos de bola, ginástica, calistenia, aparelho em movimento, basquete, futebol etc. tudo funcionando como um grande ginásio esportivo, semelhante aos clubes em competição internacional. É onde a alegria da criança se faz notar com maior intensidade.

O ginásio comporta, aproximadamente, oito grupos de alunos, num mesmo horário, com 30 alunos em cada grupo, em educação física, ao mesmo tempo. Espalham-se com seus instrumentos pelo salão, em jogos e ginásticas apropriadas a cada idade.

Quando o aluno começa a frequentar o Setor Recreativo, submete-se a um controle médico onde se verificam o peso, a estatura, o perímetro torácico e o

estado de saúde geral da criança apta ao exercício físico.

Objetivos gerais das atividades recreativas: saúde da criança, aproveitamento condigno das horas de lazer; formação do caráter e afirmação da personalidade; preparação pré-vocacional dos maiores para o campo dos esportes. *Objetivos específicos*: possibilitar o desenvolvimento da capacidade física da criança e do adolescente; concorrer para o desenvolvimento normal de todas as funções orgânicas, principalmente a função respiratória; corrigir as atitudes defeituosas e as conseqüências das posturas viciadas; favorecer a aquisição de hábitos e atitudes que contribuam para o reajustamento social da criança e do adolescente e do domínio emocional; ensinar habilidades recreativas variadas, ou propriamente ensinar a brincar; desenvolver habilidades necessárias à prática de determinados desportos, a capacidade de observação, julgamento, decisão, iniciativa e gosto pelas atitudes definidas.

As atividades neste setor são organizadas em planos mensais, pela coordenação técnica, e abrangem as seguintes áreas: a) atitudes naturais — correr, saltar, trepar, arremessar etc; b) jogos — motores, sensoriais etc. adaptados às condições físicas e psíquicas das crianças; c) atividades rítmicas — marchas, galopes, saltitos, ao som de ritmos, palmas, contagem, tamborim; brinquedos cantados, danças regionais e folclóricas; d) atividades ginásticas — jogos ginásticos, exercícios ginásticos (método francês), calistenia, método sueco, desportiva generalizada, método austríaco, ginástica feminina moderna, ginástica de solo, e em aparelhos; e) iniciação desportiva, com princípios técnicos essenciais, processos pedagógicos, jogos pré-esportivos ou grandes jogos; f) desportos, basquete, voleibol e futebol.

Há, ainda, na programação, as atividades chamadas complementares que são as excursões, concentrações, demonstrações, competições. No final de cada mês, os professores do setor recreativo realizam, para um grande auditório de pais e público em geral, funcionários e professores do CECR, evolução em



conjunto, com todas as turmas do horário, numa demonstração de harmonia e disciplina dos alunos.

Trecho do diário de uma bolsista, com estágio de um ano no CECR: "Uma aula no setor recreativo onde venho estagiando: as meninas trocam seus calções e suas blusinhas (que elas mesmas fizeram no setor de costura do Pavilhão de trabalho) às pressas, nos banheiros que ficam embaixo do ginásio. Penduram suas fardas, colocam os sapatos, tênis, sandálias, em fila, perto da parede de azulejo e saem numa corrida para não chegar atrasadas. São diversos grupos, de idade aproximada; quase todas de côr. Atraídas pelos apitos dos professôres, cada grupo procura colocar-se em posição de atenção. Contando as alunas, vi que cada professor fica com 25 meninas, mas não há desordem nos grupos, que são 8, desta vez. Fazem a chamada, anotando as ausências numa ficha grande. Quando tiver oportunidade procurarei copiar os dados dela. Iniciam a aula com uma atividade viva, alegre; uma roda, um brinquedo cantado, ou um pequeno jogo com bola. As meninas estão alegres, seus rostinhos mostram bem como ficam felizes com a recreação. Depois da primeira fase da aula, do jogo simples, as meninas fazem a mando do professor a "formação corporal", que pode ser exercício (ginástica) e êle vai corrigindo a posição de uma ou de outra. Algumas têm defeito de postura que o professor, com paciência, vai tentando corrigir. O final da aula é feito com um jogo calmo e ao terminar, juntam-se todas as meninas ao redor do professor para ouvir o que êle tem a falar. As alunas estão acaloradas, vermelhas e algumas transpirando. Ficam atentas ouvindo o comentário da aula. Vão combinar com o professor uma excursão que pretendem fazer, e, logo em seguida, dispersam-se pela porta que as leva às escadas para o andar térreo. Vou acompanhando as meninas até os chuveiros. Lá, tiram suas roupas e entram nos chuveiros ao longo dos banhei-

rinhos individuais. As meninas são muito naturais e sem maldade. Tomam seus banhos, enxugam-se nas toalhas fornecidas pela escola e, com seus cabelos ainda escorrendo água, vestem-se e vão correndo para os outros setores." (Nadeje Crisóstomo, bolsista do Curso de Supervisores, professora de Alagoas.)

A avaliação dos resultados da educação física dos alunos é apreciada através das notas ou conceitos conferidos mensalmente, abrangendo aproveitamento e comportamento, observando, principalmente, se a criança apresenta boa postura, se brinca com prazer, se tem ampliado suas habilidades recreativas, se está melhorando sua capacidade de colaboração, se se ajusta a atividades mais tranqüilas, se há timidez ou agressividade no jogo, se participa sem constrangimento dos jogos de eliminação, se respeita as regras, se acata as instruções do professor.

Para freqüentar o setor recreativo, as crianças são agrupadas por turmas, levando-se em consideração idade e estatura. Os adolescentes da 4ª escola-classe (em nível de escola secundária) agrupam-se em turmas mais ou menos homogêneas, masculinas e femininas. Ademais, há turmas especiais de crianças deficientes de saúde, portadoras de defeitos de atitude ou que necessitam de atenção especial.

Há também no planejamento geral de atividades do Setor, as chamadas temporadas "de boa atitude", com duração aproximada de uma semana, em que se cuida do valor postural da criança, isto é, ensina-se a andar, sentar, abaixar-se, a usar corretamente os pés, carregar pequenos pesos, a ficar de pé; em suma, a colocar-se fisicamente no espaço, de forma harmoniosa e com o mínimo de desgaste.

Nas áreas livres do CECR, nos gramados macios, à sombra dos arvoredos, concentram-se os alunos de sete anos, para sua brincadeira infantil, mais espontânea que dirigida.

**d) Setor Artístico:
Teatro, Música e Dança**

O Setor Artístico da Escola-Parque é dos mais novos, inaugurados em 1963, com instalações modernas, apropriadas à arte teatral, musical e à dança, obedecendo à mesma linha de arquitetura do conjunto. O grande auditório semicircular, tipo arena, comporta 5.000 pessoas aproximadamente. O palco é giratório e de grandes proporções.

O trabalho realizado neste Setor coloca-se bem acima da média das atividades artísticas encontradas, em geral, nas escolas brasileiras. Responsabilizando-se por êle profissionais de categoria, temos ali a educação integrada na arte, não o passatempo dos teatros escolares, tão improvisados e de mau gosto.

As atividades desenvolvidas pelos alunos que demonstram gosto pela música, pelo teatro ou pela dança — matrícula aberta a todos igualmente, com aptidão ou sem aptidão — é considerado por eles tão importante como qualquer outro, de classe ou de banco ou comércio. É que, além de demonstrações internas, para colegas, professores e famílias, é programa do setor os espetáculos fora da escola. De modo que todo o esforço de participação dos grupos que frequentam o Setor Artístico, no sentido de fazer arte de boa qualidade, se torna altamente educativo, não só do ponto de vista propriamente artístico, como da disciplina e do civismo.

Dentre as demonstrações de música, anotamos os recitais de canto coral, levados em Feira de Santana, no Teatro Vila Velha, na Reitoria da Universidade da Bahia, a participação no Concurso Nacional de Coros Orfeônicos do Rio de Janeiro, tendo o conjunto se classificado em 1º lugar em âmbito regional e obtido menção honrosa na fase final. Ademais, os con-

juntos chamados "Selecionados" apresentam-se nas escolas de música, teatros, salas de concerto, clubes, estações de rádio da cidade e do interior, bem como em praças públicas, por ocasião de encontro de corais organizados pelo Touring Club. E os alunos que pretendem continuar seus estudos artísticos, para se tornarem futuros profissionais, têm como prêmio bolsa-de-estudo no Seminário de Música da Universidade da Bahia.

Entre as demonstrações do grupo de teatro, além das experiências significativas do sociograma, registramos o estudo de nosso folclore, e a encenação do "Bumba-meu-boi", considerado o bailado popular mais completo do Nordeste, com texto recolhido em Alagoas, Sergipe e Bahia, enriquecida pela participação dos alunos. Encenado 12 vezes, foi filmado no ano da montagem, por equipes especializadas da ONU e da UNESCO que vieram à Bahia para realizar documentário cinematográfico sobre as escolas, sendo apresentado pelo Brasil em 1964 a essas organizações internacionais. O espetáculo, cheio de graça e espontaneidade, teve os cenários, vestimentas e máscaras desenhados e confeccionados pelos alunos, DO











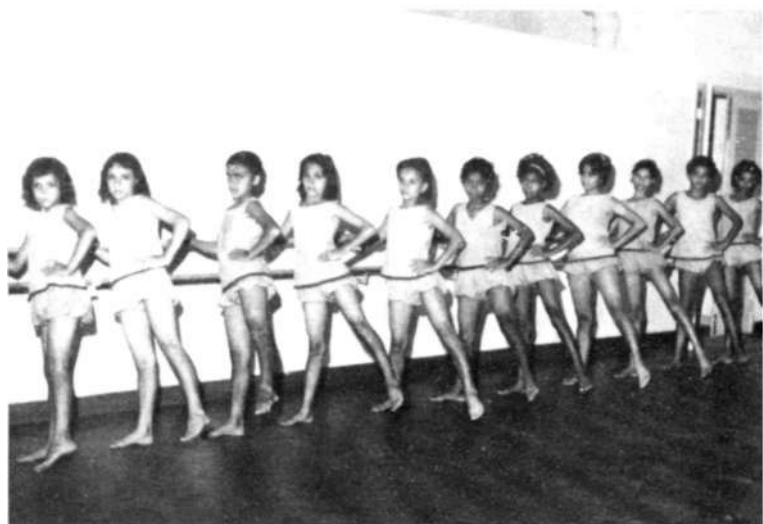
Setor de Trabalho, numa verdadeira revitalização do folclore daquela zona. Encenaram ainda um auto, "Pastoril do Natal", também levado na Associação Atlética do Banco da Bahia, a "Feira da Confusão", "Valores Novos", "Festa de São João na Roça", Grupos de capoeira e samba de roda.

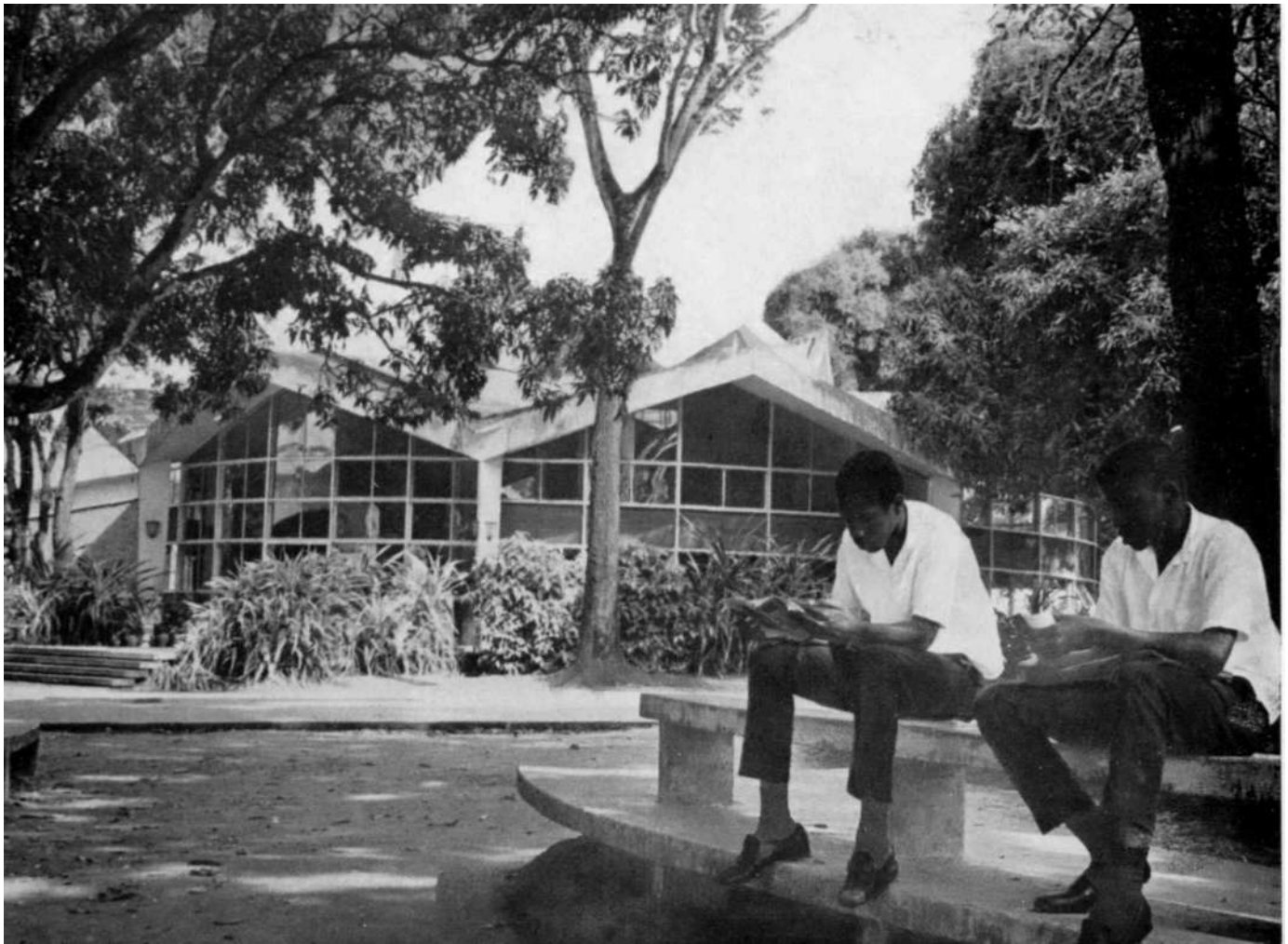
As atividades de *teatro* na Escola-Parque constam de pesquisa, preparo de peças, desenhos de vestimentas e cenários, exercícios de dicção, improvisação, canto e dança. Favorecem no educando a atitude de observação, a desinibição, o espírito criador, que, além de ajudá-lo em seu desenvolvimento emocional, abre perspectiva ao talento revelado para projetá-lo na cultura artística do seu meio.

O ensino de *música* na Escola-Parque tem como objetivo oferecer ao aluno, ainda que sem aptidão, oportunidade de, através de meios pedagógicos adequados, aprender música; desenvolver o amor pela música e prepará-lo para prática vocal e instrumental; desenvolver a sensibilidade rítmica, a capacidade de ouvir, sentir e, se possível, criar; formar um público capaz de ouvir com atenção, respeito e agrado, tanto a música erudita como a popular; favorecer-lhe, ainda, o senso crítico, enfim, colaborar no desenvolvimento total da personalidade da criança.

São os seguintes os grupos selecionados em música: educação musical, estudar cantando, conjunto de flauta doce; bandinha rítmica; corais infantis; conjunto folclórico; corais do primário; corais femininos (ginásio); coral misto; banda de música e coral dos professores.

As aulas de *dança* são de dois tipos: a dança moderna baseada nos movimentos livres, na criação que a música sugere às meninas, no momento; e as danças folclóricas, tais como a capoeira, samba de roda e escola de samba. Esse tipo de dança tem grande aceitação pelo auditório das famílias dos alunos e por eles próprios, havendo a participação assídua do elemento masculino.





e) Biblioteca

Dos diários escritos pela professora bibliotecária do Setor "cultural — biblioteca" da Escola-Parque, em que num relato minucioso se registra o dia-a-dia de suas atividades com aquele mundo de crianças, destacamos os seguintes trechos que nos revelam aspectos mais significativos de sua vivência educativa:

"Nos primeiros dias letivos de março de 1962, tivemos a satisfação de dar prosseguimento aos trabalhos de organização e instalação da Biblioteca da Escola-Parque iniciados em julho de 1961 — e graças à dedicação de todo o pessoal, professores e funcionários, que não pouparam esforços no sentido de equipá-la com rapidez, tivemos a alegria de em pouco tempo ver cumprido nosso propósito. A fim de abreviar os trabalhos de preparação dos livros para que a Biblioteca pudesse ser freqüentada pelos alunos o mais depressa possível, decidimos registrar inicialmente 5 (cinco) exemplares de cada título, classificá-los e prepará-los logo para o "empréstimo". Usamos o sistema de classificação decimal de Dewey, sendo que para os livros de literatura infantil, adotamos o símbolo F (ficção). A catalogação é a do *Vaticano* com abreviações, e empregamos a tabela *Cutter* para o nome do autor. Quanto ao catálogo, adotamos o sistema "dicionário", fazendo também o de "cabeçalho de assunto". Para as revistas, usamos o fichário *Kardex*. Havia 4.286 livros nas estantes. No final do ano eram 6.844 livros e 190 álbuns registrados e catalogados, mais 24 títulos de revistas infantis.

"De modo geral as crianças não têm hábito de leitura e não se interessam pelas histórias mais longas. Preferem os livros elementares, de texto curto que lêem num instante: o grupo que ocupa uma mesa e os que estão próximos querem sempre livros iguais. Durante os dois primeiros meses, notávamos que as crianças não liam. Estavam sempre a trocar de livros, procurando um livro diferente dos que já haviam folheado, curiosos de ver todos. Aos poucos essa atitude foi se modificando e passaram a procurar os

livros didáticos, querendo estudar as lições, com auxílio das professoras que indicam onde encontrar o assunto desejado e dão explicações sobre o tema procurado. As crianças vão livremente às estantes e retiram o livro que desejam."

Os diários de 1963 nos contam: "O recinto da biblioteca é pequeno para tão elevado número de crianças e já não dispõe de salas isoladas onde se possam localizar as turmas de pequenos que vêm ouvir estórias, ver teatro, fazer jogos instrutivos. É inevitável o falatório e a confusão até que todos se acomodem. Foi considerável o estrago de livro. Atribuímos a dois motivos: grande número de crianças analfabetas manuseando-os para ver figuras e a lotação de quatro alunos em mesas com capacidade para dois apenas, o que dificulta folhear as páginas dos livros, estragando-os. No mês de agosto iniciamos o empréstimo de livros a domicílio com os alunos maiores do curso primário e do ginásio. Estabelecemos o dia fixo para retirada de livros e devolução. O livro didático, entretanto, poderá ser emprestado em qualquer dia, havendo necessidade de estudo. Vantagens do empréstimo: possibilita a leitura de livros de maior texto e seqüência, uma vez que muitas crianças se negavam a retirar da estante livros bons por serem de muito texto, alegando o pouco tempo de permanência na Biblioteca. Mesmo assim, tivemos alguns alunos que se interessaram por leituras mais longas pedindo às professoras que anotassem a página onde haviam ficado, a fim de prosseguirem a leitura no dia seguinte. Com o empréstimo foi solucionado este problema. Livros como *Aventuras de Pinóquio*, *Aventuras de Vera Lúcia*, *Pingo e Pipoca*, *Alice* e muitos outros eram lidos, comentados, despertando assim o interesse em outros leitores." "Em agosto saíram 900 livros para empréstimo; em setembro, 1.721; em outubro, 1.374. Encerramos o empréstimo a 28 de outubro. Reavemos todo o acervo, com exceção de três exemplares."

Em abril de 1964, os diários da Biblioteca registraram: "Tem sido grande o movimento na biblioteca nestes primeiros meses de atividades; os leitores têm-se mostrado bastante interessados, lêem com atenção, pesquisam, pedem e recebem orientação dos professores. Aprenderam a manter o silêncio e a disciplina, a manusear e conservar os livros, a sentar

e permanecer tranquilos na biblioteca, a tratar com boas maneiras professores, colegas e funcionários. Tem crescido muito o movimento do serviço de empréstimo e os livros que possuímos na referida seção já estão sendo poucos para atender ao número de leitores. Os alunos do 4º ano primário ainda não estão habituados com a seção de empréstimos e desarrumam as estantes, querem todos ser atendidos ao mesmo tempo, causando certa confusão no ambiente. Especialmente no mês de outubro, o movimento foi extraordinário, talvez por se aproximarem os exames, talvez pelos festejos comemorativos da semana da criança. Os alunos, alegres, enchem a Biblioteca de vida e calor. Estudaram, leram, pesquisaram e apreciaram os desenhos que fizeram e que foram expostos."

Em 1967, cinco anos depois de iniciadas as atividades culturais da Biblioteca, foram organizados grupos de alunos para "auxiliares de biblioteca". "Em cada sala, seis alunos serão escolhidos mensalmente e previamente orientados, terão a função de *auxiliares da biblioteca*, isto é: ajudarão na disciplina, na arrumação das estantes, na conservação dos livros, mobiliários, plantas e outros objetos. Após alguns meses todos os alunos que freqüentam o Setor, serão auxiliares da biblioteca."

"Durante o ano de 1968, a biblioteca funcionou em seis horas diárias: 3 no primeiro turno e 3 no segundo, para o curso primário; para o secundário em cinco horas, das 7 às 12 nos dias de 4ª-feira. Os alunos leram, estudaram, pesquisaram, ouviram, criaram, narraram e dramatizaram histórias e fatos, participaram de coro falado, auxiliaram os professores da Biblioteca, apresentaram desenhos e composições nas exposições realizadas no Setor." "Após inventário metuculoso, chegamos à conclusão de que 170 livros foram extraviados em 1968. Esta elevada cifra de livros extraviados num curto período de oito meses de atividades, teve como principais fatores: a) não funcionamento do serviço de empréstimo, por falta de professores; b) número excessivo de leitores em cada sala, dificultando o trabalho de melhor orientação e fiscalização; c) as venezianas e janelas baixas que contornam o Setor, facilitando aos leitores o desvio dos livros. Há registrados, conforme o livro de tomo, 10.934 livros na Biblioteca da Escola-Parque

do CECR." "Seria ideal a existência de verba destinada à biblioteca para que, nos casos de preferência por determinados livros (como, por exemplo, "O pássaro azul", de Maiterlinck, que durante o ano foi diariamente solicitado pelos leitores), pudéssemos adquiri-lo em número suficiente, a fim de atender a todos." "Cresce dia a dia o número de alunos que dispensam a leitura recreativa para se dedicarem quase que exclusivamente à pesquisa, à leitura informativa. As professoras têm sentido dificuldades em atender aos que procuram freqüentemente os livros didáticos, atualmente adotados e que a biblioteca não possui, como, por exemplo, a matemática moderna."

O prédio em que se acha instalada a Biblioteca é de linhas modernas, redondo e envidraçado. Há luz por todos os lados no seu interior. Um balcão central, circular, separa os arquivos, fichados, mesas de professores e armários, da área onde, em recantos divididos entre si por pequenos muros de estantes e livros — como setores de um círculo —, se localizam os meninos leitores. Compõe-se de duas seções, com fichários próprios: a infantil (livros didáticos, literatura infantil e revistas) e a de referências (dicionários, enciclopédias, livros informativos, fichário de gravuras, mapoteca e pastas de recorte).

A Biblioteca funciona com as seguintes atividades:

- Leitura — com livre acesso aos livros para retirarem os que mais lhes interessem. As crianças já adquiriram razoável autonomia e raramente pedem à professora para indicar suas leituras recreativas. Em levantamentos procedidos anualmente verifica-se que o gênero preferido é o de aventuras, mistérios e contos de fadas.

- Estudo-livre ou dirigido; o estudo em livros didáticos corresponde à necessidade dos currículos das escolas-classe. Em períodos de provas, de verificação da aprendizagem, o movimento de estudo se intensifica e dá-se oportunidade de estudo-dirigido em equipe sob a orientação da professora.

- Pesquisa — realizada na sala de referência, a pesquisa é comum entre os alunos das séries mais adiantadas que consultam com desembaraço, dicionários, mapas, enciclopédias, pasta de recortes de jornais, revistas e fichário de pesquisa,

- Hora do conto — criada para os alunos menores que ouvem e narram estórias, a hora do conto tem grande aceitação entre os alunos. Desenvolvem-se com essa atividade, a linguagem, a imaginação, a atenção e a memória.

- Jornal mural — com suas diversas seções, humorismo, literatura, crônica, notas sociais, ilustrações, charadas, movimento mensal da biblioteca. O *Uirapuru* é o veículo de publicidade organizado pelos alunos, no Setor.

- Exposições — cartazes, dísticos, gravuras, desenho dos alunos, livros antigos etc. estão constantemente em exposição para comemorar datas históricas e cívicas, acontecimentos religiosos, tradicionais, ou fatos de interesse mundial.

- Teatro de sombra e fantoche — bonecos, cenários, silhuetas são confeccionados no Setor de Trabalho pelos alunos que criam peças e as encenam com os professores. É uma das grandes atrações da biblioteca.

Livros recreativos mais solicitados pelos alunos que freqüentaram a biblioteca da Escola-Parque, entre os anos de 1967 e 1968:

Entre os alunos menores registrou-se a eleição de dois livros queridos e disputados por todos, meninos e meninas: *A Bonequinha Preta* e *O Bonequinho doce*. ambos da escritora mineira Alayde L. de Oliveira. A seguir vêm: *A galinha esperta*, de Sara Cone Bryant, *Bonequinho de massa*, de Mary Buarque, os *Contos*, de Perrault, de Anderson e Grimm, adaptação de Monteiro Lobato.

Entre os alunos maiores, com domínio completo do mecanismo da leitura, foram os seguintes os livros mais pedidos: *A mina de ouro*, da autoria de Leandro Dupré, *O pássaro azul*, de Virgínia Lefèvre, os livros de Nina Salvi, Francisco Marins, M^a Tereza Giacomo, a coleção dos livros de Monteiro Lobato, principalmente a série de aventuras ocorridas no "Sítio do Pica-Pau Amarelo", série de contos de Grimm, Anderson e Perrault e os livros de Alexandre Dumas, *Os irmãos Corsos*, *O Conde de Monte Cristo* e os *Três Mosqueteiros*.

Há, ao lado desse levantamento anual, da preferência do aluno por determinados livros, na do-

cumentação da Biblioteca, um material de pesquisa da opinião daqueles alunos sobre os mesmos, com elementos de interesse para os estudiosos da literatura infantil. Eis alguns depoimentos: Sobre a *Gata Borralheira*, por exemplo, Mary Conceição Fernandes, de 14 anos, assim se expressou: "Não gostei porque Gata Borralheira, que era tão bondosa, foi muito humilhada pela madrasta." Sobre a *Irmã de Simplicia*, de Virgínia Lefèvre, outra menina, Waldelice de Assis, de 14 anos, assim escreve: "Eu gostei muito deste conto, eu acho parecido com a realidade e por isso eu gostei. Eu nunca li um conto tão bonito, calmo e maravilhoso e ao mesmo tempo engraçado." Sobre *A rainha das borboletas*, a menina Maria José Cruz de Aragão, de 13 anos, observou: "Eu não gostei dessa história, certamente é uma linda fábula infantil para alguém que goste, mas eu francamente não gostei, porque no começo ainda vai contando aquela lenda que é até graciosa, mas, no fim, francamente, não gostei porque é muito triste e sem graça." Sobre a *Galinha Esperta*, de Sara Cone Bryant, comentou Washington Almeida Lacerda, de 13 anos: "Eu gostei muito da galinha esperta; de ver que a raposa querendo comer a galinha esperta, a raposa só ficava procurando a galinha até que um dia ela fica livre dessa raposa. Eu sempre apreciei esta história e nunca quero esquecer essa história e queria ler outros livros iguais a esse." Sobre *o homem que morre 4 vezes*, de Theobaldo Miranda Santos, é a seguinte a opinião de Nair de Oliveira, de 13 anos: "Não gostei da história porque nunca vi homem morrer quatro vezes e nunca vi juramento assim pegar um assassino por uma coisa que não fez e o outro assassino verdadeiro vem e é depois libertado com os outros que não tinham nada com a morte, foram jurando e depois libertados. E não se sabe qual o assassino certo." Sobre *Robin Hood*, José Orlando de Souza, com 13 anos, registrou: "Apreciei muito essa estória porque é uma estória que combina com minha idade, pois livros de infância são muito cheios de bobagens, então este livro de Robim Hood tem muitas coisas para despertar a curiosidade de qualquer adolescente, também gostei muito por iniciar a estória com gravura e terminar do mesmo modo."



f) Setor Socializante

O Setor Socializante do CECR abrange: o Banco Comércio e Indústria, o Jornal, a Rádio, o Grêmio e a Loja, instituições inteiramente dirigidas pelos alunos da 5ª e 6ª séries, supervisionadas por uma professora.

As atividades deste Setor têm como objetivos gerais dar aos alunos a oportunidade de maior integração na comunidade escolar, ao realizar atividades que os levam à comunicação com todos os colegas ou a maioria deles; prepará-los para atuar na comunidade, conscientes de seus direitos e deveres, como agentes do progresso social e econômico; desenvolver-lhes a autonomia, a iniciativa, a responsabilidade, a cooperação, a honestidade, o respeito a si e aos outros.

- Organização do Banco — Funciona o banco em turmas de 10 alunos com as seguintes funções: gerente, o aluno que dirige o banco, providencia a aplicação do capital, resolve os casos omissos no regulamento e autoriza empréstimos; subgerente, que auxilia o gerente e o substitui em seus impedimentos, autoriza o pagamento dos cheques; caixa-tesoureiro, que tem sob sua responsabilidade o dinheiro em Caixa, se encarrega de receber os depósitos, prepara a relação deles e confere o dinheiro em caixa sob a responsabilidade do tesoureiro; escriturário, que recebe dos caixas as papeletas de depósitos e os cheques pagos, além de escriturar o livro-caixa, organizando os balancetes mensais e o balanço anual; conferente de firmas, que confere a firma dos cheques e verifica se estão preenchidos corretamente; conferente de saldo, que confere o saldo das contas correntes para o pagamento dos cheques; correntistas, que fazem os lançamentos nas fichas de contas correntes, inclusive de juros que calculam; recepcionistas, que atendem no balcão, fornecendo informações e encaminhando os cheques para os vistos e pagamentos.

Em 1968, era de 1.316 o número de correntistas no Banco.

Funcionando regularmente, as atividades do banco oferecem aos meninos oportunidades educativas excepcionais: desenvolvimento do senso econômico e da honestidade; compreensão da importância da contribuição individual no patrimônio à disposição da comunidade; hábito de reservar uma parcela de recursos para ocasiões de maior necessidade; treino da prática bancária, própria na vida social do adulto.

- O *Jornal* — um diário, tipo mural e um de circulação mensal mimeografado — oferece aos alunos atividades muito interessantes através de suas diversas seções: editorial, manchete, noticiário, "mensagem a Garcia", humorismo e esportes. Os alunos se distribuem nos diversos encargos: diretor-presidente, o chefe-geral; diretor-chefe, responsável pelo editorial e de distribuir as tarefas pelos demais colaboradores, redatores, preparam a redação do noticiário; chefe de reportagem, encarregado de rever e selecionar as reportagens; repórteres, revisores, diagramadores.

A prática do jornalismo desperta no jovem atenção para os problemas e interesses da coletividade, buscando, sugerindo soluções e promovendo realizações; oferece uma oportunidade ao leitor para pensar, sentir e agir; desenvolve a autocrítica e a crítica construtiva; favorece a redação rápida, correta e a informação exata.

A "Rádio-escola" apresenta uma programação diária que consta de: comentário do dia, noticiário, pergunte o que quiser, estória lida ou contada, música, canto e discos.

Nela, os alunos desempenham as seguintes funções: responsável pela administração geral da Rádio (diretor geral); chefe do departamento de programação (diretor artístico); encarregados de preparar as reportagens (repórteres); noticiarista, incumbido de receber e selecionar as notícias e encaminhá-las aos locutores (chefe de departamento de notícias); encarregados de transmitir as notícias através do microfone (locutores).

A "Radioescola" procura desenvolver o gosto pela música; distrair a comunidade, preenchendo suas horas de lazer; noticiar com exatidão e objetividade; desenvolver a capacidade de comunicação da comunidade, sugerindo soluções e promovendo realizações.

- O "Grêmio" é constituído de quatro departamentos, sob a responsabilidade dos alunos: nossa escola, nossos colegas, social e esportivo. Através desses departamentos os jovens apresentam sugestões, elaboram planos e promovem realizações, visando aperfeiçoar a escola, ajudar os colegas, incentivar a vida social e as atividades esportivas.

Convivendo em grupos, com seu presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, chefes de departamento e sócios, obedecendo a um regulamento, os alunos no Grêmio têm oportunidades de praticar democraticamente a educação de sua livre expressão, de sua autonomia, iniciativa, cortesia, respeito e atenção.

- A "Loja" — instalada na Escola-Parque — vende, exclusivamente, os trabalhos que os alunos fa-

zem no Setor de Trabalho. Funciona tal qual uma loja verdadeira, com o gerente administrando e assumindo toda responsabilidade pelos artigos à venda; o caixa, que recebe e registra o pagamento proveniente das vendas e deposita o dinheiro no Banco; o correntista, que faz os lançamentos de lucros ou prejuízos e encarrega-se das fichas de vendas a crédito; os vendedores, que atendem à freguesia e vendem os inúmeros artigos que lhes vêm do almoxarifado da Escola.

Com as atividades da "Loja", os alunos adquirem noções de lucro, prejuízo, economia em suma, e desenvolvem seus conhecimentos de contabilidade pela organização de livros de escrituração mercantil.

- O Setor Socializante, procurando atender aos interesses dos jovens que freqüentam a 6ª série e o ginásio, ainda promove cursos extras, como os de arte culinária, manicure, cabeleireiros, bijuterias e dactilografia.



**g) Assistência Material,
Médico-Odontológica**

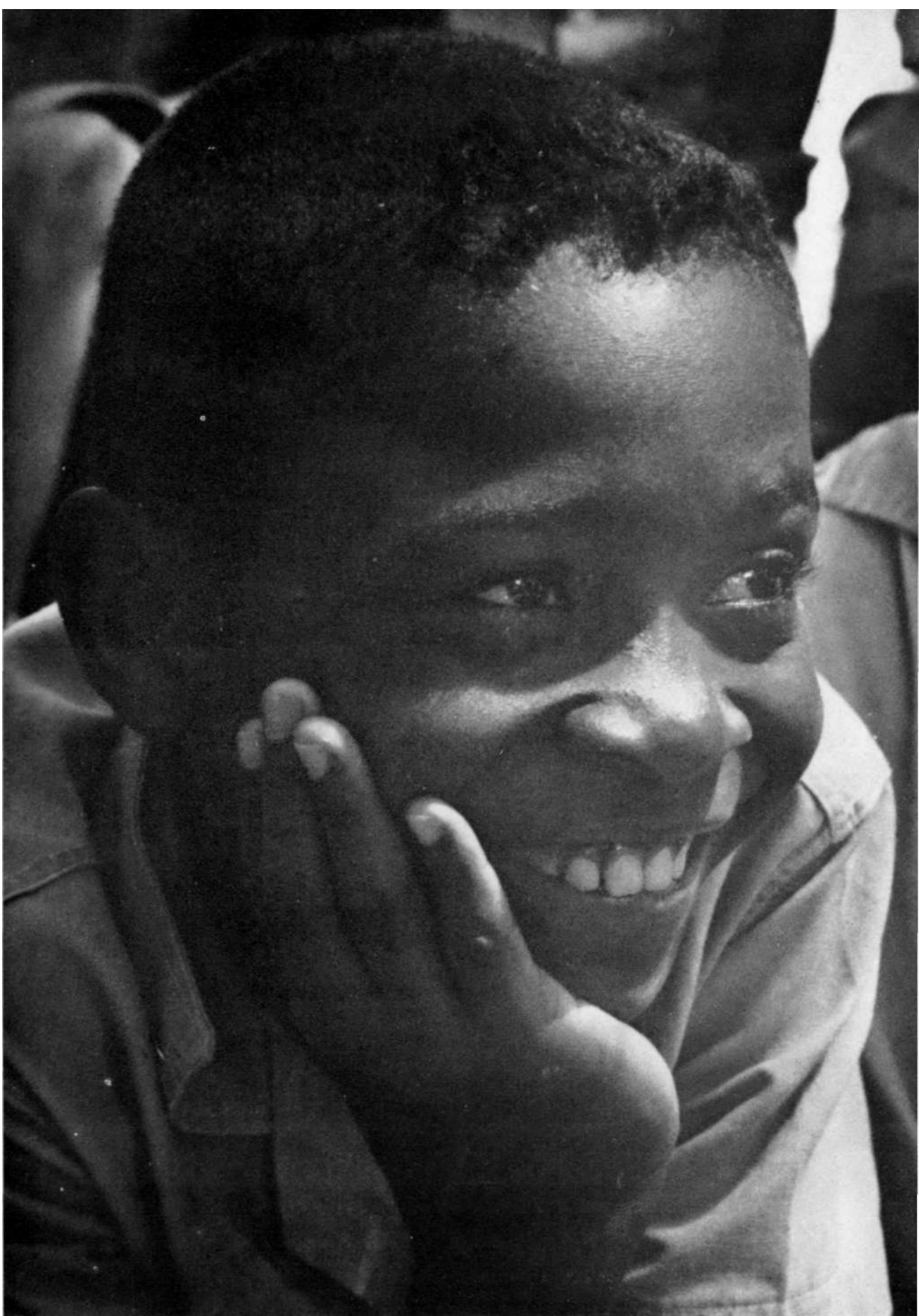
Existe no Centro a "Assistência Escolar" que tem por finalidade principal concorrer para as despesas de material didático e ajuda aos alunos comprovadamente necessitados. A receita da Assistência Escolar é constituída por donativos, produtos de festas beneficentes, contribuições de alunos e outros quaisquer recursos a ela destinados.

Tem consistido em distribuição de fardamento completo a todos os alunos, de livros e material didático.

A merenda, encargo que a direção do Centro vem mantendo desde sua fundação, independente de qualquer contribuição do aluno, bem como distribuição de medicamentos e donativos de óculos, completam a assistência material.

Funciona na Escola-Parque o gabinete médico com atendimento diário; e, nas Escolas-classe, quatro gabinetes dentários que contam com pessoal designado pela Secretaria de Saúde do Estado e material fornecido pela direção geral do CECR.





ANEXOS

Elementary Education for the few and
Elementary Education for ali:
The Brazilian Experiment

BAHIA et l'école expérimentale
PARQUE.

Elementary Education for The Few and Elementary Education for All: The Brazilian Experiment

ANÍSIO TEIXEIRA

Brazil's experiment in elementary schooling — and possibly Latin America's — has been, up to the present, an elementary school experiment for a part of, and not for the whole school population. Even though it might entertain the hope of being an education for all, it has not succeeded in reaching but a larger or smaller percentage of school-age children.

As a result of this fact, Brazil's elementary school, in spite of its claim of being a school for all, and therefore adapted, in its content, methods and techniques to the Student — and not the latter to the school — is, in truth, a *school for the few*, even though the number of these few has grown and continues to grow.

The school for the few is characterized as being a school whose results and quality *depend above all on the Student*, and not only on program, method and teacher. It is up to the Student to be *capable* of learning and adapting to the program, method or teacher. The process for evaluating his efficiency is the method of Student failure. The more failures there are, the more efficient the school will be considered.

Such a school, called selective school, is generally accepted in the secondary and higher levels, where the predominant idea is that education is not intended for all, but for those who prove themselves capable of receiving it. Its function is thus to prepare the so-called staff of middle and higher Culture in the country, consisting naturally of a limited number of members.

While this middle and higher education begins to aim at enlarging its scope to many, if not to all — as in the United States — it undergoes structural changes in program, and above all in methods, processes and teachers.

In Brazil the elementary school, although available as yet to the few, has lived through two stages. At first, it was organized in accordance with the pattern then prevailing in Europe, as an educational system parallel with the actual preparatory system, aiming at the universities and the instruction of the ruling elite. Its Course included seven or eight years of learning, at the end of which the Student would close his school life, or he might continue it in the so-called vocational schools. It was a copy of the educational dualism current in Europe and especially in France, where inspiration was sought.

The elementary school, the normal school and the schools of arts and crafts made up the system for the middle classes, at that point small and reduced; the high-school and the University made up the school system for the ruling elite.

The elementary school had appropriate quarters, and did not expand except when there were resources and conditions available for its adequate maintenance. Teachers, both male and female, received their training at the normal school, which usually consisted of four or five years' study, after the seven years of elementary and complementary courses in elementary school.

Because applicants to the teaching profession were up to a point selected, elementary teachers — divided in two groups, those for elementary classes and those for complementary grades — used to receive a significant middle-level training, and were not considered members of the *intelligentsia*, or of the ruling class; they were respectable representatives of what the French called "the primary spirit", or in other words, the practical spirit, and not "disinterested".

Since it was not attended by the people themselves, but by the middle class, the elementary school continued thus, restricted, with reasonably good standards, up to the 20's, when the second stage began.

In this second period an attempt was undertaken, to make it more democratic, by extending its scope to all, and not merely to the few then benefiting from school learning. The means adopted to bring this about was to cut down on its duration. The idea was to teach Brazilians how to *read and write*. The State of São Paulo, which led the motion, actually suggested a school Course of two years,

and it took the effort of some educators to raise this period to four years of study in urban communities, and to three years in rural sections.

Once this step was taken, the road was open to an evolution not lacking in amazing distortions. In the first place, from this moment on there was a breach in the evident educational dualism of two separate systems, one for the small middle class, and a second for the ruling classes. The elementary school became a popular school for teaching how to read and write, having no articulation either with the vocational or the academic schools. Both of these latter groups then began to require entrance examinations for those wishing to join their courses, which started at the age of eleven. These courses, though intended for different clientele, no longer bore the stamp of autonomous systems, and would eventually merge into one single system of secondary schools, with mutually equivalent courses.

And the elementary school, curtailed in its duration and programs, while also isolated from the other schools of secondary level, now entered a process of simplification and expansion no matter what. As it was no longer a school for the middle classes, but truly a school for the people, who began to seek it in a real explosion of enrollment, it soon started to operate in two shifts, with independent matriculation, one in the morning, and another in the afternoon: and in larger cities, it actually reached three shifts and even four, in some cases.

Thus, it would be a school for teaching how to read and write. However, because this does not, in itself, make up a complete school aim; and because teacher-training in the normal schools has not been changed and continues to recruit its members from the middle classes, training them for the old semi-academic schooling of the old elementary schools, the new elementary school has become neither a basic education school, which might have been done, nor did it preserve its former, reasonable efficiency as a school preparatory for access to the vocational school of secondary level.

However, this did not mean that it ceased to be a preparatory school: It became a preparatory school for the entrance examinations required by the middle and secondary schools. As this examination has maintained its characteristic as a selective academic examination, the elementary school, without aiming or planning this, and with its short schedule,

became a school of strictly formal and academic teaching, in the sense of being a catalogue of knowledge, for the middle-level entrance examination.

Recruiting matriculations from the popular class as a whole, and finding it unprepared for this type of schooling, the rate of failures rose enormously; the number of school dropouts grew significantly, and the school itself does neither fulfill its popular purposes, nor stand for a good preparatory school.

We might add that from this drastic reduction in its functionality there came a growing need for the secondary school, without which the few survivals of the elementary school would be unable to do anything with the formal Culture received. Hence the disorderly expansion of the secondary schools of academic type, whose efficiency is more than doubtful.

There is no exaggeration in this outline, except that resulting from our intention of underlining more clearly the tendencies and distortions. I well realize that many schools succeed in obtaining a degree of efficiency, but this will always be due either to the selection of the Students or to the selection of the teachers, facts which have always allowed that something be well taught, no matter what the organization of the philosophy of the school.

When the so-called democratization of the elementary school began, in the 20's, we should have tried, not to reduce the curriculum and the length of the school period, but to adapt it to the education of all Students of school age. For this purpose, the following would be indispensable: 1) to maintain, and not to reduce the number of school grades; 2) to extend, and not to shorten the hours in a school day; 3) to enrich the program, with educational activities beyond the intellectual teaching proper; and 4) to train a new teacher, or new teachers for the more extended duties of the school.

And why is that? Because the school was no longer able to remain the partial school, for the mere instruction of the sons of middle class families who went there in search of the complementation of the education received at home, in strict affinity with the school curriculum. Instead, the school should aim at being an establishment for providing education in the broader sense of the word, to children of all classes, from the middle and upper classes to the much more numerous popular classes, which sometimes

don't even own a home, and which hardly ever bring from family life the experience and the habits in the instruction they are about to receive.

For this very reason, the school could no longer remain the dominantly instructive school of the past, but should replace the home, family, social class and lastly the school itself, offering the child complete opportunities for living, and including activities in study, work, social life, recreation and games. For such a school, therefore, a new curriculum would be needed, a new program and a new teacher. The popular school for an underdeveloped society, with a pronounced social stratification, far from being easier, becomes the most complex and the most difficult of schools.

Whatever the difficulties may be, this will have to be the elementary school with which we will solve the problems arising from the rigid social stratification and the serious economic unevenness in Brazilian society. Through it we will create equal opportunities for all, which is the essence of democracy.

The problem of an elementary school for all, with a view to the integration of the whole population in the context of modern society: the Center of Elementary Education in Bahia, as an experiment toward the solution.

It was with the purpose of presenting a model for this type of elementary school that the Centers for Elementary Education were designed, in Bahia. Of these, the Carneiro Ribeiro Center, in Salvador, represents the first demonstration.

At these Centers, the school day is divided into two periods, the first for instruction, in class; and the second for work, physical education, social activities proper and artistic activities. The Center operates like a day-school, with Students arriving at 7:30 A.M. and being returned to their families at 4.30 P.M.

In order to make this type of school more economical, each compound was designed for 4 000 Students, and includes four class-schools, for a thousand Students each, in two shifts of 500 — which means a minimum of twelve schoolrooms — and a park-school, with a work pavilion, gymnasium, social activities pavilion, theater and library, for the above-mentioned 4 000 Students, in shifts of 2 000 in the morning and 2 000 in the afternoon, plus other buildings for the cafeteria, and administration offices.

Thus, the compound resembles a child Campus, with Students scattered out among the buildings of the class-

schools (formal activities of intellectual learning) and among the workshops, gymnasium, sports field, social activity building (shop, clubs, children's organizations), theater and library.

The philosophy of the school aims at offering the child a replica of life in society, with its diversified activities and its rhythm of "preparation" and "carrying out", providing him with experiences in responsible study and action. While on one hand there is in the class-school a predominant sense of *preparation*, on the other hand, in the *park-school* (name given to the compound formed by the work-activity, social, physical education and arts buildings), the sense of complete activity predominates, with its stages of preparation and carrying out. And the Student is expected to practice in full his sense of responsibility and practical action, whether in his work (which is not mere exercise, but the actual making of something complete and of utilitarian value), or in the games and recreation; be it in the social activities, the theater, in the music and dancing rooms, or in the library which is not intended for studying only, but for reading and enjoying the treasures of the mind.

Although the experiment now under way in Bahia has been in operation for some years, only at present, in 1962, will it have its installations completed, with the library, the theater and the social activity pavilion. Up to now there were in operation the work-activity and the physical education pavilions, and the open-air theater, besides the class-schools.

With the extension of the school period to eight years, there should now be the inauguration of the sixth, seventh and eighth grades (complementary grades), which will raise the learning period to ages thirteen and fourteen. However, due to the fact that the school stands in one of the poorest districts in the city of Salvador, the Center has always had many Students of these ages, who were retarded in their regular schooling.

For the new activities of this Center, teachers were recruited among those from the State normal schools, for the class-schools of formal teaching; and those intended for the other activities received special training in the specialized courses organized by the Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

There is a plan to complete the project for the Carneiro Ribeiro Center with the construction of a dormitory for 200 Students, or five per cent of the total enrollment. This

dormitory will shelter orphans or abandoned children in need of education plus boarding. Such children will take part in all school activities, like the others, but will live in the Center itself. It is hoped that in this way they will not feel segregated, but on the contrary, raised to the status of hosts to the other children who come to the Center as day-students. Whenever possible, they will be given tasks and responsibilities in the organization and distribution of activities at the Center, so that they may fully realize the trust they deserve from their principals and teachers.

The school system of Brasília was organized in accordance with this model Center in Salvador, Bahia. We have drawn the plan with the purpose of giving Brazil's capital a chance to offer the nation a school compound which might stand as an example and a demonstration for the Brazilian educational system.

In this article we have dealt only with the program of education for all, that is, elementary education. We have sought, in the Carneiro Ribeiro project, to combine classroom teaching proper, with the self-education resulting from activities where in Students participate with full responsibility. That is why the school day lasts for eight hours, divided between study and work activities, art and social living. At the "elementary education Center", in addition to the four hours of formal education given at the "class-school" building, where he learns how to "study", the child is given four more hours of work activities, physical and social education, activities in which he engages, individually

or in groups, thus learning how to work and to get along with others.

We can readily realize the amount of changes that will have to be introduced in school architecture, to meet a program of this kind. It is no longer a question of schools and classrooms, but of a whole compound of places, where children may scatter and engage in activities of "study", "work", "recreation", "assembly", "administration", "decision", living and group-living in the fullest sense of the word. The school architecture should thus combine aspects of the "traditional school", with those of the "Workshop", of the sports and recreation "club", of "home", of "business", of "restaurant" and "theater", including perhaps the most complex and diversified program of all the special forms of architecture. The outline which accompanies this book seeks to show how architects are approaching the new needs and functions of this ambitious, modern school.

Should circumstances allow it, the experience now under way in Salvador, Bahia, may mean the first step of an effort which means not only a circumstantial cure, but the very solution for the problem of elementary education, common in Brazil, or in other words, the necessary structural change of the elementary school in order to meet the goals of the new society which an accelerated economic development will inevitably bring about, and which, only through the catalytic agent of this new type of education, will cease to be an upheaval and become a solution.

Translated by Amalia C. Machado da Costa.



BAHIA

et l'école expérimentale PARQUE

MAX FOURESTII-R

En novembre et décembre 1961, j'ai eu l'honneur, sous les auspices de notre ministère des Affaires étrangères, d'accomplir une mission culturelle en Amérique du Sud. Ce fut un merveilleux périple jalonné par ces escales aux noms enchanteurs: Caracas, Lima, Santiago du Chili, Buenos Aires, Montevideo, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia et La Paz, la capitale du haut du monde (4 000 mètres d'altitude, en Bolivie...). Dans le Boeing 707, "Château-de-Josselin", du jour de Noël, qui me ramenait à Paris après de merveilleux voyages de 37 000 kilomètres, j'évoquais beaucoup de souvenirs. J'espérais n'avoir pas déçu mes auditeurs avec mes trois thèmes de conférences si souvent exposés: "l'Endoscope Universel" (brevets d'invention du Centre National de la Recherche Scientifique), mon oeuvre physiologique (et plus particulièrement l'expérience B.C.G. de Montreuil), les "Expériences scolaires de Vanves" enfin (qui avaient suscité tant d'intérêt, surtout en Argentine et au Brésil). Je revoyais aussi un grand nombre de figures amies, des paysages extraordinaires, des spectacles et des réalisations hors du commun, notamment l'école expérimentale Parque à Bahia (Brésil), dont je vais parler en racontant ce que j'y ai vu et ce qui m'a été dit.

Le voyage aérien Rio-Bahia (1 300 km) me fit découvrir que tout au long de la côte brésilienne il n'y avait pas "une" baie de Rio, mais des centaines, tant mer et terre se sont entrelacées, jadis, en des étrointes puissantes et convulsives. J'allais vers le nord, oui, mais là-bas c'est aller vers encore plus de soleil et de chaleur (Bahia est sur le 13° parallèle, c'est-à-dire l'équivalent "chez nous" de Dakar). Des la sortie de l'aéroport de Bahia, ce fut la visite d'un petit lac, lieu sacré pour les Noirs, il y a encore peu de temps; la plage traditionnelle est toute proche avec ses co-

rotiers très carte postale; il fait une chaleur étouffante (je suis près des Tropiques et c'est l'été!), le ciel est sombre à force d'être bleu, des Noirs ou des Métis partout; décidément, je suis dans l'ambiance!

Mais la ville elle-même? Deux zones très contrastées: la basse, du bord de mer, la haute, des collines, qui communiquent sur un plan presque vertical par des ascenseurs ("elevators") modernes ou de l'ancien temps. Une cite aux églises aussi nombreuses que les jours de l'année. . . Et quelles merveilleuses stations (d'un vrai chemin de croix touristique!) furent mes visites à San Francisco, San Domingos, San Pedro dos Clericos, Norte-Seigneur de Bomfin, de cloître de l'église du Carmel, Dos Passos et son escalier monumental, etc. A Bahia, l'architecture est autant florale que. . . de pierres, c'est-à-dire qu'on ne sait plus, tant les patios font partie des pièces d'habitation, ce qui est jardin ou ce qui est maison. Ainsi l'hôtel où j'étais logé, une des premières réalisations en Amérique du Sud de Le Corbusier. On ne se lasse pas d'errer dans le vieux Bahia, comme dans la célèbre rue en pente Pelourinho où les esclaves noirs, jadis, étaient châtiés en public, et sur le port notamment devant l'église de la Conception-de-la-Plage; et le 8 décembre le jour de la grande fête de la Vierge, ce fut pour moi la découverte d'une de ces curieuses cérémonies où le sacré se mêle si intimement au profane.

La plus belle réalisation, proprement pédagogique, du Centre Brésilien de Recherches Éducatives est le Centre éducatif Carneiro Ribeiro ou l'école expérimentale Parque que j'avais hâte de visiter, tant on m'en avait parlé du Brésil. "Ce centre a été conçu quand le professeur Anísio Teixeira était chargé de l'administration de l'éducation de l'État de Bahia. Cette entreprise est une véritable révolution dans le domaine de l'enseignement élémentaire au Brésil, car elle se propose de donner une éducation intégrale aux enfants de sept à quatorze ans, qui ont le droit de trouver à l'école des conditions nécessaires à l'épanouissement et au développement de toutes leurs aptitudes", tels ont été les premiers mots qui me furent dits le jour de la présentation. Ce centre est composé d'un noyau central de bâtiments ultra-modernes (gymnase olympique, théâtres: l'un dos, l'autre à ciel ouvert, bibliothèque, immense restaurant, bâtiments des centres d'apprentissage professionnel, installations sanitaires, service médico-social, etc), dans un parc verdoyant et superbe (d'où l'appellation: école-parc), et de trois écoles-classes, chacune de mille élèves, en périphérie du site (un kilomètre

environ), drainant les enfants du quartier. peut-être parmi les plus déshérités et pauvres de Bahia, celui de Saint-Lazare.* Dans ces écoles-classes, les enfants travaillent une demi-journée (soit le matin, soit l'après-midi), pendant quatre heures, et comme dans toutes les écoles primaires du monde, ils y apprennent les techniques fondamentales du langage, de la lecture, de l'écriture et du calcai, ainsi que des notions d'histoire, de géographie et de sciences, en accord avec les programmes officiels. L'autre demi-journée (de quatre heures elle aussi) se passe à l'école-parc, où les enfants prennent le repas de midi et où ils sont instruits dans toutes les autres disciplines qui doivent leur permettre d'acquérir une éducation élémentaire intégrale: sportives, artistiques, manuelles, professionnelles, "socialisantes" (cette appellation non politique signifiant, dans son sens platonicien, toutes les qualités nécessaires à un homme pratiquant une vie de Société, et quel que soit son métier); en outre, santé et morphophysiologie des enfants sont régulièrement contrôlées.

Au total — car il n'y a pas de jeudi libre comme chez nous — la scolarité hebdomadaire est de quarante-huit heures, dont six heures (en deux séances de trois heures chacune) réservées à l'éducation physique et à l'initiation sportive.

Pour les enfants de sept à dix ans, le programme de l'école-parc est surtout récréatif et artistique; c'est pour le groupe des enfants de onze à quatorze ans que l'initiation sportive et les activités manuelles d'un véritable apprentissage professionnel sont surtout valables. Voici la liste des principaux travaux manuels auxquels les enfants sont astreints: dessin, moulage, broderie, tapisserie, vannerie, couture, céramique, cordonnerie, coupe, travaux sur bois, carton, cuir, métal. Le moulage et le dessin constituent les techniques pratiques de base: tous les élèves y travaillent pendant deux périodes hebdomadaires de quatre-vingt-dix minutes.

Les enfants sont répartis par groupes de quinze dans chaque technique, sous la direction d'un professeur spécialisé, et au moins deux sortes d'activités manuelles sont exigées

d'eux. Bien que l'école-parc n'ait aucune finalité de formation professionnelle, en fait, l'enfant, après une période d'observation probatoire, se spécialise plus ou moins dans ce qui sera, plus tard, son métier. Cinquante-six professeurs et quatorze auxiliaires, soit au total soixante-dix personnes, s'occupent de ces trois mille élèves à l'école-parc et enseignent matin et soir, successivement, tous les jours, deux groupes. Leur présence scolaire hebdomadaire est donc, pour eux aussi, de quarante-huit heures. Cette école, bien qu'expérimentale, est un organisme d'État; la scolarité est gratuite pour les enfants qui bénéficient, outre le repas substantiel de midi, du don d'un uniforme; créée par décret en 1955, elle a commencé à fonctionner en 1958. j'ai constaté de nombreux chantiers de construction qui vont parfaire sans nul doute cet ensemble scolaire unique au Brésil (et dans toute l'Amérique du Sud), dirigé par M^{me} Carmen Spinola Teixeira (sœur du promoteur de l'idée), qui de longues heures durant fut le plus dévoué, déférent et amical des cicérones et répondit inlassablement et sans faux-fuyants, par le truchement d'un interprète, le docteur Luis Ribeiro Sena, à mes questions nombreuses, précises et parfois indiscrètes.

Je l'ai dit en public là-bas, et je le répète ici: une telle réalisation fait honneur aux responsables, au Brésil, de l'Éducation d'État. Au milieu de la misère, des institutions politiques si souvent troublées, dans un pays immense (dix-sept fois la France, continent dans un continent. . .) en plein devenir, creusé de races qui se cherchent et parfois s'opposent, non structure socialement encore et sans bases économiques et démocratiques tout à fait stables, c'est miracle de voir fonctionner une telle pédagogie. Dans mon discours de remerciements et de félicitations, le rapprochement du nom du quartier (Saint-Lazare) et de celui de cette école ultra-moderne, spontanément et sincèrement me fit dire: "Oui, à l'évidence, votre école expérimentale Parque, c'est non la résurrection mais la véritable naissance de tout l'enseignement élémentaire d'emblée parfait qu'elle annonce au Brésil."

Reproduzido ia "Revue Française de l'Élite Européenne", mars 1963.

* Max Fourestier refere-se ao bairro onde está localizado o CRPE.